

Juliana dos Santos Corbett



**CONSTRUÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE
AUTOEFICÁCIA PARA A SORORIDADE (ES-SOROR) E SUA RELAÇÃO
COM EMPATIA E PRÓ-SOCIABILIDADE**



Campinas

2024

Juliana dos Santos Corbett

**CONSTRUÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE
AUTOEFICÁCIA PARA A SORORIDADE (ES-SOROR) E SUA
RELAÇÃO COM EMPATIA E PRÓ-SOCIABILIDADE**

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, Área de Concentração - Avaliação Psicológica, para obtenção do título de Doutora.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ANA PAULA PORTO NORONHA

CO-ORIENTADORA: PROF^a DR^a DIANA AGUIAR VIEIRA

Campinas

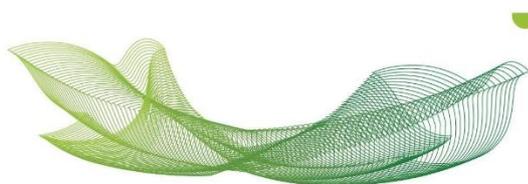
2024

157.93 CORBETT, Juliana dos Santos.
C813c Construção e evidências de validade da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (ES-SOROR) e sua relação com empatia e pró-sociabilidade / Juliana dos Santos Corbett.– Campinas, 2024.
124 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.
Orientação de: Ana Paula Porto Noronha.

1. Avaliação psicológica. 2. Empatia. 3. Pró-sociabilidade. 4. Feminismo. 5. Gênero I. Noronha, Ana Paula Porto. II. Título.

- "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"
- "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



Educando
para a paz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Juliana dos Santos Corbett defendeu a tese “**ESCALA DE AUTOEFICÁCIA PARA A SORORIDADE (ES-SOROR): CONSTRUÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE**” **aprovada** pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 21 de fevereiro de 2024 pela Banca Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Anna Elisa Villemor-Amaral
Examinadora

Profa. Dra. Ariela Raissa Lima Costa
Examinadora

Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
Examinador

Profa. Dra. Verônica Morais Ximenes
Examinadora

Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel
Examinador

Dedicatória

*Dedico este trabalho para minha mãe e para as mulheres de minha família,
as que vieram antes de mim, as que seguem aqui dentro e me fizeram quem sou.
Para as tantas outras mulheres que lutam. Para as que lutam com seus filhos e filhas que
seguem por vezes sem o tempo, mas com muito amor.
Especialmente para meu Augustus.*

Agradecimentos

Fazer os agradecimentos é uma parte muito bacana, mas sempre fico com a sensação de que estou esquecendo de alguém já que tantas são as pessoas que em minha jornada de estudos são apoio, respiro, cuidado e afeto. Desde já obrigada, pois não foi fácil seguir esta jornada na pandemia. O processo até aqui foi intenso e por vezes doloroso, mas segui nos desafios apresentados e em muitos momentos me sentindo vitoriosa e em tantos outros com a sensação de não dar conta. Mas tudo só foi possível por ter o privilégio da minha rede de apoio, algo que faz toda a diferença e que nem todas as mulheres podem contar.

Primeiro agradeço a Augustus e Pablo por estarem ao meu lado, entenderem minhas demandas, estresses, necessidade de aquietar e ficar mergulhada nos estudos. Filho, que você possa compreender e aprender que as escolhas da mamãe passam sempre por você e que fazer o que se gosta é uma dádiva. Ao Pablo, amor, amigo e companheiro que me apoia e sempre segue nas lutas ao meu lado. Tudo só foi possível pois tenho o amor e o companheirismo em meu cotidiano.

Meus pais, José e Neusa, como exemplos de vida, contribuição na construção de minha militância, pela torcida, por todo o amor e cuidado com minha família. Aos meus irmãos, Ziço e Maia, e minha cunhada Roberta que além do apoio sempre seguram a barra, principalmente com os cuidados com Augustus. Para meu Fefe, sobrinho querido, que também se dispõe a entreter meu pequeno. Nessa empreitada, agradeço também minha sogra Claudia e seu companheiro Bassan, os avós amorosos que ficam com o pequeno quando as demandas crescem, além dos abraços e torcida afetuosa. Aos amigos que são família, também nos respiros semanais Livia, João e os pequenos sobrinhos de coração Bia e Gabi. Família é primordial e sou grata pela rede que tenho, pela torcida que me motiva e pelo amor que recebo.

As amigas, mulheres e militantes que me inspiram, apoiam, ajudam a pensar, aqui deixo alguns nomes que foram meu respiro nos anos de convivência e nesses anos de pandemia. Elas

representam tantas outras: Fabiana Taioli, Jaqueline Menezes, Josiane Cintra, Lucilene Gomes, Mariana Saes, Paula Santucci, Raquel Alves e Tamiris Gallano, meu muito obrigada. E os amigos sempre presentes e que são empáticos com as lutas pelos direitos das mulheres Daniel Rigotti e Ricardo Castro.

A minha mestra orientadora Ana Paula, obrigada por tanto. Uma admiração desde a graduação. Ana sempre tão empática e geramos uma relação de muita Sororidade. Gratidão eterna por me aceitar, por aceitar um tema destoante do habitual no programa, por me desafiar, por acolher minhas sombras e desesperos de forma respeitosa.

Para Diana, que mesmo distante pode contribuir com o processo. Orientando no que foi possível, sugerindo e torcendo de longe. Ir para Portugal não deu, mas sempre esteve disposta em me receber. Gratidão pelo encontro e trocas.

Agradeço todos os meus professores e professoras da pós, e todos os que pude encontrar em minha trajetória, pois contribuíram com a profissional e a estudante que sou. Agradeço também a todos os estudantes com os quais tive a honra de trocar conhecimentos e ser professora. É uma alegria e parte da profissional que sou, todos eles me fizeram uma educadora melhor.

Aos grupos que me fortalecem, me apoiam, fazem sentido no estar, pensar e lutar junto. A turma de pós-graduação online 2020, pelos risos, as lágrimas e a motivação no processo e nas disciplinas. Um agradecimento especial pela parceria nas atividades e trabalhos para, a hoje amiga, a chará Juliana Ignatti. Para Bia (Beatriz Zanarella) pelo empurrão para o doutorado, pelo incentivo e parceira de viagem. Ao grupo de estudos do Laboratório de Avaliação de Características Positivas (LabC+), pessoas com quem aprendo, dou risadas e sigo por uma psicologia científica e positiva. Em especial a querida Maria Theotônio, “minha guru” da Autoeficácia, Andreia Campos e Ligia de Santis na parceria cotidiana. As mulheres do Fórum de Humanização do Parto e Nascimento de Campinas, pelas amizades, trocas, lutas e

construções coletivas; as mulheres do CMDM (Conselho Municipal dos Direitos da Mulher) que contribuíram e me fazem pensar na diversidade de ser mulher em Campinas; as mulheres do Núcleo ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) Campinas, pela constante preocupação na atuação crítica, coerente de uma psicologia libertária e para todes; a todas as mulheres que tive a oportunidade de conhecer, conversar e marchar juntas na Marcha da Margaridas 2023.

A todas as mulheres que estão neste estudo. Todas que responderam, compartilharam e que incentivaram outras a participarem da pesquisa em todas as etapas. E dessas tantas, minha gratidão em especial para as que puderam iniciar todo o processo da construção da escala, lá no primeiro estudo em meio a pandemia, as mulheres que seguem trabalhos maravilhosos com outras mulheres, que são elas: Carol, Domingas, Fabiana, Larissa, Luciana, Lucilene, Maria Silvia, Sandra, Raquel, Thara e Vera. Vocês estiveram comigo nos últimos três anos e sou muito grata pela Sororidade.

Agradeço as pessoas que compuseram a minha banca de qualificação: Daniela Sacramento Zanini, Evandro Morais Peixoto, Rodolfo Augusto Matteo Ambiel e Viviane Melo Mendonça, obrigada pelas contribuições no processo. Obrigada também para a banca de defesa: Anna Elisa Villemor-Amaral, Ariela Raissa Lima Costa, Evandro Morais Peixoto, Rodolfo Augusto Matteo Ambiel e Verônica Morais Ximenes, que ampliaram as possibilidades, contribuíram com o aperfeiçoamento do trabalho com muita leveza.

Enfim, a Deus, Maria, Sant'Ana, São Francisco e as Deusas, por manterem minha luz e aquietar meu coração com perseverança, fé e amor!

Memorial

Sou Juliana dos Santos Corbett, nome de casada e que me acompanha nas experiências docentes. Na rede continuo sendo a Ju Santos. Sou a quarta filha, minha irmã mais velha faleceu com dois meses de vida. Hoje somos três, meu irmão Gilson, minha irmã Gilmara e eu a caçula que muitas vezes assumo o papel e as demandas de irmã mais velha. Sou a criança que insistiu em vir para esse mundão. Quando minha mãe foi fazer laqueadura, lá estava eu. Com sete meses da minha gestação minha mãe quase teve uma apendicite soporada e cheguei ao mundo mais cedo. A necessidade em ser forte foi por sobrevivência, depois foi por necessidade e, hoje, tento não precisar ser tanto, pois busco a manutenção de uma vida mais leve.

Sou de família paranaense e meus pais, alguns tios e tias, vieram do Paraná para São Paulo em busca de trabalho da década de 1970. Campinas estava recebendo muitas grandes empresas, por isso foi a cidade escolhida. Meu pai foi industriário de uma multinacional química farmacêutica e minha mãe, costureira.

Nasci e cresci numa região rural de Campinas, em Sousas (hoje bem diferente) onde as relações comunitárias sempre foram naturais. Sempre fui uma criança curiosa, travessa e pequena. Ainda sou conhecida como Julianinha e Ju formiguinha. Para dar conta do trabalho na máquina de costura, minha mãe me ensinou a ler, escrever o nome dos familiares e fazer contas. Ficava do lado dela, aprendendo com seus estímulos. Entrei na escola mais cedo, com 5 anos, foi a minha maior alegria. Sempre adorei estudar e tenho a memória do meu primeiro dia de aula.

Fiquei do pré-primário até o quarto ano do ensino técnico na mesma escola. Uma escola estadual técnica em Sousas. Essa era uma época pré-Diretas Já, meus professores, principalmente os de história e geografia, eram bastante críticos e motivavam nossa participação nos espaços coletivos. Desde cedo, fui representante de sala, participava do conselho de escola e do grêmio estudantil. Por ter uma mãe bastante participativa na

comunidade e sempre envolvida com ações comunitárias, para “ajudar o outro”, a participação sempre me soou natural. Me envolvi com movimento estudantil, movimento de igreja, ONG’s que focavam suas ações na defesa dos direitos humanos e, hoje, entendo que meu envolvimento na participação política e, conseqüentemente, meu engajamento no controle social foram construídos na escola. O gosto em estar em grupos me acompanha desde muito cedo.

Iniciei o ensino médio técnico em Magistério. Neste momento tive contato com a disciplina Psicologia e com um grupo de estagiárias que fizeram algumas atividades com minha turma. Eu adorei e neste grupo estava a Cássia Bighetti (que também é de Sousas) e, posteriormente, eu tive aulas com ela na faculdade e segue sendo um grande exemplo de docência para mim. Nessa época, 1992, eu participei da reativação do grêmio estudantil que foi fechado na ditadura e, por esse motivo, conheci uma instituição chamada SOS adolescente. A instituição estava fazendo contato com grêmios para divulgar um projeto de prevenção às DST/AIDS e captar interessados em ser multiplicadores de informações.

Conclusão, do contato e participação no projeto, fiquei na ONG durante 14 anos. Fui adolescente multiplicadora, estagiária, educadora, psicóloga e, por fim, coordenadora pedagógica. Foram anos de aprendizado em educação social e não escolar, direitos humanos, várias formações com o Ministério da Saúde, atuação em empresas, escrita de projetos e intervenções. Fiz parte do Movimento de Adolescentes do Brasil e viajei muito por esse Brasilão. Construí uma rede de afetos e que me rende parcerias profissionais até hoje.

Mas, no colégio técnico, não segui o magistério, pedi transferência para o curso de Patologia Clínica, aquele curso que eu nem queria, mas me envolveu, me apaixonei no estágio final e fiquei trabalhando em laboratório de análises clínicas por 8 anos. Trabalhei em vários laboratórios, fui responsável pelo setor de bioquímica e, muito jovem, já era supervisora de coleta. O que eu mais gostava de fazer era conversar com os pacientes.

Quando decidi prestar vestibular, eu me vi em dois caminhos: o natural, seguir algo ligado às análises farmacêutica ou bioquímica; e o que meu coração sentia: eu gostava de pessoas, do grupo, de criar estratégias com adolescentes; eu convivía com muitas psicólogas na instituição e tinha aquela experiência lá do ensino médio com as estagiárias que eu amei participar. O coração bateu mais forte pela psicologia, ainda bem!

Prestei Unesp, Unicamp (por pressão da família – Ciências Sociais) e USF em Itatiba. Não fui para a segunda fase da Unicamp, fiquei na lista de espera da Unesp em Assis e passei na USF. Na época eu tinha um trabalho estável e ir para Assis para fazer o requerimento da vaga e aguardar a lista era algo impossível para uma trabalhadora (hoje é tudo tão mais fácil). Então me matriculei na USF. Cursei Psicologia no período noturno, pois precisava trabalhar para pagar a faculdade. Eu fui a primeira pessoa da minha família a fazer faculdade. Entrei já com o desejo em ser uma Psicóloga Social. Trabalhava durante o dia como técnica, estudava a noite, tinha aula aos sábados de manhã, fazia as atividades da ONG aos sábados à tarde e plantão no laboratório aos domingos pela manhã. No meio desta rotina fui fazendo os estágios. UFA!!! Foram anos intensos, mas enriquecedores. Era sempre um perrengue de transporte, grana e tempo. Mas, foram anos maravilhosos; construí amizades verdadeiras, tive um corpo docente maravilhoso com quem fiz vários laços e tenho boas recordações dessa época (1997 – 2002).

Meu TCC tinha o título “Protagonismo Juvenil e estágio final em Psicologia Social” e foi desenvolvido na SOS adolescente com o título “Ponto Jovem” onde eu desenvolvi ações de protagonismo juvenil por um ano com um grupo de adolescentes. Este estágio eu fui orientada pela querida Prof^a Ana Paula Porto Noronha. Nossa relação vem de longe e que eu agradeço. Ambas experiências marcaram minha trajetória profissional e me rendeu a contratação como educadora social numa fundação e pude fazer a transição de carreira logo que me formei.

No final da faculdade já participava de um Grupo de Trabalho (GT) sobre Criança e Adolescentes no Conselho Regional de Psicologia subsede Campinas. Aprendi, e aprendo, muito com os profissionais que passaram por lá e fui representante da subsede em algumas gestões em alguns dos conselhos de direitos, como o Conselho Municipal de Assistência Social de Campinas (CMAS) e no conselho Municipal dos direitos da Mulher de Campinas (CMDM).

Como toda estudante, me formei e falei que NUNCA MAIS iria estudar (risos), em seis meses já estava com comichão e procurando algo para fazer. Em 2003 era aluna especial na Unicamp, na área de Psiquiatria da FCM, cursava três disciplinas com temáticas que julgava ter visto bem pouco na faculdade. Em 2004 estava na especialização, “Psiquiatria e Psicologia Clínica da Adolescência”. O título do meu trabalho final foi “Protagonismo Juvenil: o que mobiliza sua continuidade?” O curso era multiprofissional, bem robusto e as horas eram divididas em aulas, estudo de caso, atendimentos individuais, grupais, supervisões e construção do trabalho final; no meu caso, foi uma pesquisa. Adorei essa fase, foram dois anos e era tudo que sempre faz meu ser pulsar: estudos, conhecimento, trocas, amizades, bons professores e desafios.

Em 2006 uma colega querida a Viviane Melo, psicóloga que trabalhava comigo na SOS adolescente, estava deixando as aulas, pois tinha passado num concurso e me indicou para assumir suas aulas numa faculdade na zona leste de São Paulo capital. Sempre fiz palestras, cursos de capacitação, oficinas e workshops por causa das instituições, mas o convite foi para lecionar em uma faculdade. Precisavam de alguém com experiência para assumir as aulas sobre adolescência nos cursos de licenciatura. Veio um grande medo e a sensação de que não era para mim, que não ia dar conta. Vivi me encorajou e lá fui eu para a minha primeira experiência no ensino superior. Aí peguei gosto. E ela estava na minha banca de qualificação do doutorado, foi muito especial tê-la comigo neste momento.

Em 2007 tive uma experiência no SENAC, no programa de educação para o trabalho e com Jovens Aprendiz. Nesta época já recebia estagiários na SOS adolescente. Fiz vários contatos com instituições de ensino e em 2010 voltei para as aulas no ensino superior em Campinas. Em 2009, fui fazer outra aula na Unicamp de Educação Ambiental. Foi tão maravilhosa que tentei mestrado nesta área, mas não rolou.

Em 2010 já tinha muita experiência no campo social e pela minha experiência com adolescentes e jovens fui convidada a ajudar uma congregação a instituir um trabalho na região noroeste de Campinas. E como adoro desafios, segui o chamado. Eu e uma assistente social construímos tudo, alugamos o espaço, contratamos a equipe, mobilhamos a casa e construímos o projeto pedagógico. Foi lindo e tenho grandes recordações desta época, trabalho que se encerrou em 2013.

Por estar na rede de atenção em Campinas, em 2011 fui participar de um grupo de pesquisa na Puc Campinas, na área de Psicologia Social (minha área de atuação) e, por isso, eu escrevi um lindo projeto de mestrado para desenvolver fóruns de discussão com usuários da Política Pública – SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Fiz o processo seletivo, fui aceita, porém na mesma semana descobri que estava grávida e, então, não fiz minha inscrição.

Minha família teve início em 2009 com Pablo, meu companheiro. Augustus chegou em 2012, regado de amor, alegria, saúde e com minha maravilhosa rede de apoio, mas sofri muita violência obstétrica. Eu tinha um buraco enorme dentro de mim e isso me inquietava. Por isso, em 2013 busquei algo para aquietar meu coração e, como sempre, fui estudar. Entrei no mestrado na Saúde Coletiva da Unicamp em 2014 e minha dissertação teve como título: “Grupos de Apoio a Gestantes e Casais e Seus Efeitos na Jornada para o Protagonismo das Mulheres no Parto”. A pesquisa me levou a compreender três categorias apresentadas pelas puérperas: acesso às informações/saberes contra hegemônicos sobre parto e nascimento; rede de apoio; e luta pela possibilidade de tomar decisões. Foi um processo maravilhoso, mais uma

vez com professores, amigades e uma pesquisa linda que rendeu um vídeo como produto. O mestrado teve seus percalços, mas com ele iniciei minhas pesquisas sobre sororidade.

Em 2016 era Mestra em Saúde Coletiva: Políticas e Gestão em Saúde, e eu já lecionava em duas faculdades, em paralelo a muitas experiências profissionais. Construí minha trajetória apoiando pessoas, grupos e instituições na jornada da autonomia, do protagonismo e na garantia dos direitos humanos. Segui minha atuação nas trocas, desenvolvendo ações intersetoriais e nos coletivos. Eu acredito muito nas ações coletivas e acho que essa será a forma de mudar o mundo.

E pela relação coletiva em 2017, entrei num quadro societário na SEMEARH, com alguns amigos queridos e pudemos desempenhar muitas atividades de consultoria no campo da assistência social e na garantia de direitos. Trabalhar com pessoas queridas e poder desenvolver ações com as quais eu me identifico foi e é um privilégio. Desenvolvemos projetos, realizamos conferências de direitos e criamos muitas ações interessantes.

Em 2018 obtive o título de especialista em Psicologia Social pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia) e foi um momento de muita alegria, pois validei toda a minha trajetória na área. É claro que outras inquietações chegaram e comecei a pensar no doutorado. Eu compunha alguns coletivos sempre na busca para contribuir com questões e justiça social. Participava, e ainda participo, da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), do Conselho Municipal de direitos da Mulher (CMDM), do Fórum de Humanização do Parto e do Nascimento da cidade de Campinas e, junto com outras mulheres, profissionais e militantes seguíamos lutando para garantir os direitos de mulheres, buscando gerar ações de sororidade e empatia. E então este tema começou a criar corpo em 2019.

Motivada por sempre contribuir com outras mulheres, surgiu o interesse em me aprofundar sobre o tema da sororidade. Ter a possibilidade de fomentar melhores relações e que isso possa contribuir com a crítica ao patriarcado, mais autonomia e garantia de direitos

das mulheres, além de entender ser um possível caminho para a contribuição social dos movimentos.

Voltei para a USF, fiz contato com a professora Ana Paula, fiz o processo seletivo com receio por ser uma área nova, mas que iria contribuir com minha vida profissional e passei. Iniciei as atividades em 2020 e, uma semana depois, teve início a pandemia da Covid-19. Foram anos difíceis em todos as esferas. Se eu soubesse que algo assim iria acontecer, não teria me matriculado. Mas me matriculei, cursei, sofri, sorri, chorei e minha história está terminando com a aproximação da defesa. Fiz amigos, tive excelentes professores e uma orientadora querida.

Em 2020 abri uma outra empresa, a ENTERAR PSICOLOGIA, que significa curiosidade em espanhol. O objetivo é contribuir com uma psicologia mais leve e menos solitária. Por isso, a brincadeira com o En.ter.ar! Esse trabalho deixou meu coração quentinho na dureza da pandemia.

Hoje, sou mãe, empresária, psicóloga, mestra, quase doutora, docente das áreas da psicologia social e políticas públicas e a profissional que, desde a adolescência, se envolveu com questões coletivas e de participação social. Durante minha formação e meu caminhar profissional, me envolvi, exercitei e trabalhei com o outro sempre na perspectiva da autonomia, da relação empática e na crença que a mudança só se dará pelo coletivo.

E sigo para as cenas dos próximos capítulos, com mais estudos, novas descobertas, novos coletivos e sempre com a sorte de ter bons encontros e boas relações afetivas!

*Companheira, me ajude porque eu não posso andar só.
Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor.*

(Marcha das Margaridas)

*Por aprendizagem significativa, entendo, aquilo que provoca profunda
modificação no indivíduo. Ela é penetrante, e não se limita a um aumento
de conhecimento, mas abrange todas as parcelas de sua existência.*

(Carl Rogers)

Resumo

Corbett, J. S. (2024). *Construção e evidências de validade da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (ES-SOROR) e sua relação com Empatia e Pró-sociabilidade*, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

As crenças de Autoeficácia para a Sororidade envolvem os julgamentos individuais da mulher sobre sua capacidade de cultivar relações positivas com outras mulheres. O termo Sororidade ganhou destaque recentemente no meio acadêmico, mídia e movimentos sociais. Tratando-se de um domínio específico da Autoeficácia, busca-se não apenas levantar opções de ação, mas avaliar o grau em que as ações são reguladas e implementadas para que as mulheres se sintam capazes de apoiar umas às outras. Desta forma, a presente tese tem como objetivo apresentar o processo de construção da escala de Autoeficácia para a Sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas. O delineamento teórico e construção da escala foram norteadas a partir do questionamento: “Como a empatia entre mulheres impacta a autoeficácia para a sororidade e pode influenciar a pró-sociabilidade?” O trabalho será dividido em dois artigos. O Artigo 1 versa sobre a construção da escala e as evidências de validade de conteúdo e foi organizado em dois estudos. O objetivo do estudo 1: construir itens, buscar a validação de conteúdo e realizar um estudo piloto, compreendendo três etapas. Na primeira etapa foram realizadas entrevistas semiestruturadas áudio gravadas com 11 mulheres. Os dados resultantes foram submetidos à análise de conteúdo, orientando a elaboração de itens. Na segunda etapa, sete juízes e juízas (especialistas e mulheres) avaliaram os itens para validação de conteúdo. Suas avaliações foram registradas em uma planilha Excel e submetidas à análise do CVC. A terceira etapa consistiu em um estudo piloto com cinco mulheres, validando a semântica e compreensão dos 61 itens desenvolvidos. Os resultados indicaram validade de conteúdo e compreensão de ações práticas da Autoeficácia para a Sororidade. O estudo 2 teve como objetivo verificar evidências de validade da estrutura interna da escala e estimar sua precisão, contando com 521 participantes que preencheram os instrumentos online. Análises estatísticas descritivas e Análises Fatoriais Exploratória e Confirmatória revelaram índices de ajuste satisfatórios, confirmando a validade da estrutura interna da Escala de Autoeficácia para a Sororidade. O artigo 2 teve como objetivo compreender até que ponto a Autoeficácia para a Sororidade pode mediar a relação de empatia entre mulheres, promovendo maior pró-sociabilidade. As 521 participantes preencheram os instrumentos de forma online. Este estudo se baseou na premissa de que a empatia mediada pela autoeficácia para a Sororidade, a crença de ser capaz de contribuir com outras mulheres aumenta os comportamentos pro-sociais, confirmado nas análises realizadas. Foi possível desenvolver um instrumento com evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas. Espera-se que os resultados desta pesquisa forneçam subsídios para a criação de ações, incluindo políticas públicas direcionadas ao fortalecimento da rede de mulheres. Almeja-se impulsionar a emancipação e autonomia, resultando na melhoria da qualidade das relações entre grupos femininos. Adicionalmente, busca-se promover discussões mais igualitárias sobre patriarcado e relações de gênero.

Palavras-chave: avaliação psicológica; empatia; pró-sociabilidade; coletivo de mulheres; gênero.

Abstract

Corbett, J. S. (2024). *Construction and validity evidence of the Self-Efficacy Scale for Sisterhood (ES-SOROR) and its relationship with Empathy and Pro-sociability*, Doctoral Thesis, Stricto Sensu Graduate Program in Psychology, Universidade São Francisco, Campinas.

Sisterhood self-efficacy beliefs involve individual women's judgments about their ability to cultivate positive relationships with other women. The term Sisterhood has recently gained prominence in academia, the media and social movements. As this is a specific domain of Self-Efficacy, it seeks not only to raise options for action, but to assess the degree to which actions are regulated and implemented so that women feel able to support each other. In this way, this thesis aims to present the process of constructing the Self-Efficacy for Sisterhood scale and to seek evidence of validity based on content, internal structure and the relationship with external variables. The theoretical design and construction of the scale were guided by the question: "How does empathy between women impact self-efficacy for sisterhood and can it influence pro-sociability?" The work will be divided into two articles. The first article deals with the construction of the scale and the evidence of content validity and was organized into two studies. The aim of study one: to construct items, seek content validation and carry out a pilot study, comprising three stages. In the first stage, audio-recorded semi-structured interviews were conducted with eleven women. The resulting data was subjected to content analysis, guiding the development of items. In the second stage, seven judges (experts and women) evaluated the items for content validation. Their evaluations were recorded in an Excel spreadsheet and submitted to CVC analysis. The third stage consisted of a pilot study with five women, validating the semantics and comprehension of the 61 items developed. The results indicated content validity and understanding of the practical actions of Self-Efficacy for Sisterhood. The second study aimed to verify evidence of the validity of the scale's internal structure and estimate its accuracy, with 521 participants completing the online instruments. Descriptive statistical analyses and Exploratory and Confirmatory Factor Analyses revealed satisfactory fit indices, confirming the validity of the internal structure of the Sisterhood Self-Efficacy Scale. The second article aimed to understand the extent to which Sisterhood Self-Efficacy can mediate empathetic relationships between women, promoting greater pro-sociability. The 521 participants completed the instruments online. This study was based on the premise that empathy mediated by Sisterhood Self-Efficacy, the belief in being able to contribute to other women, increases pro-social behaviors, which was confirmed in the analyses carried out. It was possible to develop an instrument with evidence of validity based on content, internal structure and the relationship with external variables. It is hoped that the results of this research will provide input for the creation of actions, including public policies aimed at strengthening the women's network. The aim is to boost emancipation and autonomy, resulting in an improvement in the quality of relations between women's groups. In addition, the aim is to promote more egalitarian discussions about patriarchy and gender relations.

Keywords: psychological assessment; empathy; pro-sociability; women's groups; gender.

Resumen

Corbett, J. S. (2024). *Construcción y pruebas de validez de la Escala de Autoeficacia para la Sororidad (ES-SOROR) y su relación con la Empatía y la Pro-sociabilidad*, Tesis de Doctorado, Programa de Posgrado en Psicología Stricto Sensu, Universidade São Francisco, Campinas.

Las creencias de autoeficacia de sororidad implican juicios individuales de las mujeres sobre su capacidad de cultivar relaciones positivas con otras mujeres. El término Sororidad ha ganado prominencia recientemente en el mundo académico, en los medios de comunicación y en los movimientos sociales. Al tratarse de un ámbito específico de la Autoeficacia, no sólo pretende plantear opciones de acción, sino evaluar el grado en que se regulan y ponen en práctica las acciones para que las mujeres se sientan capaces de apoyarse mutuamente. El objetivo de esta tesis es, por tanto, presentar el proceso de construcción de la escala de Autoeficacia para la Sororidad y buscar evidencias de validez basadas en el contenido, la estructura interna y la relación con variables externas. El diseño teórico y la construcción de la escala fueron guiados por la pregunta: "¿Cómo impacta la empatía entre mujeres en la autoeficacia para la sororidad y puede influir en la pro-sociabilidad?" El trabajo se dividirá en dos artículos. El artículo 1 trata de la construcción de la escala y las pruebas de validez de contenido y se organizó en dos estudios. El objetivo del estudio 1: construir los ítems, buscar la validación de contenido y realizar un estudio piloto, compuesto por tres etapas. En la primera fase, se realizaron entrevistas semiestructuradas grabadas en audio con 11 mujeres. Los datos resultantes se sometieron a un análisis de contenido que orientó la elaboración de los ítems. En la segunda fase, siete jueces (expertos y mujeres) evaluaron los ítems para validar su contenido. Sus valoraciones se registraron en una hoja de cálculo Excel y se sometieron al análisis CVC. La tercera etapa consistió en un estudio piloto con cinco mujeres, en el que se validó la semántica y la comprensión de los 61 ítems desarrollados. Los resultados indicaron validez de contenido y comprensión de las acciones prácticas de Autoeficacia para la Sororidad. El Estudio 2 tuvo como objetivo verificar evidencias de validez de la estructura interna de la escala y estimar su precisión, con 521 participantes que completaron los instrumentos online. Los análisis estadísticos descriptivos y los análisis factoriales exploratorios y confirmatorios revelaron índices de ajuste satisfactorios, confirmando la validez de la estructura interna de la Escala de Autoeficacia para la Sororidad. El artículo 2 pretendía comprender hasta qué punto la autoeficacia de la hermandad puede mediar en las relaciones empáticas entre mujeres, promoviendo una mayor pro-sociabilidad. Las 521 participantes completaron los instrumentos en línea. Este estudio se basó en la premisa de que la empatía mediada por la Autoeficacia de la Sororidad, la creencia de ser capaz de contribuir a otras mujeres, aumenta el comportamiento prosocial, lo que se confirmó en los análisis realizados. Fue posible desarrollar un instrumento con evidencias de validez basadas en el contenido, la estructura interna y la relación con variables externas. Se espera que los resultados de esta investigación proporcionen insumos para la creación de acciones, incluyendo políticas públicas dirigidas a fortalecer la red de mujeres. El objetivo es impulsar la emancipación y la autonomía, lo que se traduce en una mejora de la calidad de las relaciones entre los grupos de mujeres. Además, se pretende promover debates más igualitarios sobre el patriarcado y las relaciones de género.

Palabras clave: evaluación psicológica; empatía; pro-sociabilidad; colectivo de mujeres; género

Sumario

Apresentação	1
Introdução	3
Evidências de Validade da Escala de Autoeficácia para a Sororidade: Validade de Conteúdo e com Base na Estrutura Interna (Artigo 1)	17
Estudo 1. Elaborar Itens, Buscar Evidência de Validade com Base no Conteúdo e Realizar Estudo de Piloto.....	23
Estudo 2. Evidências de Validade Baseadas na Estrutura Interna da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (Es-Soror) e Estimativa da Precisão.	37
Análise de Mediação da Autoeficácia para a Sororidade entre a Empatia e a Pró-Sociabilidade. (Artigo 2)	51
Considerações Finais	73
Referências	75
Apêndice e Anexos	78

Apresentação

Na tentativa de contribuir com a garantia de direitos e a diminuição de violências, o termo Sororidade passa a ocupar espaço, no Brasil, nos textos de comunicação nas redes sociais e acaba sendo muito difundido pelos movimentos de mulheres. Faz-se necessário ampliar os estudos sobre conceitos importantes para o desenvolvimento social de mulheres, com vistas a potencializar a quebra de paradigma patriarcal e a promover maior autonomia e expressões sociais de mulheres. O termo sororidade, muitas vezes, é erroneamente interpretado como se, por obrigação, as mulheres devessem gostar de todas as outras mulheres, independentemente de suas histórias. De modo distante disso, o conceito provoca relações não rivais e, independentemente de vivências diferentes, as mulheres podem se apoiar e lutar pela opressão comum, a opressão de gênero.

Ainda, sobre o termo refere-se, sobretudo, a ter empatia; sobre o exercício de cada mulher; colocar-se no lugar umas das outras, respeitando seus respectivos contextos. O conceito diz respeito a um comportamento de não julgar outras mulheres e, ainda, ouvir de forma respeitosa suas reivindicações, já que mulheres unidas protagonizam importantes transformações sociais.

A autoeficácia (AE) é um construto que expressa o quanto cada pessoa se sente capaz de desenvolver determinada ação. No caso deste trabalho, esse construto foi utilizado com o domínio da Sororidade. Visa compreender se a Autoeficácia para a Sororidade é impactada pela empatia entre as mulheres e impacta na pró-sociabilidade. Este problema guiou o delineamento teórico e a construção da escala de Autoeficácia para a Sororidade. A pesquisa pode contribuir com programas de educação, na formação de relações mais empáticas, menos rivalizadas e com críticas ao patriarcado, podendo mobilizar o desenvolvimento mais saudáveis e autônomos das mulheres envolvidas.

Para tanto, esta Tese teve como objetivo desenvolver um instrumento de Autoeficácia para a Sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas. O trabalho está organizado em dois artigos: 1. “ Evidências de validade da Escala de Autoeficácia para a Sororidade: validade de conteúdo e com base na estrutura interna” e 2. “Análise de mediação da autoeficácia para a Sororidade entre a Empatia e a Pró-sociabilidade”. Sendo que no primeiro artigo foram apresentados dois estudos, a saber: 1. Elaborar itens, buscar evidência de validade com base no conteúdo e realizar estudo de piloto; e 2. Buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (ES-SOROR) e estimativa da precisão.

Com vistas a reunir a avaliação psicológica e os conceitos dos movimentos sociais expressos na psicologia social, a pesquisa poderá contribuir para o mundo acadêmico, bem como para demandas sociais, considerando a lacuna teórica. No espaço acadêmico, a Sororidade é um tema de pesquisa recente e, como parte dos estudos mais sociais, não tem avaliações em grande escala ou com indicadores. A pesquisa vem somar com possibilidades de fornecer elementos que poderão fundamentar propostas de políticas públicas voltadas à potencialização da empatia, emancipação, autonomia e, conseqüentemente, melhorar a qualidade das relações entre grupos de mulheres, ampliando olhares e questionando a relação estruturante da educação patriarcal.

Introdução

Falar de Sororidade é falar de coletivo. As mudanças sempre se dão por essa via, da luta em coletivos. Na última década, o feminismo ganhou força na América Latina e no Brasil. Assim o termo Sororidade passou a constar com mais regularidade nos meios de comunicação, principalmente nas redes sociais de movimentos feministas (Wolff, 2020). Este termo tem ampliado a discussão do feminismo e apresenta uma nova forma de relações entre as mulheres. Apesar dessa temática se popularizar nos meios sociais, ainda são raras as pesquisas na psicologia, concentradas nas áreas de comunicação e sociologia (Bezerra, 2018). O tema tem como função política contribuir para a resolução de problemas sociais, como as pautas feministas, alinhado as discussões e compromisso social da psicologia. No entanto, não se tem conhecimento de instrumentos para mensurar este conceito. Neste sentido, pretende-se com essa pesquisa construir um instrumento de avaliação de Autoeficácia para a Sororidade e buscar evidências de validade baseada na estrutura interna e na relação com a empatia e pró-sociabilidade, com vistas a reunir a avaliação psicológica, psicometria e os conceitos dos movimentos sociais expressos na psicologia social.

Sororidade

A palavra Sororidade surge no final da década de 1960 e se evidencia com a necessidade das mulheres em compartilhar experiências a partir de relações positivas e saudáveis umas com as outras; uma forma de cultivar laços pessoais, sociais e políticos mais empáticos. A partir das ligações pessoais, sociais e políticos, as mulheres criam importantes elos para combater as diversas formas de opressão perpetuadas ao longo dos séculos pelo patriarcado e colabora com o processo de autonomia e pactos de irmandade entre as envolvidas (Cámara, 2017).

Porém, o termo Sororidade foi incluído no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp) pela Academia Brasileira de Letras (ABL)¹ apenas em 2021. Sororidade está definida no (Volp) como:

“sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres [Do latim *soror*, ‘irmã’ + -(i)dade.]”² (ABL, 2021).

No presente estudo, Sororidade será compreendida como comportamento ético, prático e empático que gera pró-sociabilidade. A relação de união e harmonia entre mulheres, demonstra apoio mútuo, produz espaços de acolhimentos, respeito e empatia. Rejeita a ideia de rivalidade e/ou competição entre meninas e entre mulheres, imagem que foi criada social e historicamente em função da cultura patriarcal (Becker & Barbosa, 2016; Lagarde, 2012; Leal, 2019; Wolff, 2020).

Essa necessidade da união entre as mulheres se fortalece e se faz necessário em função da vivência das mulheres nas relações de gênero desiguais marcadas e mantidas pelo patriarcado. As mulheres têm vivido a aliança entre pares em um compromisso ético-político de luta contra fenômenos de opressão, criando espaços de troca e apoio, vivenciando a Sororidade antes da teorização sobre o tema (Lagarde, 2012). O compromisso ético-político, dinâmico e complexo que anseia transformar o feminismo em uma ação coletiva contribui com o rompimento e ilusão da busca por uma irmandade sem falhas, disputas e contradições (Leal, 2019).

O aumento das desigualdades é ainda maior quando incluímos as interseccionalidades estruturais da cultura brasileira. Sabe-se que as violências contra as mulheres negras e pobres

¹ https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/07/23/academia-brasileira-de-letras-vocabulario-atualizado-lingua-portuguesa.ghtml?utm_source=push&utm_medium=app&utm_campaign=pushg1
<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>

² <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>

são ainda maiores. Piedade (2017) cunha e discute o termo dororidade, por apresentar um conceito da relação de irmandade da mulher negra. A autora discorre sobre a relação entre mulheres que se fez com a dor. As dores que apenas as mulheres negras sentem e são exclusivas dessa população. Enfatiza que dororidade “é a dor que se transforma em potência”. A dominação histórica se dá pela herança colonial de nosso país desigual que impactou de forma estrutural e estruturante, nossa história.

Vergès (2019) apresenta críticas sobre a captura do feminismo pelo capitalismo. Essa crítica está relacionada a hegemonia do feminismo, o chamado de civilizatório porque se adaptou e adotou o discurso neoliberal e imperialista nas lutas das mulheres e serve a interesses específicos. Chama a atenção ao trabalho da limpeza, doméstico e do lar, trabalhos indispensáveis, porém invisíveis. Tema este muito difundido como mobilizador da exaustão das mulheres, majoritariamente mulheres negras. A autora apoia as lutas em relação ao gênero, ao feminismo, e as lutas das mulheres, mas numa lógica decolonial, com o foco na destruição do racismo, do capitalismo e do imperialismo; discorre essa crítica como uma dimensão concreta. A autora apresenta sua crítica a luz do feminismo francês, mas podemos levantar esses apontamentos para muitas regiões no mundo que viveram, e ainda vivem, essa relação colonial. Vergès (2019) alerta sobre a necessidade de lutar com um feminismo interseccional múltiplo e dinâmico.

A interseccionalidade de classe, raça e gênero precisa ser levado em conta quando falamos de atuação com mulheres, já que este lugar de submissão tem apresentado sofrimento e violências. A dominação dos corpos femininos se dá de várias formas em nossa história e o patriarcado e suas nuances cotidianas mantem este lugar. Mantem também formas de se relacionar entre mulheres que não ajuda na emancipação feminina, tão pouco nas mulheres vulneráveis.

Como destaca Tiburi (2016), a rivalidade feminina é um mito criado e que é próprio da ideologia da dominação masculina que coloca essa rivalidade como algo naturalizado e tradicional para manutenção do poder patriarcal. Ou seja, a união feminina é um mal que se precisa ser evitado para que a ordem continue estabelecida e não seja questionada. Sendo assim, as mulheres, naturalmente, foram levadas a se distanciar e não estabelecer laços de irmandade e ajuda mútua por serem “eternas rivais”.

O patriarcado, na sociedade brasileira, configura-se como o poder masculino sobre o feminino, independentemente das relações estabelecidas, domésticas ou não, central na concepção cultural da sociedade (Bezerra, 2018; Olívio & Calado, 2015). A opressão no campo do gênero aumenta as desigualdades. Mesmo sendo difícil, o embate é necessário na busca por relações mais justas e na luta anti-patriarcal. A união fortalece qualquer grupo oprimido e, por isso, os movimentos feministas se esforçam e fazem presença em campos de solidariedade e empatia entre mulheres (Wolff, 2020).

É preciso saber da existência da dominação masculina oriunda da ordem patriarcal para compreender a necessidade da união feminina. Essa dominação pode se apresentar nas diversas formas de violência contra as mulheres e constitui a desigualdade cultural de gênero (Garcia & Souza, 2016). Essa violência de gênero é estruturada social, cultural, econômica e politicamente (Faleiros, 2007). A cultura desigual difunde a ideia do menor valor ou capacidade à natureza feminina pelo simples fato de ser mulher, com isso, a mulher passa a ter menos direitos, menos liberdade e mais deveres do que os homens.

Esses conceitos, foram enraizados na formação social, os quais contribuem com a construção dos indivíduos, reproduz formas sexistas de ser, estabelece e mantém os privilégios ao homem a partir da subordinação da mulher (Costa, 2009). Com isso, entende-se que é perigoso para a manutenção do patriarcado que mulheres se apoiem e se entendam como vítimas das mesmas opressões. A cultura patriarcal mantém as representações de rivalidade

feminina, naturalizadas para criar desconfiança e a crença de que amizades entre mulheres não podem ser verdadeiras. A história demonstra que as posições de fala, poder e decisões no Brasil e países latinos, sempre estiveram restritas aos homens, com características e compreensões hegemônicas, que decidem de forma opressora por grupos sociais e identitários diferentes aos dele. Exercer qualquer tipo de poder implica tomada de decisões, quando a opção de fala ou escolha do principal interessado é mitigado, resta a dominação (Lagarde, 2012; Leal, 2018).

A estrutura patriarcal histórica e estruturada em nossa sociedade estimula a competição entre mulheres, como se para ser “boa” e “suficiente” seja preciso estar em posição superior umas às outras (Wolff, 2020). A competição entre as mulheres foi naturalizada e tem sido constante em nossa cultura, porém essa mudança nas concepções das relações femininas de força e a união aproxima as mulheres em círculos de empatia e atitudes positivas, abala a estrutura do patriarcado, estabelecido historicamente (Leal, 2018; Wolff, 2020).

Compreender o movimento feminista contribuiu para a compreensão da temática da Sororidade e explicita a luta histórica contra o patriarcado, a luta pela igualdade de direito entre os gêneros. O movimento é apresentado e compreendido como ondas, momentos históricos que avançam a partir das demandas apresentadas pelas mulheres em determinados contextos sócio-históricos. “As ondas do feminismo acompanham, em alguma medida, as transformações por que passou a concepção de sujeito desde a modernidade até o que se pode denominar pós-modernidade” (Martins, 2015, p. 240). Na primeira onda na década de 1960, a necessidade estava voltada, em diversos lugares do mundo, para a reivindicação movimentos de participação no espaço público e a garantia de condições igualitárias no mundo do trabalho e político (como o voto).

Na segunda onda, na década de 1970, o foco voltou-se para o espaço privado, com a constatação de onde se dá todas as desigualdades para a época, mas que ainda vemos vigorar. Nesse contexto, a necessidade era a da igualdade e da superação das opressões colocadas da

rua para a casa, da fábrica para o lar. O opressor é personalizado na figura do patriarcado – aquele que, no âmbito das relações domésticas e familiares, inibi por meio da violência física e emocional, a possibilidade em desfrutar dos direitos das conquistas das mulheres. Já nos anos 1990, a terceira onda, a discussão e necessidade volta-se à questão da diversidade entre as mulheres. A crítica à forma de entender o feminino de forma única amplia a discussão para as mais diversas formas de ser “mulher” (Martins, 2015; Costa, 2009).

Alguns grupos e páginas no *facebook* surgiram como movimento e dão visibilidade ao processo das mulheres se organizarem frente a diminuição da violência, aumentando o coro em relação a necessidade de foco nas demandas de garantia de direitos, como: @movimentovamosjuntas e @appmeteacolher³. A Sororidade se torna um termo evidente no Brasil com os textos de comunicação nas redes sociais e com os movimentos de mulheres na tentativa de contribuir com a garantia de direitos e diminuição de violências (Bezerra, 2018).

A primeira referência ao conceito de união entre as mulheres surgiu nos textos da escritora norte-americana Kate Millet, que fez uso do termo *sisterhood*, “irmandade de mulheres”. A autora, conhecida pela sua obra *Sexual Politics*, é uma das principais referências do feminismo radical da segunda onda. Ela apresenta um novo termo para o movimento feminista. Em outros idiomas, o termo manteve o sentido de irmãs, recorrendo ao latim “soror”, *sororité* em francês, *sorellanza* em italiano, *sororidade* em castelhano e em português (Cámara, 2017).

Como parte da história do feminismo, as palavras *sister* e *sisterhood*, foram utilizadas na tentativa de unir mulheres de diferentes contextos. O conceito de irmandade foi de fundamental importância para o movimento, fazendo uso do slogan *Sisterhood is powerful!* Pertencer a uma *sisterhood*, grupos de conscientização, significava muito mais que amizade

³ Essas páginas em redes sociais tiveram início com os movimentos de mulheres para diminuição da violência vivida. <https://meteacolher.org/>; <https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas>

para trabalhar por outras mulheres em um sentido político. Eram os espaços em que mulheres se reuniam para compartilhar suas vivências de opressão, discutir ideais feministas e ampliar a troca deixou o movimento mais forte (Leal, 2020).

A recuperação da ideia de Sororidade pelo movimento feminista não se refere mais diretamente ao produzido por Kate Millet e do feminismo radical de 1970. Atualmente, o termo Sororidade tem sido difundido pela antropóloga mexicana Marcela Lagarde, a autora que se tornou uma das maiores divulgadoras do conceito. O conceito no movimento feminista comunitário latino-americanos define a Sororidade como amizade entre mulheres considerando as diferenças entre pares, chamando atenção para a diversidade em ser mulher. Encontram e reconhecem no feminismo um sentido libertário em compreender a vida, uma forma de viver a vida com maior autonomia (Cámara, 2017).

Neste sentido, são múltiplas as formas para viver a Sororidade, pois, há de se considerar os vários contextos em que se associa o discurso a um movimento político de resistência, como uma ferramenta capaz de mobilizar ações políticas, possibilitando a união de sua força em prol de objetivos feministas (Leal, 2019). A união é primordial para fortalecer um grupo oprimido, por isso cada vez mais os movimentos feministas se esforçam para estar em campos de solidariedade e empatia entre mulheres (Wolff, 2020).

Como uma das pautas dos movimentos feministas atuais, a Sororidade tem sido muito debatido entre as militâncias, nos movimentos de mulheres em geral, mas ecoa de forma tímida no espaço acadêmico. O tema tem sido mais discutido nas áreas de comunicação e sociologia (Bezerra, 2018). No presente estudo, mais alinhado com o movimento feminista comunitário latino-americanos, Sororidade será compreendida como comportamento de solidariedade, união e harmonia entre irmãs, entre mulheres, que demonstram o apoio mútuo umas às outras e produzem espaços de acolhimento, respeito, empatia para todas, rejeitando a ideia de

rivalidade e/ou competição entre meninas e entre mulheres, uma situação que foi criada social e historicamente (Becker & Barbosa, 2016; Lagarde, 2012; Leal, 2019; Wolff, 2020).

Foucault (1969-1971), em suas contribuições sobre análise do discurso, afirma que a criação de um novo conceito responde a processos econômicos, políticos, socioculturais e que novas práticas são produzidas diante da necessidade de investigar as condições de emergência, ou o conjunto de possibilidades que permitam o aparecimento de determinado enunciado. Foi preciso dar um nome específico a esse tipo de comportamento entre as mulheres para que ele tivesse uma potência política, já que o conceito de Sororidade se apresenta como expoente da ética, numa relação prática, a ação política, sendo essa é a grande mudança em relação aos outros conceitos (Leal, 2018). Foi necessário criar ou resgatar uma nova forma de expressar essa relação entre as mulheres para garantir e avançar nas demandas que se apresentam socialmente.

Entende-se Sororidade como uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Essa relação pactual entre as mulheres, possibilita a construção de uma consciência crítica sobre o patriarcado, a misoginia, seus fundamentos, preconceitos e estigmas. A união se faz com um propósito de preservar e estimular a mútua proteção, solidariedade e defesa de direitos das várias formas de se apresentar o feminino em nossa sociedade. A Sororidade visa contribuir com a eliminação social das várias formas de opressão e construção de apoio mútuo para alcançar o protagonismo e o empoderamento necessário para cada mulher em seu cotidiano- (Garcia & Sousa, 2015; Lagarde, 2012; Leal, 2019; Penkala, 2014; Wolff, 2020).

A trajetória da luta feminina no Brasil e no mundo é extensa, evidenciada por eventos e marcos importantes na resistência ao patriarcado. Para muitas mulheres, os episódios em nossa história representam a perseguição daquelas que desafiavam as normas sociais e que, desde sempre, manifestavam-se contra o patriarcado. Ao longo dos tempos, diversas mulheres

destacaram-se quebrando paradigmas e, com o apoio do movimento feminista, abriram caminho para garantir direitos às mulheres contemporâneas, bem como a oportunidade de expressar suas identidades. (Firmino & Porchat, 2017).

O processo de reconhecer-se mulher se apresenta como a descoberta da opressão machista e são dois os conceitos que articulam o processo de politização: o patriarcado como problema e a Sororidade como uma possibilidade de resposta (Cámara, 2017). O conceito de Sororidade é o domínio pesquisado neste estudo, cujo construto principal é Autoeficácia, investigando a crença das mulheres em relação a capacidade em desenvolver um comportamento de Sororidade. O constructo de autoeficácia (AE) é específico, porém relativo a diversos domínios (Bandura, 1997; 2008). A Autoeficácia é caracterizada como a avaliação que o indivíduo realiza sobre suas capacidades e habilidades presentes para agir em um domínio específico. Logo, ela é um construto central e pode ser empregada em vários domínios, no caso deste estudo, na Sororidade.

Autoeficácia

A importante teoria da autoeficácia proposta por Bandura (1977) tem reconhecimento internacional e tem sido objeto de uma vasta produção teórica em língua estrangeira e amplamente estudada por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, embora ainda em desenvolvimento no cenário nacional (Azzi & Polydoro, 2006; Azzi et al., 2019). A obra de Bandura foi introduzida no Brasil a partir o final da década de 1970, quando um de seus livros foi traduzido para o português - *Principles of behavior modification*. Entretanto, a recepção das ideias de Bandura não aconteceu no Brasil até recentemente, diferentemente de outros países (Azzi et al., 2019)

De forma geral, os resultados revelam um amplo interesse pelo tema nos mais diversos campos do conhecimento, tais como na saúde, educação e trabalho, bem como em assuntos como esportes e justiça criminal. Fica evidente que considerando o idioma, a produção latino-

americana ainda é bem modesta se comparada à internacional publicada em idioma inglês. (Barros et al., 2012).

No Brasil e na América Latina é conferida a Roberta Gurgel Azzi a referência sobre a temática autoeficácia e TSC. A autora tem inúmeras produções sobre as temáticas, bem como textos e livros escritos juntamente com Bandura. Tem produzido referências com o construto nas áreas de educação básica e docência⁴. Azzi et al. (2019) realizaram uma pesquisa sobre recepção da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura na historiografia da Psicologia no Brasil, a fim de verificar a quantidade e frequência de citações de trabalho, avaliando o impacto da obra. Os resultados apresentados expressam que o pensamento banduriano demorou a ser identificado no cenário brasileiro como fonte de interlocução dos pesquisadores, mas que se amplia considerando sua relevância.

Autoeficácia é a crença ou expectativa do indivíduo em suas capacidades de organizar e executar cursos de ação necessários para realizar com sucesso alguma ação pretendida (Bandura, 1977). É um dos construtos da Teoria Social Cognitiva (TSC) desenvolvida por Albert Bandura, sendo um dos conceitos-chave para a teoria (Bandura, 1986). Para Bandura as pessoas escolhem quais desafios irão enfrentar em determinados momentos e essa escolha é feita com base nas crenças de autoeficácia, ou seja, o quanto de esforço despenderão para atingir um objetivo e por quanto tempo terão de perseverar quando possíveis dificuldades aparecerem em suas vidas (Bandura, 1977). Conforme a concepção da TSC, as crenças de autoeficácia são facilitadoras para o desenvolvimento de competências (Bandura, 1986).

Dessa forma, percebe-se a especificidade do contexto quando há o julgamento de competência. A pessoa, com suas demandas e características, pode julgar-se mais autoeficaz em um determinado domínio e menos autoeficaz em outros (Barros et al., 2012). Entende-se que as crenças de eficácia podem ser desenvolvidas a partir de quatro principais fontes de

⁴ Vide currículo lattes da autora <http://lattes.cnpq.br/4615061799860194>

informação: a experiência direta, a experiência vicária, a persuasão social e os estados físicos e emocionais (Bandura, 1986; 1997).

Azzi e Polydoro (2006) consideram que a fonte mais importante para a autoeficácia é a experiência direta. Segundo as autoras, a análise e crítica que o indivíduo faz de sua realização não é baseada apenas no resultado alcançado, mas também nas condições contextuais e características da tarefa. No entanto, Bandura (1989) alerta que os sucessos alcançados colaboram para a construção de uma forte crença na eficácia pessoal à medida que as falhas podem comprometê-la, especialmente se elas ocorrerem antes que um sentimento de eficácia esteja firme e devidamente estabelecido (Barros et al., 2012).

Crenças de autoeficácia são relevantes em diversos contextos, contribuindo para a sociedade em geral e considerando seu papel central nas estruturas causais do comportamento, afetando tanto direta quanto indiretamente o funcionamento humano (Bandura, 2008). A esse respeito, Martínez e Salanova (2006) salientam que as crenças de eficácia se constituem baseadas nos juízos sobre as capacidades possuídas. O comportamento escolhido, o esforço e a persistência podem ser compreendidos como a percepção de eficácia que o indivíduo tem de si mesmo. Observa-se que pessoas com as mesmas capacidades, mas com diferentes crenças, podem obter sucessos ou fracassos em decorrência de suas crenças de eficácia. Dessa maneira, a autoeficácia é vista como um conjunto de crenças pessoais, ou seja, o indivíduo, de acordo com os próprios julgamentos sobre suas capacidades, apresenta níveis de autoeficácia elevados ou reduzidos.

Autoeficácia é um importante construto associado à agência humana, isto é, à capacidade dos sujeitos exercerem influências sobre o seu comportamento e sobre o seu meio. Na teoria o autor demonstra como as crenças pessoais afetam a motivação e a ação, considerando a influência nos objetivos e anseios que os sujeitos apresentam (Bandura, 1977). Para Bandura (1977), ser agente significa influenciar o próprio funcionamento e as conjunturas

de vida de modo intencional, contribuindo para as circunstâncias de suas vidas, levando as pessoas serem proativas, autorreguladas e autorreflexivas e, conseqüentemente, não sendo apenas produtos dessas condições (Bandura, 2008; Lima & Nassif, 2017).

A TSC considera que os indivíduos são dotados de capacidades humanas (simbolização, antecipação, autorreflexão e autorregulação), permitindo que as condições cognitivas possam tomar decisões, fazer escolhas e definir seus destinos (Pajares & Olaz, 2008). O autor apresenta a agência humana como a capacidade de desempenhar o controle sobre o nosso próprio funcionamento e eventos que afetam nossas vidas, subsidiada por diversas características fundamentais, tais como: intencionalidade, antecipação, autorreatividade e autorreflexão (Bandura, 2008; Lima & Nassif, 2017). A agência humana permite a realização das coisas de modo intencional, de forma proativa e de maneira autorreflexiva (Bandura, 2008), isto é, quando o sujeito pode protagonizar sua própria vida por meio de suas ações devidamente planejadas, mesmo que essas sofram influência de eventos aleatórios e causais.

Neste sentido, agência humana pode ser individual, coletiva ou delegada (Bandura, 2008). Sabe-se que determinadas ações não dependem somente da proatividade individual. Para essas ações é necessária a agência coletiva. É a capacidade do grupo que, por meio da junção de suas agências humanas individuais, possibilitará alcançar objetivos que não poderiam ser atingidos de forma individual.

Na TSC o funcionamento é determinado por fatores pessoais (cognições, afetos e eventos biológicos), influências comportamentais e fatores ambientais que se influenciam reciprocamente – a chamada Tríade do Determinismo Recíproco (Pajares & Olaz, 2008). Para Bandura (1977) o modelo vai além do unidirecional visto em outras teorias, o comportamento é determinado por vários fatores que agem interativamente.

A relação interativa entre sujeito e ambiente é expressa pelo comportamento humano, percebido na relação recíproca/triádica. Para a TSC as pessoas, por estarem inseridas em

sistemas sociais, se constituem sendo dialeticamente agente e produto dessa relação, produzindo experiências e trocas e, dessa forma, possibilitando adaptações e mudanças. Essa é bidirecional onde todos os fatores influenciam todos, porém as forças entre eles não são necessariamente equivalentes, pois acabam dependendo da influência dos fatores pessoais ou do próprio comportamento dos indivíduos (Azzi & Polydoro, 2006).

Recorrendo ao modelo recíproco/triádico os indivíduos são munidos de possibilidades para exercer algum controle sobre suas ações, considerando as várias influências relevantes aos fatores que interferem no funcionamento humano, podendo ter algum controle sobre suas vidas (Bandura, 1977). Os indivíduos são, em parte, produtos dos ambientes em que vivem, pois conseguem produzir seus ambientes, assim são capazes de selecionar, criar e transformar suas circunstâncias ambientais.

A partir da TSC, a autoeficácia pode ser vista de duas formas, sob a perspectiva agêntica, quando se observa a subjetividade do indivíduo, como sujeito de sua própria história e não apenas como produto do meio. E pode ser entendida a partir da reciprocidade triádica existente entre indivíduo, ambiente e comportamento, permitindo ao indivíduo, nessa interação, influenciar e ser influenciado em seu comportamento.

Sororidade é um termo recente no Vocabulário da Língua Portuguesa e não foi encontrado instrumentos ligados a este tema. O que levou ao interesse no aprofundamento do conceito e em desenvolver algum instrumento que atenda às necessidades psicométricas. O presente trabalho pretende contribuir com os estudos direcionados a este tema.

Para tanto, essa tese tem como objetivo geral: Apresentar o processo de construção da Escala da Escala de Autoeficácia para Sororidade - ES-SOROR. E como objetivos específicos: 1. Elaborar itens, investigar a evidência de validade com base no conteúdo e realizar estudo de piloto; 2. Verificar as evidências de validade baseadas na estrutura interna do instrumento e estimar sua precisão; e 3. Entender o quanto a autoeficácia para Sororidade pode mediar a

relação de empatia entre as mulheres e aumentar sua pro-sociabilidade. Tem por hipóteses: 1. Escala de Autoeficácia para a Sororidade tenham relações de magnitude de baixa a moderadas em relação a Empatia e Pró-sociabilidade, com resultados maiores para a empatia afetiva (Falcone et al., 2013; Kamas & Preston, 2020; Vachon e Lynam, 2015) 2. A Escala de Autoeficácia para a Sororidade seja explicada por um fator geral, em razão do conceito unidimensional de domínio geral proposto por Bandura (1977); e 3. Espera-se confirmar um modelo e encontrar coeficientes de ajustes adequados. Os achados estão descritos nos artigos que seguem no trabalho.

Evidências de Validade da Escala de Autoeficácia para a Sororidade: Validade de Conteúdo e com Base na Estrutura Interna (Artigo 1)

*Juliana dos Santos Corbett
Ana Paula Porto Noronha*

Resumo

A crença de autoeficácia diz respeito à confiança que um indivíduo tem em sua capacidade de executar uma tarefa de maneira satisfatória. Sororidade é um domínio específico da Autoeficácia. A discussão sobre Sororidade tem desempenhado um papel crucial na desconstrução de crenças relacionadas à rivalidade feminina, frequentemente internalizadas pelas mulheres. O estudo tem por objetivo apresentar o processo de construção da escala de Autoeficácia para a Sororidade, buscar evidências de validade com base no conteúdo e estrutura interna do instrumento e estimar a precisão. O estudo I foi dividido em três etapas. 1. Entrevistas individuais com 11 mulheres militantes, foi utilizada a análise de conteúdo e foram construídos 79 itens. 2. Análise de juízes especialistas e mulheres juízas, analisaram os 79 itens, sendo que 18 deles foram eliminados, para tanto foram considerados CVC, semântica e termos pouco elucidados. 3. O estudo piloto foi conduzido com 5 mulheres com idades entre 24 e 48 anos ($M = 9,4$; $DP = 10,545$), contudo, não resultou em alterações na escala. O estudo II, referente a análise da estrutura interna, foi realizado de forma online com 521 mulheres, das cinco regiões do Brasil, com idades entre 18 e 73 anos ($M = 41,0$; $DP = 11,993$). Foram realizadas as análises AFE e AFC. O modelo fatorial de segunda-ordem foi o mais adequado para a escala. Em relação à precisão, o $\alpha = 0,91$ e $\omega = 0,92$. Os índices de ajuste foram satisfatórios, o que permitiu constatar evidências de validade na estrutura interna da escala.

Palavras-chave: avaliação psicológica; escala; gênero; rede de mulheres

Abstract

Validity Evidence for the Self-Efficacy Scale for Sisterhood: Content Validity and Based on Internal Structure

Self-efficacy belief concerns the confidence that an individual has in their ability to perform a task satisfactorily. Sisterhood is a specific domain of Self-Efficacy. The discussion about Sisterhood has played a crucial role in deconstructing beliefs related to female rivalry, often internalized by women. The objective of this is to present the process of constructing the Self-Efficacy for Sisterhood scale, seek evidence of validity based on the content and internal structure of the instrument and estimate precision. Study I was divided into three stages. 1. Individual interviews with 11 female activists, content analysis was used and 79 items were created. 2. Analysis by expert judges, women judges, analyzed the 79 items, 18 of which were eliminated, therefore CVC, semantics and poorly clarified terms were considered. 3. The pilot study was conducted with 5 women aged between 24 and 48 years ($M = 9.4$; $SD = 10.545$), however, it did not result in changes to the scale. Study II, referring to the analysis of the internal structure, was carried out online with 521 women, from the five regions of Brazil, aged between 18 and 73 years ($M = 41.0$; $SD = 11.993$). AFE and AFC analyzes were performed. The second-order factorial model was the most appropriate for the scale. Regarding precision, $\alpha = 0.91$ and $\omega = 0.92$. The adjustment indices were satisfactory, which allowed evidence of validity in the scale's internal structure.

Keywords: psychological assessment; scale; gender; women's network

Resumen

Pruebas de Validez de la Escala de Autoeficacia para la Sororidad: Validez de

Contenido y Basada en la Estructura Interna

La creencia de autoeficacia se refiere a la confianza que un individuo tiene en su capacidad para realizar una tarea de manera satisfactoria. La Sororidad es un dominio específico de la autoeficacia. La discusión sobre Sororidad ha jugado un papel crucial en la deconstrucción de creencias relacionadas con la rivalidad femenina, muchas veces interiorizadas por las mujeres. El objetivo de este es presentar el proceso de construcción de la escala de Autoeficacia para la Sororidad, buscar evidencias de validez con base en el contenido y estructura interna del instrumento y estimar la precisión. El estudio I se dividió en tres etapas. 1. Se realizaron entrevistas individuales a 11 mujeres activistas, se utilizó análisis de contenido y se crearon 79 ítems. 2. El análisis realizado por jueces expertos, juezas mujeres, analizó los 79 ítems, de los cuales se eliminaron 18, por lo que se consideraron CVC, semántica y términos poco aclarados. 3. El estudio piloto se realizó con 5 mujeres con edades entre 24 y 48 años ($M = 9,4$; $DE = 10,545$), sin embargo, no generó cambios en la escala. El estudio II, referido al análisis de la estructura interna, fue realizado en línea con 521 mujeres, de las cinco regiones de Brasil, con edades entre 18 y 73 años ($M = 41,0$; $DE = 11,993$). Se realizaron análisis AFE y AFC. El modelo factorial de segundo orden fue el más adecuado para la escala. En cuanto a la precisión, $\alpha = 0,91$ y $\omega = 0,92$. Los índices de ajuste fueron satisfactorios, lo que permitió evidenciar validez en la estructura interna de la escala.

Palabras clave: evaluación psicológica; escala; género; red de mujeres

Introdução

A discussão sobre Sororidade tem contribuído para a desconstrução de crenças sobre a rivalidade feminina aprendidas historicamente entre as mulheres, além de fomentar o estabelecimento de relações empáticas e a promoção de comportamentos pró sociais (Lagarde, 2012; Leal, 2020; Wolff, 2020). Pretendeu-se, neste estudo, construir um instrumento de autoeficácia para a Sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo e na estrutura interna. A crença de autoeficácia refere-se ao quanto um indivíduo acredita ser capaz de realizar uma tarefa de forma satisfatória, ou seja, não se restringir às habilidades em si, mas ao que é relevante para regular a implementação das ações necessárias para atingir determinados objetivos (Bandura, 1977). Ter instrumentos de medida com qualidades psicométricas possibilitará a criação de estratégias para que mulheres possam rever seu papel

social, e, assim, contribuir com a mudança cultural imposta pelo patriarcado e o machismo. Com isso, vê-se a chance em fomentar mais pesquisas de caráter quantitativo sobre um tema tão importante e necessário para as mulheres e para a sociedade. O desafio centra-se na tarefa de integrar saberes advindos da psicologia social e da psicometria, como se pretende presentemente.

A história da luta feminina no Brasil e no mundo é longa e expressa em fatos e importantes marcos contra o patriarcado. Para muitos, os episódios em nossa história marcam a perseguição das mulheres que não se enquadram socialmente e se posicionavam contra essa forma de organização social. As mulheres, ao longo da história, conseguiram quebrar paradigmas, e, com o movimento feminista, fomentaram possibilidades de garantir direitos para as mulheres contemporâneas, bem como criar a possibilidade de se identificarem com este processo de mudança (Firmino & Porchat, 2017).

O processo de reconhecer-se mulher se apresenta como a descoberta da opressão machista e segue como processo de politização sendo: o patriarcado como problema e a Sororidade como uma possibilidade de resposta (Cámara, 2017). A Sororidade, objeto de investigação deste estudo, torna-se um termo evidente no Brasil com os textos de comunicação nas redes sociais e com os movimentos de mulheres na tentativa de contribuir com a garantia de direitos e diminuição de violências contra a mulher (Bezerra, 2018).

Uma das primeiras referências ao conceito de união entre mulheres foi sugerida pela escritora norte-americana Kate Millet, uma figura proeminente no feminismo, que utilizou o termo *sisterhood*, “irmandade de mulheres”⁵. Fazer parte de um grupo de conscientização não apenas representava amizade, mas de maneira mais significativa, era um compromisso político de trabalhar em prol de outras mulheres. Esses grupos serviam como espaços nos quais

⁵ Tradução livre das autoras

mulheres se reuniam para compartilhar experiências de opressão e discutir ideais feministas, contribuindo assim para o fortalecimento do movimento. (Leal, 2020).

A recuperação da ideia de Sororidade pelo movimento feminista não se refere mais diretamente ao produzido por Kate Millet e pelo feminismo radical de 1970. Atualmente, o termo Sororidade tem sido difundido pela antropóloga mexicana Marcela Lagarde, autora que se tornou uma das maiores divulgadoras do conceito. O conceito no movimento feminista comunitário latino-americanos define a Sororidade como amizade entre mulheres considerando as diferenças entre pares, chamando atenção para a diversidade em ser mulher. As mulheres dos movimentos encontram e reconhecem no feminismo um sentido libertário em compreender a vida, uma forma de viver com maior autonomia (Cámara, 2017).

Neste sentido, são múltiplas as formas para viver a Sororidade, pois há de se considerar os vários contextos em que se associam o discurso a um movimento político de resistência como uma ferramenta capaz de mobilizar ações políticas, possibilitando a união de sua força em prol de objetivos feministas (Leal, 2019). A união é primordial para fortalecer um grupo oprimido, por isso cada vez mais os movimentos feministas se esforçam para estar em campos de solidariedade e empatia entre mulheres (Wolff, 2020).

Como uma das pautas dos movimentos feministas atuais, a Sororidade tem sido muito debatida entre as militâncias, nos movimentos de mulheres em geral, mas ecoa de forma tímida no espaço acadêmico. O tema tem sido mais discutido nas áreas de comunicação e sociologia (Bezerra, 2018). No presente estudo, mais alinhado com o movimento feminista comunitário latino-americano, a Sororidade é compreendida como comportamento de solidariedade, união e harmonia entre irmãs, entre mulheres. Quando se demonstra o apoio mútuo umas às outras e produz espaços de acolhimentos, respeito, empatia para todas. Diferente da ideia de rivalidade e/ou competição entre meninas e entre mulheres em situações que foram criadas social e historicamente (Becker & Barbosa, 2016; Lagarde, 2012; Leal, 2019; Wolff, 2020).

Entende-se Sororidade como uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Essa relação pactual entre as mulheres possibilita a construção de uma consciência crítica sobre o patriarcado, a misoginia, seus fundamentos, preconceitos e estigmas. A união se faz com um propósito de preservar e estimular a mútua proteção, solidariedade e defesa de direitos das várias formas de se apresentar o feminino em nossa sociedade. A Sororidade visa contribuir com a eliminação social das várias formas de opressão contra as mulheres e construção de apoio mútuo para alcançar o protagonismo e o empoderamento necessário para cada mulher em seu cotidiano (Garcia & Sousa, 2015; Lagarde, 2012; Leal, 2019; Penkala, 2014; Wolff, 2020).

O objetivo do artigo foi construir e buscar evidências de validade para a Escala de Autoeficácia para a Sororidade. As autoras objetivaram avaliar o quanto as mulheres se percebem como capazes de executar cursos de ação voltados à Sororidade. Por esta razão, elegeu-se o conceito de Autoeficácia, proposto na Teoria Social Cognitiva. A Teoria Social Cognitiva (TSC) é uma teoria psicológica geral desenvolvida por Albert Bandura (1986). O modelo de reciprocidade triádica, que abrange eventos cognitivos, afetivos e biológicos, está integrado na TSC para explicar o comportamento humano. Essa teoria elucidada que os comportamentos são expressos como resultado da interação recíproca entre determinantes pessoais, determinantes comportamentais e determinantes ambientais e esses interferem uns nos outros de forma recíproca. A pessoa é agente e receptor das situações que ocorrem e, ao mesmo tempo, essas experiências influenciam seus pensamentos, sentimentos e comportamentos futuros (Bandura, 1989).

Autoeficácia é a crença ou expectativa do indivíduo em suas capacidades de organizar e executar cursos de ação necessários para realizar com sucesso alguma ação pretendida (Bandura, 1977), a exemplo de relações de Sororidade. De acordo com o TSC, Bandura (1986) explora a interligação entre opiniões pessoais, motivação e ação considerando como esses

fatores que influenciam os objetivos e desejos que os indivíduos possuem. Para Bandura (1977), as pessoas escolhem quais desafios irão enfrentar em determinados momentos com base nas crenças de autoeficácia, ou seja, o quanto de esforço despenderão no objetivo e por quanto tempo terão a perseverança quando possíveis dificuldades aparecerem em suas vidas.

A Autoeficácia para a Sororidade foi uma forma de verificar se mulheres em suas relações com outras mulheres sentem-se capazes de auxiliar as iguais de forma mais empática (Leal, 2020). Apesar da cultura patriarcal de rivalidade na qual todas as mulheres foram moldadas, sendo agentes das situações e detentoras de informações, elas se tornam protagonistas de suas próprias histórias. Dessa forma, elas têm a capacidade de transformar a maneira como se relacionam.

Para a elaboração do instrumento foi realizado um levantamento de literatura, bem como a busca por instrumentos com construtos equivalentes ao conceito de Sororidade, a exemplo de gênero. Por considerar a diferença sociocultural do uso da palavra Sororidade, a busca foi realizada na plataforma Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal) e na plataforma CAPES. A busca foi realizada em período livre e foram utilizadas as seguintes palavras: Sororidade, empatia, mulheres que atuam com outras mulheres. Até 2022 não foram encontrados instrumentos utilizando a medida sobre Sororidade ou construtos afins.

A referência utilizada nesse trabalho, como já descrito, foi a luz de autoras latino-americanas, a exemplo de: Cámara (2017), Lagarde (2012), Leal (2020), Tiburi (2016), Wolff (2020) etc. Trata-se de um estudo que busca desenvolver um instrumento com evidências empíricas em relação a um construto pouco estudado. Este trabalho tem como objetivo geral apresentar o processo de construção da Escala da Escala de Autoeficácia para a Sororidade - ES-SOROR e como objetivos específicos: 1. Elaborar itens, investigar a evidência de validade

com base no conteúdo e realizar estudo de piloto; e 2. Verificar as evidências de validade baseadas na estrutura interna do instrumento e estimar sua precisão.

Método

Este trabalho foi dividido em dois estudos. Sendo que o estudo I foi organizado em três etapas, a saber: elaboração os itens; investigação da evidência de validade com base no conteúdo; e estudo de piloto. Para o estudo II foi possível verificar as evidências de validade baseadas na estrutura interna do instrumento e estimar sua precisão.

Considerações Éticas

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco e aprovada com CAAE nº 51383821.1.0000.5514. Todos os participantes, envolvidos nas várias e diferentes etapas da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como foram informados de seus direitos.

Estudo 1. Elaborar Itens, Buscar Evidência de Validade com Base no Conteúdo e Realizar Estudo de Piloto

A construção do instrumento foi elaborada empiricamente e somada aos conceitos teóricos de Autoeficácia e Sororidade. Este estudo foi construído por meio de três etapas: 1. Entrevistas individuais com o público-alvo: mulheres militantes (participantes de movimentos sociais) e que já realizam atividades com outras mulheres; 2. Análise de juízes; e 3. Por fim, estudo piloto com público-alvo. O detalhamento metodológico de cada estudo, assim como os respectivos resultados, será apresentado em sequência. Para uma melhor compreensão do processo, temos um esquema das etapas apresentado na figura 1.

Figura 1

Esquema das etapas do trabalho

	Participante	Instrumento	Análise de dados
Etapa 1	11 Mulheres	Entrevista Semiestruturada vídeo-gravada	Análise de Conteúdo
Etapa 2	3 Juízes especialistas 4 Juízas mulheres	Escala ES-SOROR com 79 itens	Analisar: Clareza de Linguagem, Pertinência Prática, Relevância Teórica e Dimensão teórica
Etapa 3	5 Mulheres	Escala ES-SOROR com 61 itens	Avaliar a compreensão dos itens

Nota. Elaborada pela autora

Etapa 1. Entrevistas Individuais com Mulheres Militantes e que Realizam Atividades com Outras Mulheres.

Participantes

Foram participantes 11 mulheres adultas, com idades entre 38 e 66 anos ($M = 46,6$; $DP = 8,778$). Sobre a declaração de raça/etnia uma das mulheres se declarou amarela, cinco se declararam preta e outras cinco se declararam branca. Em relação ao nível de instrução, uma mulher relatou ter ensino fundamental completo, duas com graduação completa e outras sete eram pós-graduadas. Das entrevistadas cinco mulheres não tinham filhos(as) e outras seis tinham de 1 a 4 filhos (as). No que se refere à participação em movimentos sociais, cinco das mulheres participavam do Conselho Municipal de Direitos da Mulher de Campinas, quatro são de movimentos populares ligados a garantia de direitos das mulheres e outras duas pertenciam a movimentos LGBTIAQ+ e movimento de juventude. Algumas mulheres participavam de mais que um grupo ou movimento.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com base em um roteiro. As perguntas que conduziram a entrevista foram: 1) Já ouviu falar em sororidade? 2) O que entende por

sororidade? 3) Como você percebe que existe sororidade? 4) Que comportamentos acredita que facilita uma relação de sororidade? 5) Que comportamentos acredita que dificulta uma relação de sororidade? 6) Como definiria sororidade? 7) Dê exemplos do que observa ser uma relação de sororidade. 8) O que mais teria a falar sobre sororidade? É importante ressaltar que quando uma participante respondia não à primeira pergunta, era apresentado um breve conceito a fim de tornar possível a continuidade da entrevista.

No que se refere aos dados sociodemográficas, foram solicitadas as seguintes informações: idade; identidade de gênero; escolaridade; renda familiar; se possui filhos; caso afirmativo quantos. No tocante à participação em movimento de mulheres foi perguntado: 1) Tem alguma experiência ou atua com o público feminino? 2) Participação de algum grupo, projeto, instituição, movimento social ou de mulheres? 3) Se sim na questão anterior, qual ou quais?

Procedimento

Foram realizados 15 contatos com mulheres do rol de conhecimento da pesquisadora, das quais 11 mulheres que trabalham em diferentes movimentos puderam participar da entrevista. Foram realizados contatos individuais com as participantes para explicar a proposta, bem como informar como seria a realização das entrevistas (ambiente digital e síncrono), conforme data e horário para a efetivação da entrevista a ser realizada individualmente.

Antes do início da entrevista foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foi solicitado o preenchimento do questionário sociodemográfico, bem como o aceite via *Google* formulários para viabilizar a participação da entrevistada. As entrevistas foram realizadas de outubro de 2021 a abril de 2022 e a duração variou de 7 a 24 minutos. Elas foram gravadas e serão guardadas por cinco anos após o término da pesquisa, quando o material será descartado, garantindo os cuidados éticos de guarda exigidos pela

resolução 510/2016 (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2016); bem como os cuidados apresentados na LGPD.

Foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas, 10 na modalidade online e uma presencial (a pedido da participante), visando compreender o termo Sororidade e como as participantes compreendem o tema em sua prática com características diversas do rol de contatos da pesquisadora envolvidas em movimentos sociais, feminista, de garantia de direitos e que já desenvolvem trabalhos com outras mulheres.

Análise de Dados

Foi realizada análise qualitativa sobre a compreensão das mulheres sobre Sororidade. A análise das entrevistas foi utilizada como material para a construção da escala, foi áudio-gravada e transcrita. A pesquisadora fez uso da análise de conteúdo (Bardin, 2011; Minayo et al., 2010) e realizou categorização dos conteúdos apresentados repetidamente formando núcleos argumentais e, posteriormente, organizados em temas para a construção dos itens da escala.

As narrativas, tomadas como resultado desta etapa da pesquisa, foram analisadas levando em consideração os pontos mais evidenciados pelas participantes envolvidas. Utilizar a análise de conteúdo foi uma escolha para trazer as falas, experiências, histórias e compreensões das mulheres (Bardin, 2011), possibilitando melhor apreensão do processo de percepção do que entendem do termo Sororidade. Uma vez pronta a transcrição das entrevistas, foi realizada a leitura e destacados pontos comuns e relevantes, evidenciando em seu conteúdo os núcleos argumentais. Esses foram organizados, a fim de verificar e analisar suas frequências para a criação dos itens da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (ES-SOROR). A classificação dos temas foi revisada pela segunda autora. As entrevistas somaram 177 minutos de gravação em áudio e foram necessários 1.062 minutos para a realização da transcrição.

Resultado

Com base na transcrição das entrevistas, cada pergunta norteadora foi analisada separadamente. Com as entrevistas, foi possível observar e compreender como essas mulheres entendem o termo sororidade e vivenciam o conceito na prática. Foi realizada a análise de conteúdo das falas das entrevistadas, já que para as autoras, a verdadeira elucidação dos temas residiria nas entrelinhas das narrativas. Foi possível observar e compreender como essas mulheres entendem o termo sororidade e como vivenciam o conceito na prática por meio de oito questões: O que entende por sororidade? Como você percebe que existe sororidade? Que comportamentos acredita que facilita uma relação de sororidade? Que comportamentos acredita que dificulta uma relação de sororidade? Como definiria sororidade?

A partir das leituras flutuantes iniciais os temas foram ficando mais elucidados conforme as leituras e compreensões das narrativas. Foram analisadas as frequências que os termos, temas e atitudes se repetiam em cada questão. A categorização passou por dois momentos: 1. Análise de conteúdo e organização de temas recorrentes por questões; 2. Afunilamento da categorização, organização por temas recorrentes.

Neste primeiro momento, foi possível compreender o que cada participante compreendia sobre Sororidade e a partir das falas mais significativas, bem como a frequência que essas falas comuns apareciam, deu-se início as primeiras análises a cada questão. Foram identificadas as seguintes categorias e respectivas porcentagens na primeira questão (O que você entende por sororidade?): patriarcado (2,5%); poder dos homens sobre as mulheres (1,3%); compreensão entre as mulheres (2,5%); sentir a dor (1,3%); se colocar no lugar da outra (10%); garantia de direitos (1,3%); fortalecimento entre as mulheres (1,3%); rede solidária (3,8%).

Como exemplo de respostas tem-se: *“É uma perspectiva de relação mais sensível e acolhedora entre as mulheres”* (participante 2). *“O fortalecimento entre as mulheres, essa*

rede que se forma quando a empatia acontece de uma forma mais natural, através desse fortalecimento, dessa força feminina” (participante 4). “(...)são mulheres que cuidam de mulheres. (...) tem a ver com a empatia, né. Se colocar no lugar da outra, de sentir a dor da outra” (participante 7)

Em relação à segunda pergunta (Como você percebe que existe sororidade?), as categorias de respostas foram semelhantes às da questão anterior. Os temas e porcentagens, encontram-se a seguir: colocar-se no lugar da outra (20%); defender a outra/mobilizar (4,3%); enfrentar o patriarcado (2,8%); ações práticas (as mulheres descreveram atividades que poderiam realizar para ajudar umas às outras) (11,4%); preconceito vivido (2,8%); compartilhar experiências/rede/apoio (10%).

Como exemplo de respostas tem-se: *“Na prática, tentar sentir um pouco mais das dificuldades. Compreender que mulheres passam por situações mais difícil”*. (participante1). *“Nas relações com o outro, no dia a dia, acho que é de você ver uma situação e se importar”*. (participante3). *“Não se trata de você fazer algo muito esquematizado, eu acho que é muito mais no sentido de quando tudo parece que está perdido e parece que vem alguém e fala tô aqui do seu lado”*. (participante 5)

Com as recorrências dos temas, a questão prática foi ficando mais evidente, expressa na terceira questão (Que comportamentos acredita que facilita uma relação de sororidade?) *“Se colocar no lugar e na prática defender, ajudar a outra mulher a ter voz”* (Participante 1). *“Tomar um café para falar sobre isso, muitas vezes é quando a pessoa fala. Estou indo aí para fazer o almoço e você conseguir dormir, estou indo aí para levar seu filho na escola, estou indo aí para ficar um pouquinho com seu filho para você fazer coisas mais práticas do dia a dia. Sabe, para fazer um chá de benção”* (Participante 5). *“(...) a sororidade pode estar relacionada a esse apoio, esse estender de mão para mulher em vulnerabilidade”* (Participante 9).

Para esta questão, os temas se repetem: se colocar no lugar da outra (4,5); defender a outra/acolher (25%); ações práticas (33%); entender lutas de classe (4,5%); exercício de desconstrução (4,5%); compreensão entre as mulheres (4,5%); sentir a dor (41,6%); escuta (66,6%); integração entre mulheres (4,5%); preconceito (4,5%); confiança em si e nas outras (25%); se sentir capaz (4,5). Com a organização das frequências os temas recorrentes começam a ser elucidados.

Para a questão: quais comportamentos você acredita que dificulta uma relação de sororidade? As falas foram: *“A falta de compreensão do patriarcado”* (Participante 1). *“É uma coisa de educação, de cultura. Falta de cultura, falta de educação, falta de humanidade”* (Participante 6). *“(…) essa estrutura do machismo e do patriarcado é que atrapalha esse reconhecimento da mulher com essa força que ela é e de poder sentir toda essa sororidade, desse cuidado de mulheres”* (Participante 7).

Com esta pergunta, os trechos identificados e organizados em frequências de repostas, alguns pontos se repetiram. Fica evidente um ponto crucial na discussão da sororidade, o patriarcado e a rivalidade entre as mulheres. Essa questão expressa as dificuldades vividas e apresentaram dificuldades variadas nas respostas, a saber: se colocar no lugar da outra (8,6%); enfrentar o patriarcado (17,4%); rivalidade entre as mulheres (13,1%); comportamento de arrogância/prepotência (4,3%); falta de abertura para o novo (4,3%); falta de escuta (4,3%); questões de classe/pensamento elitista/privilégio (13,1%); sentir a dor (4,3%); cobranças nas mídias sociais – internet (4,3%); dar opinião sem pedir (4,3%); ficar se justificando (8,6%); diferença de raça (4,3%); falta de educação (13,1%); falta de cultura (8,6%); falta de humanidade (8,6%); consciência de si/sua força (8,6%); machismo estrutural (17,4); na pratica (4,3%); excessiva atenção a casa e ao núcleo familiar (8,6); vida virtual/internet (7,4%); preconceito (4,3%); micropoder – patriarcado (4,3%); quebra de confiança - rivalidade (4,3%).

Por fim, ao solicitar uma definição para a sororidade (Como definiria sororidade?) a rede e o coletivo se materializaram: *“Uma rede de apoio e de compreensão entre as mulheres que estão numa situação de submissão ao poder masculino”* (Participante 1). *“Estar ao lado de mão dada sem julgar”* (Participante 5). *“Dar as mãos independente de quem fosse”* (Participante 10).

Percebe-se que os temas identificados nessa questão são temas relacionados a empatia e estão repetidos em relação as questões anteriores. Em relação à frequência de temas, temos: estar ao lado/suporte/dar as mãos (33,5%); sem julgar (11,1%); educar (11,1%); empatia/capacidade de ter empatia (33,5%); humanidade/respeito (22,2%); diferença entre os corpos/singularidade/aceitação (33,5%); amor entre mulheres (11,1%); rede de mulheres/coletiva (22,2%); ação/prática (22,2%).

Esses foram os temas identificados a partir das leituras iniciais. Com o aprofundamento das leituras e compreensões das narrativas, foi observado o quanto as frequências dos termos, temas e atitudes se repetiam. Na medida em que as análises eram realizadas, a categorização mais sistematizada, os temas foram ficando elucidados. As informações que se apresentaram nas narrativas foram classificadas e agrupadas quanto ao tema que abordavam, procurando elaborar um resumo e os significados das recorrências. Para a elaboração das análises sobre um tema, as autoras buscaram os trechos ou afirmações que continha cada tema, procurando obter o sentido e frequência nas falas das mulheres. Nesta etapa, com o refinamento das análises e maior apropriação das narrativas, os achados foram organizados em temas, considerando as narrativas de forma geral, não mais divididas em questões.

Os tópicos dispostos nas frequências, bem como a literatura em relação aos temas levou as autoras a simplificarem o que era apresentado nas narrativas. Esta etapa se encerrou com nove temas, que são: empatia, patriarcado, lutas, atitudes, preconceito, escuta, desconstrução, união e singularidade. Utilizando estes nove temas, foram construídos 79 itens e esses enviados

para análise de juízes. O processo de organização das categorias até a definição dos nove temas finais está descrito no Apêndice K.

Etapa 2. Análise de Juízes.

Participantes

Participaram desta etapa 7 juízes, sendo: 3 professores doutores especialistas visando obter contribuições para a construção da escala; e quatro mulheres que tivessem experiência na condução de trabalhos grupais com mulheres para contribuição em relação a semântica. Três dos juízes eram professores doutores, com experiência na construção de instrumentos e/ou especialista em gênero. Foram juízes dois professores e uma professora, com idades entre 41 e 52 anos ($M = 48,3$; $DP = 5,185$) das áreas de psicologia, educação e psicologia social e interdisciplinar.

Em relação as juízas, participaram desta etapa, quatro mulheres, individualmente, para verificar a adequação dos itens da escala, com vistas à compreensão semântica. As idades das participantes variaram entre 40 e 72 anos ($M = 55,2$; $DP = 512,517$), com escolaridade do ensino fundamental a pós-graduação. Do total, três respondentes tinham filhos e uma não.

Instrumento

O instrumento enviado aos juízes especialistas e para as juízas mulheres constituiu-se em uma planilha Excel na qual constavam 10 abas, sendo a primeira com as orientações e a solicitações de alguns dados sociodemográficos: idade, sexo, tempo de doutorado e área de conhecimento. Nas demais, foram dispostos os nove temas referentes aos itens a serem avaliados. Nas abas temáticas os juízes encontraram uma breve descrição do tema e 6 colunas, sendo a primeira com os itens da escala, e nas demais consecutivamente Clareza de Linguagem (CL), Pertinência Prática (PP), Relevância Teórica (RT), Dimensão teórica (DT) e campo de observações. Para cada os tópicos CL, PP e RT de avaliação, foi utilizado uma escala de 5 pontos (Escala: 1- pouquíssimo adequado / 2- pouco adequado / 3- medianamente adequado

/ 4- muito adequado / 5- muitíssimo adequado). Quanto o RT, foi solicitado a avaliação de Sim ou Não. Demais observações, sugestões e comentários para cada item tinham a opção do espaço observações. Utilizou-se uma planilha do Excel contendo os 79 itens elaborados e ordenados pela pesquisadora e sua orientadora.

Procedimento

Os convites para os juízes especialistas foram realizados por conveniência do rol de contato da pesquisadora e de sua orientadora, eram professores doutores, com experiência na construção de instrumentos e/ou especialista em gênero. Em média, os professores responderam com aceite em um mês e as respostas com as avaliações de itens chegaram em média em dois meses. Foram contatados seis juízes especialistas para a contribuição da validade de conteúdo da escala. Com a resposta positiva, de três deles para avaliar a escala, foi enviado um link para o preenchimento de um breve questionário sociodemográfico, bem como o aceite via Google formulários do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para as respostas afirmativas foram enviadas as planilhas de Excel via e-mail para que pudessem efetuar a análise em horário e local conveniente. Os juízes retornaram as análises com uma média de dois meses após o envio dos convites.

A abordagem das mulheres juízas foram realizadas de forma aleatória, considerando ter a intenção de ser uma amostra diversa e com disponibilidade nos dias determinadas para a responder e conversar sobre o instrumento. A conversa foi presencial, individual e em local conveniente (moradia e trabalho) para as mulheres, onde foi realizada a leitura e assinatura do TCLE. Posteriormente, a leitura e preenchimento da planilha de Excel para avaliação dos itens. O processo de análise dos itens, apontamentos, indicações de mudanças e reflexões, foram tranquilos e a entrevista levou em média 30 minutos com cada respondente.

Análise de dados

As pontuações e respostas fornecidas pelos juízes especialistas foram registradas em planilha em arquivo Excel para análise com base no Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC; Hernández-Nieto, 2002). O cálculo do CVC seguiu as cinco etapas. Na primeira etapa, obteve-se a média das notas de cada item (M_x), com a soma das notas dos juízes dividida pelo número de juízes que avaliam o item. Na segunda etapa, levantou-se o CVC inicial de cada item (CVC_i), a média das notas de cada item foram divididas pelo valor máximo que o item poderia receber, portanto 5. Na terceira etapa, calculou-se o erro (Pe_i) com o objetivo de diminuir os vieses nas respostas dos juízes ao avaliar o item. Na quarta etapa, foi calculado o CVC final dos itens, $CVC_c = CVC_i - Pe_i$. Por fim, na quinta etapa foi calculado o CVC total (CVC_t) para cada uma das dimensões, $CVC_c = M_{cvc_i} - M_{pei}$.

A concordância interavaliadores foi utilizada para a análise da dimensão teórica dos itens, sendo recomendado manter itens com valores iguais ou superiores a 80%. A etapa subsequente consistiu na análise dos comentários e sugestões provenientes dos sete juízes, permitindo as devidas alterações nos itens da ES-SOROR.

Resultado

O objetivo da análise dos itens realizado pelos juízes foi avaliar: Clareza de Linguagem, Pertinência Prática, Relevância Teórica e Dimensão teórica. Em seguida, o mesmo conjunto de itens foi analisado por um grupo diverso de mulheres para verificar os mesmos tópicos dos juízes no que se refere a análise textual e de compreensão. O objetivo foi o aprimoramento do instrumento quanto à adequação dos itens e à cobertura de ações de Sororidade nas questões práticas.

Os 79 itens construídos e organizados em 9 temas para versão inicial da ES-SOROR foram submetidos à análise de juízes e foram mantidos os itens com CVC iguais ou maiores que 0,80. Deste modo, foram excluídos dois itens da versão inicial, “Acreditar em outras

mulheres, não acreditando que mulheres mentem" (CVC=0,74) e "Acreditar que mulheres negras não são inferiores" (CVC=0,74). Os resultados do CVC foram estabelecidos de acordo com as indicações presentes na literatura na área da psicometria (Pasquali, 1999; Hernández-Nieto, 2002; Pasquali, 2007).

Quanto a dimensão teórica solicitada sim ou não, apenas o item "Estar perto de mulheres com vestimentas mais insinuantes" foi sinalizado por dois juízes como não adequado a dimensão teórica e outros 7 sinalizados apenas por um dos 3 juízes especialistas. No que se refere aos apontamentos item a item nas observações, pode-se acolher mudanças em relação a linguagem, termos e até supressão de itens. A única juíza especialista questionou a relação de alguns itens com afazeres domésticos, fica a atenção que mesmo imersas na crítica no que se refere ao patriarcado, somos pesquisadoras imersas e forjadas nessa cultura patriarcal (Cámara, 2017; Vergès, 2019).

Em relação a análise qualitativa dos comentários dos juízes especialistas e das juízas mulheres, dos 79 itens avaliados outros 16 itens foram retirados, considerando a avaliação qualitativa dos comentários. O tema desconstrução foi suprimido, pois os itens se aproximaram mais de outros temas, exemplo: "Ser acolhedora com mulheres fora do padrão de beleza" que foi deslocado para o tema empatia, ou "Rever minha postura para apoiar mulheres com ideias diferentes" que estava mais relacionada com o tema atitude. Dos itens suprimidos, houve aglutinações de alguns por estarem parecidos e outros suprimidos por denotarem juízo de valor, dificuldade na compreensão ou termos que poderiam dificultar a compreensão das respondentes em geral. A exemplo de itens suprimidos, temos: "Não compartilhar *Fake News* para aniquilar uma mulher que não gosto", onde houve os questionamentos pelos juízos em relação a palavra aniquilamento; ou "Acreditar em outras mulheres, não acreditando que mulheres mentem" onde todos os juízes especialistas e as juízas mulheres indicaram ser um item ruim e confuso.

Ao final desta etapa, com o propósito de efetuar a adequação dos itens da Escala de Autoeficácia para a Sororidade, algumas alterações foram realizadas. A escala ficou organizada com 8 temas, que são: empatia, patriarcado, lutas, atitudes, preconceito, escuta, união e singularidade e finalizada com 61 itens.

Etapa 3. Estudo Piloto com Público-Alvo.

Participantes

Participaram cinco mulheres com idades entre 24 e 48 anos ($M = 9,4$; $DP = 10,545$), com escolaridade do ensino fundamental a pós-graduação, das quais quatro não tinham filhos e uma sim. Essas participantes avaliaram a semântica dos 61 itens selecionados ao longo do processo e já organizados em Escala Likert composta por 5 pontos.

Instrumento

No estudo piloto foi utilizado formulário impresso com questões sociodemográficas e a escala ES-SOROR final, neste momento com 61 itens. O formulário continha quatro folhas, na primeira o TCLE a ser assinado, na segunda solicitação de informações sociodemográficas e na terceira e quarta folha, os 61 itens dispostos em 6 colunas, sendo a primeira os itens e nas subsequentes a escala likert de 5 ponto: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo parcialmente; 3 – Indiferente; 4 – Concordo parcialmente; e 5 – Concordo totalmente.

Procedimento

Em conversa presencial com as mulheres, foi realizada a leitura e assinatura do TCLE. Posteriormente as mulheres responderam à escala já sistematizada de forma impressa individualmente e posteriormente foi feita uma conversa sobre o que acharam, o que não estava elucidado ou de fácil compreensão, além de possíveis sugestões. As conversas foram realizadas no local de trabalho das mulheres e tiveram duração média de 15 minutos para leitura, preenchimento e indicação de dúvidas e/ou mudanças.

Análise de Dados

Foi realizada análise qualitativa a partir da aplicação da escala. Em conversa presencial foram analisadas as falas das mulheres no que se refere a compreensão a semântica e textos dos 61 itens. Para possibilitar melhor percepção do que as mulheres entenderam (Bardin, 2011) sobre os itens da Escala de Autoeficácia para a Sororidade. Além de acolher possíveis mudanças textuais.

Resultado

As mulheres do estudo piloto, puderam nas conversas presenciais verbalizar o que fariam ou não nos itens que julgaram mais específicos de suas histórias, mas não indicaram mudanças específicas. Relataram que não tiveram dificuldade em compreender os itens no que se refere a semântica, logo, nenhum item ficou comprometido a ponto da necessidade de sua retirada da escala ou novo texto. Desta forma, foram mantidos os 61 itens, que serão organizados como escala e disponibilizados para a coleta na modalidade online.

Nesta fase não houve indicação de mudanças, apenas questionamentos relacionados ao entendimento da escrita e foi percebido que se posicionaram a partir de suas crenças pessoais. É natural, mas impacta o quanto lidamos com a outra a partir de nossa história e não como apoio (Lagarde, 2012).

A exemplo do item 3 “Me imaginar no lugar de outras mulheres com vivências diferente das minhas”, uma respondente achou confuso. Para o item 6 “Criticar piadas que rebaixem as mulheres nas rodas de amigos” duas assinalaram o item 1 (Discordo totalmente) ficando evidente a dificuldade em se posicionar nos grupos. No item 15 “Apoiar mulheres nos enfrentamentos diferentes dos meus”, duas relataram que depende de qual posicionamento. Já no item 19 “Iniciar um movimento no trabalho para apoiar mulheres”, uma respondente disse que seria algo complicado e outra que nunca passou por isso. No item 28 “Interferir numa situação em espaço público para defender uma mulher”, uma registrou que não sabe se tomaria

uma posição. Foi interessante observar que as 5 todas relataram que não apoiariam a mulher no caso do item 52 “Respeitar a decisão de mulheres que voltem para o convívio do autor de violência”, mesmo sendo algo externo, a situação mobilizou este grupo de mulheres. E por fim, no item 58 “Entender que as mulheres têm o direito de fazer o que quiserem com seus corpos”, mesmo sendo algo geral uma respondente escreveu: “*não apoio aborto de relação com consentimento*”.

Percebe-se o quanto determinados temas e situações mantem as mulheres em pensamentos mais individualistas e sem empatia (Faleiros, 2007). Existe certa dificuldade em se retirar das emoções que levam ao julgamento moral e se disponibilizar nas relações de Sororidade (Lagarde, 2012; Leal, 2020).

Estudo 2. Evidências de Validade Baseadas na Estrutura Interna da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (Es-Soror) e Estimativa da Precisão.

Método

Participantes

A amostra utilizada para a verificação da estrutura interna da escala foi composta por 521 mulheres. As idades das participantes variaram entre 18 e 73 anos ($M = 41,0$; $DP = 11,993$). Desta amostra 98,3% mulheres se declararam cisgêneras, e 0,8% das respondentes preferiram não informar sua identidade sexual e 0,2% delas se declararam transgêneras. Em relação a raça/etnia as mulheres se declararam: 70,1% branca, 17,5% parda, 8,8% preta, 0,4% indígena, 2,5% amarela e 0,8% preferiram não informar. Em relação a maternidade 59,5% das mulheres são mães e 40,5% não tem filhos. Sobre as regiões de residência, 77% das mulheres respondentes estão na região sudeste, 8,6% na região nordeste, 7,5% na região sul, 3,8 estão na região centro-oeste e 3,1% na região norte do Brasil.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico - Foi elaborado pelas autoras e composta por sete questões. São elas: idade, identidade de gênero, identidade étnico racial, escolaridade, renda familiar mensal, região onde reside, se tem filhos.

Escala de Autoeficácia para a Sororidade - ES-SOROR (Corbett e Noronha, 2022) É uma escala de autorrelato com 61 itens em escala Likert, variando de "discordo totalmente" a "concordo totalmente", que avalia o quanto a mulher sente-se capaz em desempenhar uma relação de Sororidade com outras mulheres. Para esta amostra, a precisão foi estimada pelo alfa (α 0,919) e pelo ômega ($\omega = 0,920$).

Procedimento

A coleta de informações se deu no formato online. Foi disponibilizado um link na plataforma Google Formulários e o instrumento foi divulgado via rede de movimentos de mulheres e redes sociais (e.g. Facebook, Instagram, LinkedIn, WhatsApp). Após concordar de maneira online com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as participantes tiveram acesso ao protocolo que contou com o *Questionário sociodemográfico*, a *Escala de Autoeficácia para a Sororidade - ES-SOROR* (Corbett & Noronha, 2022). Foram aplicados, além do questionário sociodemográfico e da ES-SOROR, outros que serão analisados no próximo estudo, a saber: *Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia – ACME* (Vachon & Lynam, 2015); e *Escala de Pró-Sociabilidade - EPS* (Noronha et al., 2020). Estimou-se 30 minutos para o preenchimento dos instrumentos.

Análise dos Dados

Foi realizada análise estatística descritiva no que se refere aos dados sociodemográficos e Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Confirmatória (AFC) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da escala. Os critérios do teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de Esfericidade de Bartlett foram empregados para determinar se a matriz de dados é fatorável.

Foi realizada Análise Fatorial Confirmatória, utilizando o método de estimação Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted (WLSMV). A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste Root Mean Square Error of Aproximation (RMSEA), Comparative Fit Index (CFI) e Tucker-Lewis Index (TLI). De acordo com a literatura (Brown, 2006), valores de RMSEA devem ser menores que 0,08 e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90 ou, preferencialmente, 0,95.

Os índices de consistência interna de cada um dos fatores foram calculados por meio do alfa de Cronbach (α) e do ômega de McDonald (ω), em que valores iguais ou superiores a 0,70 são considerados adequados (Andrade & Valentini, 2018). Foi utilizado o programa JASP (Jeffrey's Amazing Statistics Program, versão 0.17.2.1) para a realização das análises.

Resultado

Para compreender os construtos latentes da ES-SOROR que explicam a covariância entre os itens, foi realizada uma análise fatorial exploratória. Para investigar se a matriz de dados é fatorável, foram utilizados dois métodos: Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e Teste de Esfericidade de Bartlett. O KMO foi de 0,95, considerado alta. O teste de Bartlett foi estatisticamente significativo (6198,6 gl = 190, $p < 0,001$), indicando que a matriz de dados é fatorável. Os 61 itens foram submetidos à análise fatorial exploratória. Identificou-se que as cargas fatoriais variaram de |0,41| a |0,89|. Entendendo que o instrumento possui fatores correlacionados, optamos pela Rotação Oblíqua, mais especificamente, Oblimin. A análise paralela indicou a retenção de quatro fatores e, em geral, os itens apresentaram cargas fatoriais elevadas.

O objetivo da análise, além de confirmar a estrutura, foi reduzir o número de itens. As cargas foram consideradas moderadas à alta, considerando a literatura de que sejam mantidos como critério mínimo de significância para itens com cargas iguais ou superiores a |0,30| (Hair et al., 2009). A escolha de corte de itens para uma melhor validação psicométrica foi baseada

em três premissas, a saber: 1. Cargas que não carregaram; 2. Cargas cruzadas; e por fim, 3. Cargas menores que $|0,50|$. A partir da análise da matriz fatorial, foram excluídos 41 itens, neste ponto a matriz se manteve com 4 fatores com boa significância nos itens.

Na tabela 1 estão descritos os itens da escala na coluna 1, seguidos pelas colunas 2, 3, 4 e 5 pelos fatores encontrados na análise Fatorial Exploratória. Em cada coluna dos fatores estão as cargas fatoriais dos itens.

Tabela 1

Análise Fatorial Exploratória da ES-SOROR

	Fator 1 Suporte Social	Factor 2 Suporte Emocional	Fator 3. Ações Coletivas	Fator 4. Enfrentamento ao Patriarcado
25. Valorizar o trabalho de uma trabalhadora doméstica	0.897			
27. Apoiar mulheres que tenham realidades socioeconômicas diferente da minha	0.859			
33. Apoiar mulheres que são desqualificadas pela sua etnia	0.807			
23. Apoiar uma trabalhadora, independente de seu cargo	0.788			
31. Sair de onde estou e ir ao encontro de uma mulher que precisa de ajuda independente da cor de sua pele	0.769			
50. Respeitar emoções e dores de outras mulheres		0.894		
46. Apoiar uma mulher que escolhe ter ou manter seu cabelo independente do estereótipo		0.857		
56. Respeitar quando outra mulher estiver triste		0.763		
45. Esperar uma mulher para seguir juntas por uma rua escura		0.719		
59. Apoiar a ideia de outra mulher no trabalho		0.664		
43. Organizar ações sociais para apoiar mulheres			0.914	
53. Me envolver em conselhos de direitos (controle social) para garantir direitos das mulheres			0.822	
57. Criar estratégias de ações para apoiar desconhecidas			0.755	
51. Me envolver em ações coletivas para apoiar mulheres			0.698	
19. Iniciar um movimento no trabalho para apoiar mulheres			0.661	
14. Apoiar uma mulher que opta por não ter filhos				0.781
12. Apoiar mulheres que escolhem sair e se distrair ao invés de ficar arrumando a casa				0.721
8. Respeitar quando meninos brincam com brinquedos ditos femininos				0.657
35. Relacionar socialmente com mulheres trans em espaços públicos				0.529
15. Apoiar mulheres nos enfrentamentos diferentes dos meus				0.510

Com a Análise Fatorial Exploratória foram identificados quatro fatores na escala. Cada fator juntou determinados itens relacionados aos temas definidos na análise de conteúdo e a

partir dos temas foram criados os nomes dos fatores. Fator 1 denominado Suporte Social, foram sintetizados os temas: lutas preconceito e atitude; Fator 2 denominado Suporte Emocional, foram relacionados os temas: singularidade e união; Fator 3 denominado Ações Coletivas: união e lutas; e no Fator 4 denominado Enfrentamento ao Patriarcado: patriarcado, preconceito e lutas.

Para a interpretação dos resultados, optou-se por apresentar as medidas do alfa de Cronbach (α): 0,919 e do ômega de McDonald (ω): 0,920. O do ômega de McDonald, medida que vem sendo adotada por não ter interferência da quantidade de itens. Em que valores do ω (ômega total) que se encontram entre 0,70 e 0,90 são considerados aceitáveis na avaliação da confiabilidade de um instrumento.

Na tabela dois serão apresentados os coeficientes de precisão. Na coluna 1 os itens da escala, na segunda a correlação item-total e nas subsequentes o alfa e o ômega. Os valores das cargas fatoriais encontradas são aceitáveis (Tabela 2).

Tabela 2

Coefficientes de precisão dos itens e dos fatores da ES-SOROR

Item	Correlação item-total	Se o item for eliminado	
		α	ω
23. Apoiar uma trabalhadora [...]	0.723	0.874	0.878
25. Valorizar o trabalho [...]	0.743	0.873	0.875
27. Apoiar mulheres que [...]	0.785	0.859	0.864
31. Sair de onde estou e ir [...]	0.687	0.882	0.886
33. Apoiar mulheres que [...]	0.779	0.861	0.867
Fator 1. Suporte Social		0.893	0.897
45. Esperar uma mulher [...]	0.624	0.869	0.876
46. Apoiar uma mulher [...]	0.735	0.841	0.851
50. Respeitar emoções e [...]	0.769	0.835	0.841
56. Respeitar quando outra [...]	0.729	0.842	0.850
59. Apoiar a ideia de outra [...]	0.695	0.852	0.861
Fator 2. Suporte Emocional		0.874	0.881
19. Iniciar um movimento [...]	0.602	0.890	0.895
43. Organizar ações sociais [...]	0.816	0.842	0.850
51. Me envolver em ações [...]	0.749	0.861	0.867
53. Me envolver em [...]	0.741	0.865	0.868
57. Criar estratégias de [...]	0.764	0.855	0.864
Fator 3. Ações Coletivas		0.888	0.892
8. Respeitar quando [...]	0.554	0.798	0.805
12. Apoiar mulheres que [...]	0.622	0.777	0.788
14. Apoiar uma mulher [...]	0.682	0.766	0.768
15. Apoiar mulheres nos [...]	0.604	0.782	0.790

35. Relacionar socialmente [...]	0.606	0.783	0.794
Fator 4. Enfrentamento ao Patriarcado		0,817	0,824

As AFC foram realizadas considerando o modelo final da AFE, reportado anteriormente. Teve por objetivo continuar a busca por evidências de validade por meio da estrutura interna da Es-Soror. Os itens apresentaram cargas fatoriais elevadas em seus respectivos fatores (Tabela 3). A fidedignidade composta dos fatores também foi adequada (acima de 0,70) para quase todos os fatores, cabe destacar que a estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados ($\chi^2 / gl = 4,9$); $p < 0,001$; RMSEA = 0,0; SRMR = 0,053; CFI = 1,0; TLI = 1,0).

A análise confirmatória da Escala de Autoeficácia para a Sororidade está descrita na tabela 3 disposta em 4 colunas. Na primeira coluna estão apresentados os fatores, na segunda os itens da escala, na terceira as cargas fatoriais dos itens e por fim o p.

Tabela 3

Análise confirmatória da ES-SOROR

Fatores latentes	Itens	Cargas fatoriais	p
1. Suporte Social	23. Apoiar uma trabalhadora, independente de seu cargo	0.240	< .001
	25. Valorizar o trabalho de uma trabalhadora doméstica	0.189	< .001
	27. Apoiar mulheres que tenham realidades socioeconômicas diferente da minha	0.269	< .001
	31. Sair de onde estou e ir ao encontro de uma mulher que precisa de ajuda independente da cor de sua pele	0.225	< .001
	33. Apoiar mulheres que são desqualificadas pela sua etnia	0.249	< .001
2. Suporte Emocional	45. Esperar uma mulher para seguir juntas por uma rua escura	0.271	< .001
	46. Apoiar uma mulher que escolhe ter ou manter seu cabelo independente do estereótipo	0.270	< .001
	50. Respeitar emoções e dores de outras mulheres	0.279	< .001
	56. Respeitar quando outra mulher estiver triste	0.294	< .001
	59. Apoiar a ideia de outra mulher no trabalho	0.316	< .001
3. Ações Coletivas	19. Iniciar um movimento no trabalho para apoiar mulheres	0.389	< .001
	43. Organizar ações sociais para apoiar mulheres	0.601	< .001
	51. Me envolver em ações coletivas para apoiar mulheres	0.479	< .001
	53. Me envolver em conselhos de direitos (controle social) para garantir direitos das mulheres	0.633	< .001
	57. Criar estratégias de ações para apoiar desconhecidas	0.543	< .001
4. Enfrentamento ao Patriarcado	8. Respeitar quando meninos brincam com brinquedos ditos femininos	0.245	< .001

12. Apoiar mulheres que escolhem sair e se distrair ao invés de ficar arrumando a casa	0.271	< .001
14. Apoiar uma mulher que opta por não ter filhos	0.243	< .001
15. Apoiar mulheres nos enfrentamentos diferentes dos meus	0.259	< .001
35. Relacionar socialmente com mulheres trans em espaços públicos	0.294	< .001

Com a correlação dos fatores da AFE e AFC, foi possível analisar as relações entre fatores. Foi encontrado maior correlação entre os fatores 1 e 2 e os fatores 3 e 4 tiveram menos correlação.

Tabela 4

Correlação entre fatores da ES-SOROR

	Fator 1 Suporte Social	Fator 2 Suporte Emocional	Fator 3 Ações Coletivas	Fator 4 Enfrentamento ao Patriarcado
Fator 1 Suporte social	—			
Fator 2 Suporte Emocional	0.61 ***	—		
Fator 3 Ações Coletivas	0.50 ***	0.55 ***	—	
Fator 4 Enfrentamento ao Patriarcado	0.59 ***	0.49 ***	0.48 ***	—

Nota. * $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

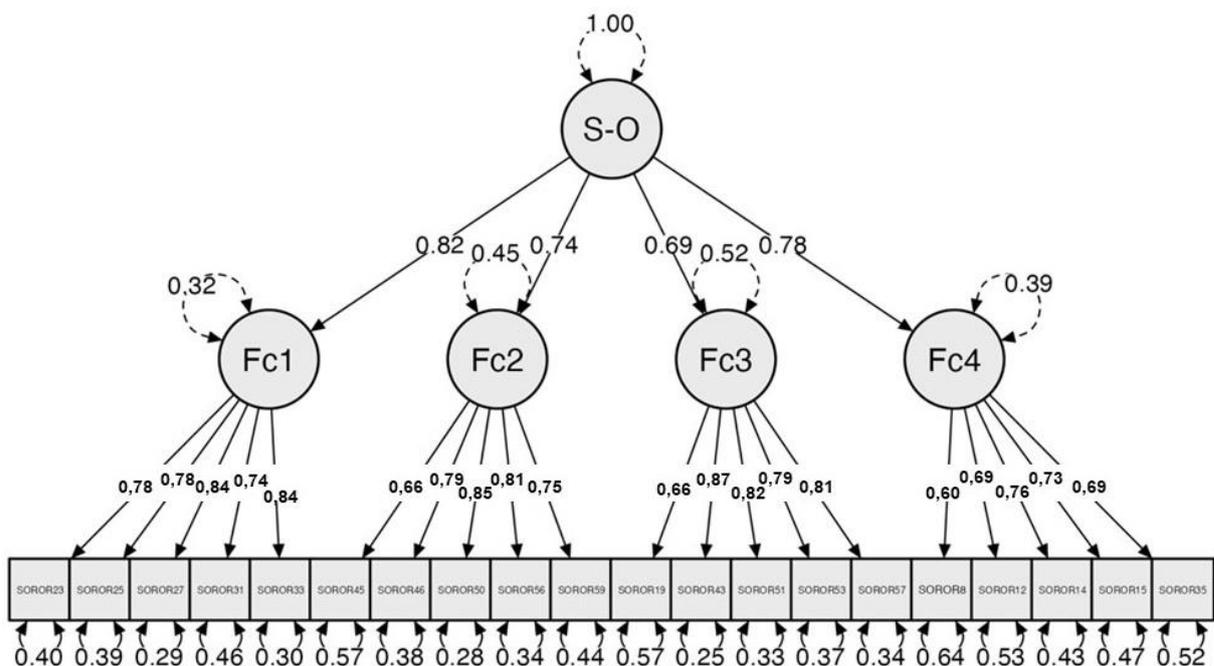
Os dados do presente estudo, o construto avaliado e os resultados puderam indicar a plausibilidade de uma variável hierárquica de segunda ordem. Modelos de componentes hierárquicos possibilitam a modelagem de construções ao longo de uma dimensão, que é considerada mais abstrata, assim, as construções hierárquicas podem ser descritas como aquelas que abrangem mais de uma dimensão. As variáveis latentes são abordadas com a consideração de que os conceitos analisados podem ser mensurados como variáveis compostas, assumidas como representações teóricas dos conceitos (Lacruz et al., 2022).

Características teóricas sustentam essa hipótese, já que o construto de autoeficácia é específico, mas está relacionado a vários domínios (Bandura, 1997; 2008). Indica a possibilidade de uma variável mais genérica, no caso a Autoeficácia para a Sororidade

explicando os fatores encontrados na AFE e AFC. A experiência de domínio em determinada área é vista como a fonte mais significativa para a formação das crenças de autoeficácia, sendo essa ligação estabelecida pela forma como as pessoas interpretam os resultados decorrentes de suas ações (Azzi, & Casanova, 2020). Assim, considera-se o modelo de segunda ordem o mais adequado para a ES-SOROR (Figura 2).

Figura 2

Modelo de segunda ordem para a ES-SOROR



Discussão

Este estudo teve como objetivo a criação e validação da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (Es-Soror). Durante esse processo de construção da concepção teórica, foram utilizados os conceitos de Sororidade e Autoeficácia. Inicialmente foram realizados levantamento bibliográfico para embasar o estudo. Foi utilizada a Autoeficácia de Bandura (1977) para compreender o quanto a mulher se sente capaz de ser apoio de outras mulheres. O conceito de Sororidade utilizado foi o do movimento feminista comunitário latino-americanos,

onde Sororidade é definida como amizade entre mulheres, numa relação empática considerando as múltiplas formas de ser mulher e suas diferenças (Cámara, 2017; Lagarde, 2012). Neste sentido, a Sororidade não é apenas uma simples irmandade entre mulheres, e sim compreendida como um movimento com “voz própria” (Fernandes, 2021).

Optou-se pela construção da escala por não ter um instrumento que abarcasse a temática e a compreensão desejada (Borsa & Seize, 2017). A escala foi pensada para integrar saberes advindos da psicologia social e da psicometria, além de fomentar pesquisas sobre temas importantes e necessário para as mulheres, podendo contribuir com políticas públicas. Para tanto, optou-se por iniciar o processo de desenvolvimento do instrumento por uma pesquisa empírica inicial com as mulheres, para acolher demandas e ouvir o público-alvo, garantindo seu lugar de fala e valorizando as experiências vividas (Damásio & Dutra, 2017).

As entrevistas semiestruturadas foram desenvolvidas no período de pandemia e as condições para a realização desta atividade teve impacto pelo momento vivido. A partir destas narrativas foram sistematizados oito temas relacionados ao conceito de Sororidade. Com base nestes resultados, observou-se que para este grupo de mulheres a Sororidade estava relacionada com ações práticas e empáticas, buscando maior apoio e cuidados entre as mulheres.

A etapa subsequente na construção do instrumento foi a análise de juízes foi baseada, no julgamento realizado por um grupo de juízes experientes na área, bem como um grupo denominado mulheres juízas. Eles analisaram se o conteúdo está coerente e adequado ao que se propõe (AERA, APA e NCME, 2014). Inicialmente foram construídos 79 itens. Após a análise dos grupos de juízes especialistas, foram subtraídos 2 itens que não alcançarem o critério estabelecido para o CVC (0,80). Outros 16 foram suprimidos considerando comentários qualitativos nos comentários sobre a escrita dos itens. Os comentários alertavam sobre o juízo de valor na escrita, bem como termos que poderiam induzir a resposta no que se refere a desejabilidade social. Importante comentar que a juíza especialista, única em sua análise,

levantou questionamentos sobre a relação de alguns itens com afazeres domésticos. Isso destaca a importância de reconhecer que, mesmo ao criticar o patriarcado, somos pesquisadoras que vivenciamos e fomos moldadas por essa cultura patriarcal (Cámara, 2017; Lagarde, 2012; Leal, 2020).

A partir da concordância entre os juízes e a eliminação de itens que não expressaram adequadamente o construto da escala, o instrumento foi finalizado com 61 itens. Porém, pode-se concluir que houve evidências de validade com base no conteúdo para a versão final.

Na sequência, foram realizadas análises de estrutura interna, que têm como objetivo encontrar evidências de validade interna para a ES-SOROR. A AFE indicou a existência de quatro fatores, esta técnica é fundamental para atingir os objetivos deste estudo (Damásio & Dutra, 2017). A utilização da AFC foi necessária para testar a plausibilidade da estrutura sugerida na AFE. Os resultados da AFC foram satisfatórios, com bons índices de ajustes na avaliação dos 25 itens compondo a estrutura de quatro fatores sugerida pela AFE (Damásio & Dutra, 2017). O objetivo das análises era reduzir o número de itens, sem perder a qualidade da escala.

Os itens tiveram cargas fatoriais altas, justificando a existência de um fator de ordem superior a autoeficácia para Sororidade. O constructo de autoeficácia é específico, porém relativo a diversos domínios (Bandura, 1997; 2008). A literatura apresenta a autoeficácia como domínio único (Bandura, 1977), logo os dados corroboram em ter autoeficácia para determinada situação.

Dos oito temas identificados na análise de conteúdo para a construção dos itens, após a AFE ficaram seis, sendo eles: atitude, lutas, patriarcado, preconceito, singularidade e união, ordenados em quatro fatores. Os itens que tiveram variância comum se agruparam nos fatores (Matos & Rodrigues, 2019) e foram denominados como: Suporte social; Suporte Emocional; Ações coletiva; e Enfrentamento ao patriarcado.

Os temas empatia e escuta não estavam representados nos itens fatoráveis. Os itens que representavam estes conteúdos não carregaram em nenhum dos quatro fatores finais da escala, e, portanto, foram excluídos (Matos & Rodrigues, 2019). Ainda assim, considera-se que são temas transversais e importantes que permeiam os fatores identificados (Lagarde, 2012; Leal, 2020) e que são necessários para a compreensão da Autoeficácia para a Sororidade.

Na correlação de item total a menor relação se deu no item 8 (Respeitar quando meninos brincam com brinquedos ditos femininos), no fator Enfrentamento ao Patriarcado. O item apresenta um tema sensível socialmente e que carrega ambivalências nas compreensões, bem como posicionamentos mais machistas em nosso contexto sócio-histórico (Câmara, 2017).

Foi possível observar relação maior entre os fatores Suporte Social e Suporte Emocional, pois são itens que levam as reflexões em relação a necessidade e desejo de suporte entre as mulheres. Já os fatores Ações coletiva e Enfrentamento ao patriarcado expressaram menor correlação, também justificados pela literatura (Lagarde, 2012), pois o enfrentamento ao patriarcado se dá por ações coletivas, porém a compreensão da necessidade deste enfrentamento ainda está em curso em nossa sociedade e entre as mulheres (Leal, 2020).

Considerações Finais

O presente estudo demonstrou o processo de construção e a evidência de validade da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (ES-SOROR). Trazendo uma importante contribuição para a avaliação sobre um tema que implica na vida das mulheres e que pode vir a ser utilizado como contribuição no processo educativo do público-alvo. Será uma possibilidade de preencher lacunas na compreensão da Autoeficácia para a Sororidade, entendendo se as mulheres se sentem capazes de apoiar outras mulheres nas mais diversas situações vividas. Estudos futuros serão bem-vindos para buscar evidências adicionais de validade do instrumento, baseados em amostras diversas no que se refere a faixa etária e cultura.

Referências

- American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education. (2014). *Standards for educational and psychological testing*. Washington, DC: AERA, APA, & NCME.
- Andrade, J. M., & Valentini, F. (2018). Diretrizes para a construção de testes psicológicos: A resolução CFP no 009/2018 em destaque. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 28-39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208890>
- Azzi, R. G.; Casanova, D. C. G. (2020) *Conversas sobre crenças de autoeficácia: texto para gestoras e gestores escolares*. Editora Letra 1.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 191-215. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Bandura, A. (1986) *Social foundations of thought and action*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1989) *Social cognitive theory*. p. 1-85.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy, the exercise of control*. Freeman and Company: New York.
- Becker, M. R., & Barbosa, C. M. (2016) Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e Experiências de Vida e Formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas Ciências Humanas. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 2(2), 243-256. <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883>
- Bezerra, P. T. T. (2018) Sororidade nas Redes Sociais: Elas de mãos dadas numa ciranda contra a violência sobre as mulheres? [Dissertação de mestrado] Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116736/2/298864.pdf>
- Borsa, J. C., Seize, M. M. (2017) *Construção e Adaptação de Instrumentos Psicológicos: Dois Caminhos Possíveis*. In: Damásio, B. F.; Borsa, J. C., 15-37. Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos. Vetor.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. The Guilford Press.
- Cámara, J. (2020). Sororidad y conciencia femenina: qué hermandad de mujeres para qué propuesta política. *Viento Sur*. <https://vientosur.info/sororidad-y-conciencia-femenina-que-hermandad-de-mujeres-para-que-propuesta/>
- Conselho Nacional de Saúde (2016). Resolução nº 510/2016 – *Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

- Damásio, B. F., Dutra, D. F. (2017). *Análise Fatorial Exploratória: um tutorial com o software Factor*. In: Damásio, B. F.; Borsa, J. C., 241-265. Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos. Vetor.
- Faleiros, E. (2007) Violência de Gênero. In: Taquete, S. R. *Violência contra a mulher adolescente/jovem*. UERJ. (61-67).
- Fernandes, E. B. (2021). Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade. Cadernos Pagu. 63. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630009>
- Foucault, M. (1971). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária (Trabalho original publicado em 1969)
- Garcia, D. A. & Sousa, L. M. A. (2016) A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. *Estudos Linguísticos*, 44(3), 991–1008. <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman editora.
- Hernandez, N. R. A. (2002) *Contributions to Statistical Analysis*. Universidad de Los Andes.
- Lacruz, AJ, Assis, WM de, & Guedes, T. de A. (2022). Modelos de Componentes Lacruz, A. J., Assis, W. M. de, & Guedes, T. de A. (2022). Hierarchical Component Models in Partial Least Squares Structural Equation Modeling: guidelines for second-order constructs. In *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3978> (Original work published 2022)
- Lagarde y de los Rios, M. (2012). El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías. *Livro eletrônico*. <https://repositorio.ciem.ucr.ac.cr/handle/123456789/121>
- Leal, Tatiane. A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2019.
- Leal, T. (2020). O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. *Revista ECO-Pós*, 23(3), 139–164. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27601>
- Matos, D. A. S. & Rodrigues, E. C. (2019). *Análise fatorial*. Brasília: Enap, 74 p.: il. <https://doi.org/10.51302/rtss.2006.5863>
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F. & Gomes, R. (2010). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 95-p). <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047761>
- Noronha, A. P. P., Dias-Viana, J. L., Batista, H. H. V., Souza, M. H., Campos, A. M. B., Theotonio, M., Pio, J. L. S., Vanni, P., Queiroz, L. G. Q. & Corbett, J. S. (2020). Construção e evidências de validade com base na estrutura interna da escala de pro-

Sociabilidade (EPS) [manuscrito submetido para publicação]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco, Universidade São Francisco.

Pasquali, L. (1999). *Instrumentos Psicológicos: manual prático de elaboração*. Prática Gráfica e Editora

Pasquali, L. (2007). Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 especial, p. 99-107. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500019>

Penkala, A. P. (2014). A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black. *Paralelo 31*, 2(3). <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10216>

Tiburi, M., (2016). Prefácio. In Souza, B., *Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas*. (pp 7-10) Galeria Record.

Vachon, D. D., & Lynam, D. R. (2016). Fixing the Problem With Empathy: Development and Validation of the Affective and Cognitive Measure of Empathy. *Assessment*, 23(2), 135-149. <https://doi.org/10.1177/1073191114567941>

Vergès, F. (2020). *Um feminismo decolonial*. Ubu Editora.

Wolff, T. C. (2020). A luta por sororidade. *Arte da Cena (Art on Stage)*, V.6 (1). <https://doi.org/10.5216/ac.v6i1.61179>

Análise de Mediação da Autoeficácia para a Sororidade entre a Empatia e a Pró-Sociabilidade. (Artigo 2)

*Juliana dos Santos Corbett
Ana Paula Porto Noronha*

Resumo

O objetivo do presente estudo foi avaliar se a Autoeficácia para a Sororidade funciona como variável mediadora na relação entre a empatia e a pró-sociabilidade. Participaram da pesquisa de forma online 521 mulheres, com idades entre 18 e 73 anos ($M = 41,0$; $DP = 11,993$), em relação a maternidade 59,5% das mulheres são mães e 40,5% não tem filhos. Sobre as regiões de residência, 77% das mulheres respondentes estão na região sudeste, 8,6% na região nordeste, 7,5% na região sul, 3,8 estão na região centro-oeste e 3,1% na região norte do Brasil. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa: Questionário Sociodemográfico, a Escala de Autoeficácia para a Sororidade - ES-SOROR Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia – ACME; e Escala de Pró-Sociabilidade – EPS. Foi realizada Análise Fatorial Confirmatória e testado um modelo de mediação. Os resultados obtidos por meio da análise de mediação confirmaram a hipótese de que a empatia mediada pela autoeficácia para a Sororidade, a crença de ser capaz de contribuir com outras mulheres aumenta os comportamentos pro-sociais. A pesquisa contribui para oferecer elementos que podem embasar propostas de políticas públicas, promovendo a emancipação, autonomia e, por conseguinte, aprimorando a qualidade das relações entre mulheres. É uma oportunidade para fortalecer a crença na capacidade de promover igualdade de gênero e estimular uma discussão mais ampla sobre relações empáticas entre mulheres.

Palavras-chave: avaliação psicológica; empatia; pró-sociabilidade; maternidade; rede de mulheres.

Abstract

Mediation Analysis of Self-Efficacy for Sisterhood Between Empathy and Pro-Sociability

The objective of the present study was to evaluate whether Self-Efficacy for Sisterhood works as a mediating variable in the relationship between empathy and pro-sociability. 521 women participated in the online survey, aged between 18 and 73 years ($M = 41.0$; $SD = 11.993$). In relation to motherhood, 59.5% of women are mothers and 40.5% do not have children. Regarding regions of residence, 77% of women respondents are in the southeast region, 8.6% in the northeast region, 7.5% in the south region, 3.8 are in the central-west region and 3.1% in the north region of Brazil. The following research instruments were used: Sociodemographic Questionnaire, the Self-Efficacy Scale for Sisterhood - ES-SOROR Affective and Cognitive Measure of Empathy - ACME; and Pro-Sociability Scale – EPS. Confirmatory Factor Analysis was performed and a mediation model was tested. The results obtained through mediation analysis confirmed the hypothesis that empathy mediated by self-efficacy for Sisterhood, the belief in being able to contribute to other women, increases prosocial behaviors. The research contributes to offering elements that can support public policy proposals, promoting emancipation, autonomy and, therefore, improving the quality of relationships between

women. It is an opportunity to strengthen belief in the ability to promote gender equality and stimulate a broader discussion about empathetic relationships between women.

Keywords: psychological assessment; empathy; pro-sociability; maternity; women's network.

Resumen

Análisis de Mediación de la Autoeficacia para la Hermandad entre la Empatía y la Pro-Sociabilidad

El objetivo del presente estudio fue evaluar si la Autoeficacia para la Sororidad funciona como variable mediadora en la relación entre empatía y prosociabilidad. En la encuesta online participaron 521 mujeres, con edades entre 18 y 73 años ($M = 41,0$; $DE = 11,993$), en relación a la maternidad, el 59,5% de las mujeres son madres y el 40,5% no tienen hijos. En cuanto a las regiones de residencia, el 77% de las mujeres encuestadas se encuentran en la región Sudeste, el 8,6% en la región Nordeste, el 7,5% en la región Sur, el 3,8% en la región Centro-Oeste y el 3,1% en la región Norte de Brasil. Se utilizaron los siguientes instrumentos de investigación: Cuestionario Sociodemográfico, Escala de Autoeficacia para la Sororidad - ES-SOROR Medida Afectiva y Cognitiva de Empatía - ACME; y Escala Pro-Sociabilidad – EPS. Se realizó un Análisis Factorial Confirmatorio y se probó un modelo de mediación. Los resultados obtenidos a través del análisis de mediación confirmaron la hipótesis de que la empatía mediada por la autoeficacia para Sororidad, la creencia en poder contribuir a otras mujeres, aumenta las conductas prosociales. La investigación contribuye a ofrecer elementos que puedan sustentar propuestas de políticas públicas, promoviendo la emancipación, la autonomía y, por tanto, mejorando la calidad de las relaciones entre las mujeres. Es una oportunidad para fortalecer la creencia en la capacidad de promover la igualdad de género y estimular un debate más amplio sobre las relaciones empáticas entre las mujeres.

Palabras clave: evaluación psicológica; empatía; prosociabilidad; maternidad; red de mujeres.

Introdução

O movimento feminista tem apontado a empatia como um elemento importante na ética do cuidado entre as mulheres (Kamas & Preston, 2020). Dentre as definições de Sororidade, temos a empatia como comportamento recorrente associado à ideia de apoio entre as mulheres (Leal, 2018). A empatia tem sido objeto de estudo ao longo da história da Psicologia, principalmente nas áreas evolutiva, social, da personalidade e clínica (Eisenberg & Strayer, 1992). Humanos são seres gregários e entender como se relacionam a luz da empatia é essencial, já que se trata de uma característica importante para o convívio social e os estudos indicam sua relação com competência social e comportamento pró-social (Cecconello & Koller, 2000; Eisenberg & Miller, 1987; Gola et al., 2022; Morelli et al., 2014;). Para compreender essa premissa, o presente estudo tem por objetivo entender o quanto a Autoeficácia para a Sororidade pode mediar a relação de empatia entre as mulheres, aumentando a sua pro-sociabilidade.

A Sororidade pode ser compreendida como um domínio da eficácia coletiva, pois é a aliança entre mulheres, baseada na ideia de irmandade que constitui um sentimento capaz de superar outros como o ódio, a inveja e o ciúme, se apropriando de outros como amizade, a solidariedade e a indignação frente ao patriarcado (Leal, 2018). A possibilidade de se colocar no lugar de outras e de se identificar com situações e ações de mulheres que conseguiram avançar e quebrar paradigmas, contribui com o movimento feminista e com o protagonismo das mulheres. No presente estudo, Sororidade será compreendida como comportamento ético, prático e empático que gera pró-sociabilidade.

A cultura patriarcal mantém a baixa crença em grupos de mulheres afirmando que não é possível estabelecer relações empáticas e de apoio entre elas. Para embasar e discutir o estudo foi escolhida a autoeficácia, considerou-se que este construto tem se mostrado preditor de comportamentos nos mais diversos contextos, a exemplo do ambiente educacional, saúde e

trabalho. O conceito de autoeficácia propõe possibilidades de alterar os comportamentos a partir de intervenções nas percepções sobre as capacidades das pessoas em promover mudanças (Bandura, 1977). A Sororidade contribui para minimizar opressão, pois quanto mais mulheres que acreditam em sua capacidade de apoiar e fortalecer as relações grupais e empáticas com outras mulheres, mais possibilidades de engajamento para criar laços e combater as diversas formas de opressão perpetuadas e criadas, ao longo dos séculos, pelo patriarcado (Becker & Barbosa, 2016; Lagarde, 2012; Leal, 2019; Wolff, 2020).

O grupo social compõe parte da construção da identidade dos sujeitos, é por meio do grupo que os indivíduos adquirem valores, introjetam normas, condutas e adquirem necessidades. O sentimento de pertencimento à determinado grupo influencia o comportamento diante do outro. Em cada grupo social, os seus integrantes desenvolvem uma relação de constância e, dessa forma, dividem histórias, experiências, objetivos, princípios, tradições, símbolos e normas, garantindo a ordem e o cumprimento de certos papéis na sociedade. Os sujeitos constroem sua identidade individual e grupal no processamento contínuo de intersubjetividades vividos nas relações socioculturais (Zimmerman, 1993).

Todo grupo tem uma história e, por meio dela, pode-se verificar seu desenvolvimento e suas mudanças. O sentimento de solidariedade pode estabelecer-se como um importante fator de sustentação e manutenção de um grupo (Alexandre, 2002; Arantes, 2020). Passa-se a maior parte das nossas vidas no convívio com grupos, como: famílias, amigos, trabalho, sempre compartilhando o cotidiano e experiências com outras pessoas (Arantes, 2020). Por viver em sociedade e por sermos seres gregários, muitas vezes a conquista dos resultados que os indivíduos almejam só são possíveis com iniciativas interdependentes. Trabalhar em grupo pode garantir que as pessoas alcancem ou realizem o que não conseguem sozinhas (ações que não dependem somente da proatividade individual). Por isso a teoria social cognitiva amplia a concepção de agência humana à agência coletiva (junção de suas agências humanas

individuais), que permitirá atingir objetivos que não poderiam ser atingidos individualmente (Bandura, 2008)

As crenças compartilhadas e seu poder coletivo de produzir resultados desejados são fundamentais para a agência coletiva, já que a realização do grupo é produto dos conhecimentos compartilhados e não apenas de habilidades individuais. Um grupo age de acordo com o comportamento de seus membros e entende-se que o foco da percepção de eficácia coletiva está nas mentes dos membros do grupo “agindo de forma coordenada segundo uma crença compartilhada, e não uma mente grupal desincorporada, que percebem, aspiram, motivam e regulam” (Bandura, 2008, p. 116).

Desenvolver a Autoeficácia para a Sororidade pode contribuir com afinidades, desconstruídas historicamente entre as mulheres, podendo ser um possível caminho para elaborar intervenções. Dessa forma, compreender a crença de ser capaz de lidar com relações empáticas entre mulheres gera outra forma de lidar com o patriarcado. Sendo fonte de colaboração para o movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres (Lagarde, 2012).

A empatia é um construto psicológico com grande importância para a vida das pessoas. A influência desse construto na conduta social vem sendo estudada por diversos autores e pesquisadores da psicologia e das ciências sociais, como Goleman (1995) que apresenta a empatia como uma habilidade que afeta o ajustamento social do indivíduo e Falcone (1999), que defende a importância deste conceito para a vida pessoal e profissional das pessoas.

Falcone et al. (2013) e Silva e Panciera (2023) discorrem que, mesmo a empatia já ser considerada como construto multidimensional, abrangendo componentes cognitivos, afetivos e comportamentais; Eisenberg et al. (1997) tem a posição de compreender a empatia como um fenômeno predominantemente cognitivo; já Davis (1980); Falcone (1999); e Koller et al. (2001) afirmam que é um processo sobretudo afetivo. Historicamente, o conceito de empatia foi objeto de reflexões teóricas, a exemplo de Freud (1905/2006) e Rogers (1985/2001), mas

de poucas investigações empíricas. Foi apenas na década de 1950 que o interesse em pesquisar empatia ficou mais evidente.

O componente cognitivo aborda a capacidade do indivíduo de deduzir as emoções e pensamentos de alguém em um contexto específico. O aspecto afetivo refere-se a um genuíno interesse em compartilhar emoções, experienciar preocupação e demonstrar compaixão pela situação de outra pessoa. Já a dimensão comportamental da empatia envolve expressões não-verbais e verbais que indicam a compreensão do estado emocional de outro indivíduo (Falcone et al., 2013; Silva e Panciera, 2023).

Outros estudiosos entendem que as características relacionadas à dimensão afetiva da empatia são compostas pela ressonância afetiva e pela dissonância afetiva. A ressonância afetiva abarca a preocupação empática, simpatia, piedade e compaixão. Em contraste, a dissonância afetiva refere-se à vivência de uma resposta emocional contraditória, tal como tirar proveito do sofrimento alheio ou experimentar irritação diante da felicidade do outro (Vachon & Lynam, 2015).

Empatia pode ser compreendida como a capacidade do indivíduo em inibir seus padrões egocêntricos e tomar a perspectiva de outra pessoa, considerando os sentimentos desta, na tentativa de experimentar melhores relações interpessoais. Versa sobre uma habilidade de comunicação imprescindível para a qualidade das relações sociais e para a saúde mental (Falcone et al., 2013) a exemplo de grupos de mulheres. Empatia seria a disponibilidade em captar o mundo particular de alguém, como se fosse seu próprio mundo, sem perder de vista o caráter do ‘como se fosse’, já que cada indivíduo tem sua própria subjetividade e experiência (Rogers, 1997). Becker e Barbosa (2016) apresentam Sororidade como fundamental para que uma mulher possa se colocar no lugar da outra, exercitando relações empáticas para combater a misoginia (e. g. é usada para definir sentimentos de aversão, repulsa ou desprezo pelas mulheres e valores femininos).

No campo da Psicologia social, foi a partir da década de 1960 que começaram a realizar diversos estudos para investigar comportamentos de ajuda, na tentativa de explicá-los por meio de construtos motivacionais, tais como: empatia, o altruísmo, a dependência e as disposições pessoais. Embora existam divergências conceituais quando falamos de termos como empatia, simpatia e compaixão, foi amplamente difundida na psicologia social a ideia de que esses construtos estarem relacionados a aspectos motivacionais da vida em sociedade. Psicólogos sociais das mais diferentes correntes teóricas estavam interessados em compreender por que as pessoas se engajam em comportamentos de ajuda e em quais circunstâncias estes tornam-se mais prováveis. Consequentemente, estavam interessados em saber qual seria o papel da empatia nesse processo (Azevedo et al., 2018; Gola et al., 2022; Sampaio et al., 2009).

O estudo da empatia possibilita compreender as relações humanas, favorecendo a construção de vínculos afetivos e motivando as atitudes pró-sociais. Entendendo esse construto, que desempenha um papel relevante nas interações sociais, como uma competência que se manifesta nos primeiros anos de vida e se desenvolve progressivamente ao longo do desenvolvimento pessoal. Vista como uma capacidade a ser desenvolvida e refinada ao longo dos anos de reconhecer sentimentos e pensamentos dos outros (Sampaio et al., 2009). Ramos (2018) discorre sobre a convergência da associação entre os níveis de empatia e de comportamento pró-social.

No campo mais empírico temos o exemplo de Davis (1980; 1983), com a *Interpersonal Reactivity Index* (IRI), com o pressuposto de que a empatia é um traço constitucional do sujeito. A escala possui quatro dimensões: consideração empática, angústia pessoal e tomada de consciência e fantasia. No Brasil, Falcone et al. (2008; 2013) com o Inventário de Empatia (IE) brasileiro, com o pressuposto de empatia ser a capacidade de se entender a perspectiva e os sentimentos do outro. O instrumento de autorrelato avalia quatro dimensões da empatia, sendo duas dimensões cognitivas como a Tomada de Perspectiva (TP) e a Flexibilidade

Interpessoal (FI); e outras duas dimensões afetivas, o Altruísmo (AI) e a Sensibilidade Afetiva (SA) (Azevedo et al., 2018).

Vachon e Lynam (2015) desenvolvem a *Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia* (ACME), uma escala de autorrelato que mede a empatia cognitiva e a empatia afetiva (subdividido em ressonância afetiva e dissonância afetiva). Por tratar-se de uma medida promissora, adequada para medir empatia em sua multidimensionalidade, a ACME foi utilizada no presente estudo.

Embora não exista consenso na literatura a respeito de diferenças de gênero notadas nos estudos sobre a empatia, estudos que se utilizam de escalas auto avaliativas têm demonstrado de forma consistente que as mulheres atingem pontuações mais elevadas que os homens em subescalas afetivas de empatia. As mulheres se descrevem como mais empaticamente sensíveis. Porém, não é observada diferenças significativas entre homens e mulheres em subescalas em que se relaciona componentes cognitivos da empatia, como a tomada de perspectiva. Tais diferenças podem sofrer influências da expectativa social, produzidas pela utilização de instrumentos auto avaliativos (Sampaio et al., 2009).

A visão filosófica compreende que ser empático ou simpático motiva o comportamento pró-social. Os psicólogos distinguem entre empatia situacional (e. g. empatia por um outro experimentando uma angústia particular em um determinado momento), de empatia disposicional (e. g. uma característica de personalidade; Kamas & Preston, 2020). Estudos de empatia disposicional costumam usar uma medida autorrelatada, como o IRI ou o EQ para medir a empatia e conectá-la ao comportamento pró-social. Há forte evidência de que uma maior empatia (situacional e disposicional) está ligada a comportamento mais pró-social (Batson et al. 2015; Davis, 1983; Eisenberg & Miller, 1987).

A propensão das meninas em demonstrarem maior envolvimento e preocupação com demandas dos outros revela maiores níveis de comportamento pró-social (Ramos, 2018).

Percebe-se maiores níveis de comportamento pró-social e de empatia em meninas e essas também revelaram níveis mais elevados no que se refere ao altruísmo, cooperativismo e comportamentos empático, ainda de acordo com o autor. A diferença de gênero também se apresenta nos níveis de confiança interpessoal entre pares, verificando que sendo mais empáticas, tem maior probabilidade de manifestar comportamentos pró-sociais (Rotenberg et al., 2005).

Na mesma direção, Kamas & Preston (2020) consideram, levando em conta a literatura, que a empatia promove ações pró-sociais e que mulheres são mais empáticas do que os homens. Com isso, pode-se sugerir que maior empatia leva as mulheres a manifestarem maior comportamento pró-social. As autoras problematizam a forma como a empatia geralmente é medida, normalmente por questionários ou situações anedóticas de modo que os participantes concordam ou não com certas afirmações ou histórias. Avaliam que homens podem estar menos dispostos a admitir pensamentos, sentimentos ou ações que consideram ser “Feminino” e o mesmo pode ocorrer com as mulheres.

Não há consenso na literatura sobre a explicação sobre o fato de mulheres serem mais empáticas do que os homens, mesmo sendo evidente nos questionários de autorrelato, precisa ser considerada as questões sociais. Enquanto alguns autores questionam as descobertas de que as mulheres são mais empáticas do que os homens (Eisenberg & Lennon, 1983, Ickes et al., 2000, Klein & Hodges, 2001), a maior parte da literatura apoia a conclusão de diferenças entre gêneros no tocante à empatia. A questão de saber se os homens ou as mulheres são mais pró-sociais é complexa, pois essa questão provavelmente depende do contexto e das normas sociais vividas antes de ser considerada como algo fechado (Kamas & Preston, 2020).

Estudos sobre pró-socialidade, bem como de educação voltada para comportamentos pró-sociais, vêm sendo desenvolvidos desde a década de 1980 por autores como Eisenberg, Roche, Koller (Farias & Monteiro, 2006). Esses estudos estão relacionados com a psicologia

do desenvolvimento e com a psicologia social, propondo a pró-socialidade como um meio e uma técnica das ciências sociais (Farias & Monteiro, 2006).

Eisenberg (1982, 1992) define comportamento pró-social como ações voluntárias e intencionais que visem consequências positivas para beneficiar o outro, sem influências ou pressões externas, como prêmios, recompensas materiais ou sociais, que busca ofertar benefício ao próximo. A demonstração da pró-sociabilidade se dá por meio de intenções, ações, pensamentos ou palavras que se manifesta por uma pessoa diante de um dilema moral (Eisenberg, 1982, 1992). Expressa-se em contextos sociais, podendo ser intensificada por programas de educação pró-social que promovam o desenvolvimento humano (Eisenberg et al., 2017).

Cavalcanti e Ribeiro (2014) acrescentam ao debate do comportamento pró-social que ele é de grande importância e, quando desenvolvido, colabora com uma cultura do cuidar, partindo do desenvolvimento sócio moral autônomo e do altruísmo. Podendo desenvolver dessa forma a autoestima, empatia, amor ao próximo e preservação, favorecendo as relações humanas. A empatia proporciona aos seres humanos os mais elevados atos de comportamentos pró-sociais e ciente dos benefícios que a empatia pode proporcionar para as pessoas, desenvolvê-las desde criança, desenvolve práticas altruístas na sociedade (Gaspar, 2014). As ações relacionadas à Sororidade também seguem esta demanda em lidar desde cedo com olhares e processos culturais que nem sempre contribuem com o desenvolvimento das meninas e das mulheres (Becker & Barbosa, 2016).

São diversas as motivações do comportamento pró-social, como a preocupação em promover o bem-estar do outro, vontade de retribuir um favor, agir de acordo com valores morais, ou ajudar alguém (Eisenberg, & Spinrad, 2014). Muitas são as evidências sobre os motivadores das ações pró-sociais e esses podem envolver razões orientadas para si; e orientados aos outros, relacionados aos valores morais já internalizados. O comportamento pró-

social pode ser considerado como um conjunto de diferentes comportamentos que buscam promover o bem-estar dos outros é formado por componentes públicos e privados (Eisenberg, & Spinrad, 2014).

Por algumas décadas, o foco de interesse dos psicólogos do desenvolvimento estava voltado para os aspectos negativos do comportamento infantil. O interesse pelo comportamento mais positivo tem aumentado, até porque são crescentes as pesquisas relacionadas ao comportamento pró-social de crianças e adolescentes que sempre teve seus interesses voltados em entender e explicar as tendências agressivas e antissociais das crianças e adolescentes (Eisenberg, 1986).

A razão ou o raciocínio pró-social está relacionado às metas, aos valores, às necessidades e ao contexto situacional (Eisenberg, & Spinrad, 2014). Com isso também tem sido crescente o interesse em pesquisar o comportamento pró-social no público adulto. O conceito de pró-socialidade está diretamente ligado ao conceito de valores, incluindo aceitação e comunicação pela pessoa envolvida na interação, o que contribui para que o comportamento pró-social possa ser aprendido e ensinado (Koller, 1997; Farias & Oliveira, 2006).

Pesquisas sobre Sororidade ainda são recentes, principalmente no que se refere a indicadores que possam tornar possíveis a compreensão no que leva, ou não, mulheres a terem relações de irmandade com outras mulheres de forma individual ou em grupo. O presente trabalho tem por objetivo entender o quanto a Autoeficácia para a Sororidade pode mediar a relação de empatia entre as mulheres, aumentando a sua pro-sociabilidade. Para tanto, a ES-SOROR mede o quanto mulheres se sentem capazes de apoiar e serem empáticas com outras mulheres.

Método

Participantes

A amostra utilizada para a verificação da relação entre os construtos foi composta por 521 mulheres. As idades das participantes variaram entre 18 e 73 anos ($M = 41,0$; $DP = 11,993$). Desta amostra 98,3% mulheres se declararam cisgêneras, e 0,8% das respondentes preferiram não informar sua identidade sexual e 0,2% delas se declararam transgêneras. Em relação a raça/etnia as mulheres se declararam: 70,1% branca, 17,5% parda, 8,8% preta, 0,4% indígena, 2,5% amarela e 0,8% preferiram não informar. Em relação a maternidade, 59,5% das mulheres são mães e 40,5% não tem filhos. Sobre as regiões de residência 77% das mulheres respondentes estão na região sudeste, 8,6% na região nordeste, 7,5% na região sul, 3,8 estão na região centro-oeste e 3,1% na região norte do Brasil.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: elaborado pelas autoras e composta por sete questões. São elas: idade, identidade de gênero, identidade étnico racial, escolaridade, renda familiar mensal, região onde reside, se tem filhos.

Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia (ACME) - A ACME (Vachon & Lynam, 2015) é uma escala de autorrelato de 36 itens respondidos em uma escala Likert 5 pontos variando de "discordo fortemente" a "concordo fortemente", que mede a empatia cognitiva e a empatia afetiva, esta última subdividida em "ressonância afetiva" e "dissonância afetiva". Os coeficientes de alfas para ACME no estudo original foram de 0,85 a 0,91.

Escala de Pró-Sociabilidade - EPS (Noronha et al., 2020). O instrumento tem por objetivo avaliar o comportamento pró-social de pessoas adultas. Os 18 itens da EPS foram desenvolvidos em formato de vinheta, com uma ação realizada por um personagem. Exemplos de itens: "Eva é doadora de medula óssea" e "Silvio alimenta animais abandonados". Em seguida, o respondente deveria indicar se já fez tais ações e se tem vontade de fazê-las, com

chave de resposta dicotômica, Sim ou Não. Por fim, o participante atribuía a importância da ação apresentada na vinheta considerando uma escala tipo Likert de 4 pontos, de 1 (Não é importante) a 4 (Muito importante). Precisão: alfa = 0,85.

Escala de Autoeficácia para a Sororidade - ES-SOROR (Corbett e Noronha, 2022) É uma escala de autorrelato com 61 itens em escala Likert, variando de "discordo totalmente" a "concordo totalmente", que avalia o quanto a mulher sente-se capaz em desempenhar uma relação de Sororidade com outras mulheres. Para esta amostra, a precisão foi estimada pelo alfa = 0,919 e pelo ômega = 0,920.

Procedimento

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco e aprovada com o número de parecer CAAE nº 51383821.1.0000.5514. Todas as participantes foram informadas de seus direitos e deram aceite de forma online no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de informações se deu no formato online. Foi disponibilizado um link na plataforma Google Formulários e o instrumento foi divulgado via rede de movimentos de mulheres e redes sociais (e.g. Facebook, Instagram, LinkedIn, WhatsApp). Após concordar de maneira online com o TCLE, as participantes tiveram acesso ao protocolo que contou com: 1. *Questionário sociodemográfico*; 2. *Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia – ACME* (Vachon & Lynam, 2015); e 3. *Escala de Pró-Sociabilidade - EPS* (Noronha et al., 2020); e 4. *Escala de Autoeficácia para Sororidade - ES-SOROR* (Corbett & Noronha, 2022). Estimou-se 30 minutos para o preenchimento dos instrumentos.

Análise dos Dados

Foi realizada Análise Fatorial Confirmatória com método de estimação *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* (WLSMV), estimador considerado robusto e recomendado para itens de natureza categórica e ordinal, como escalas Likert. Os itens deveriam apresentar cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,30. Em seguida, foi testado um

modelo hierárquico de segunda-ordem, tendo como fator geral Autoeficácia para a Sororidade e os quatro fatores de primeira-ordem: Suporte social; Suporte Emocional; Ações coletiva; e Enfrentamento ao patriarcado. Foram utilizados os seguintes índices de ajuste: Root-Mean-Square Error of Aproximation (RMSEA; valor de referência $<0,05$), *Standardized root mean square residuals* (SMSR' valor de referência $<0,05$), Comparative Fit Index (CFI; valor de referência $>0,90$) e Tucker-Lewis Index (TLI; valor de referência $>0,90$)

Utilizou-se análise de correlação r de Pearson para investigar a associação entre os fatores. Para interpretação das magnitudes, foram considerados os valores propostos por Cohen (1988): $r \leq 0,29$ (fraca); $0,30 \leq r \leq 0,49$ (moderado); $r \geq 0,50$ (forte). Os índices de precisão para cada um dos fatores foram calculados por meio do alfa de Cronbach e ômega de McDonald, em que valores iguais ou superiores a 0,70 são considerados adequados. Os índices de precisão para cada um dos fatores foram calculados por meio do alfa de Cronbach e ômega de McDonald, em que valores iguais ou superiores a 0,70 são considerados adequados.

Foi testado um modelo de mediação por meio de *Path Analysis* tendo como variável independente (VI) a empatia, a Autoeficácia para a Sororidade como variável mediadora (Vmed) e a pró-sociabilidade como variável dependente (VD). As análises do modelo foram realizadas em três etapas: (1) regressão linear da empatia (VI) sobre a pró-sociabilidade (DV); (2) a inclusão da Autoeficácia para a Sororidade como variável mediadora (Vmed) entre a empatia e a pró-sociabilidade. As análises foram realizadas por meio de análise de trilha utilizando o software JASP.

Resultado

Análise de Mediação

Foi investigado em que medida a Autoeficácia para a Sororidade (variável mediadora) mediará a relação entre os fatores de empatia (variáveis independentes) e a pró-sociabilidade (variável dependente). Na primeira etapa de análises do modelo de mediação apenas os fatores

de Ressonância Afetiva ($b = 0,211$; 95% IC = 0,041 – 0,344) e Dissonância Afetiva ($b = 0,281$; 95% IC = - 0,113 – - 0,433) apresentaram efeitos diretos em Pró-sociabilidade. Assim, foi possível observar que com a inserção da variável mediadora, os efeitos diretos da VI sobre a VD foram reduzidos, em que a Sororidade explicou 23% da ressonância afetiva e 16% da Dissonância Afetiva da relação com a pró-sociabilidade.

Tabela 5

Coefficientes de Efeito Padronizados dos Modelos de Mediação Investigados

Modelos		Efeito	<i>p</i>	95% IC	
				inferior	superior
Efeitos diretos					
Empatia Cognitiva	→ Pró-sociabilidade	-0.001	0.879	-0.121	0.117
Ressonância Afetiva	→ Pró-sociabilidade	0.026	0.002	0.058	0.355
Dissonância Afetiva	→ Pró-sociabilidade	-0.035	< .001	-0.430	-0.131
Efeitos indiretos					
Empatia Cognitiva	→ Sororidade	0.007	0.019	0.015	0.110
Dissonância Afetiva	→ Sororidade	0.007	0.024	-0.002	0.135
Dissonância Afetiva	→ Sororidade	-0.007	0.024	-0.148	0.001
Efeitos Totais					
Empatia Cognitiva	→ Sororidade → Pró-sociabilidade	0.006	0.397	-0.067	0.157
Ressonância Afetiva	→ Sororidade → Pró-sociabilidade	0.034	< .001	0.126	0.422
Dissonância Afetiva	→ Sororidade → Pró-sociabilidade	-0.042	< .001	-0.480	-0.201

Figura 3

Modelo com coeficientes não padronizados

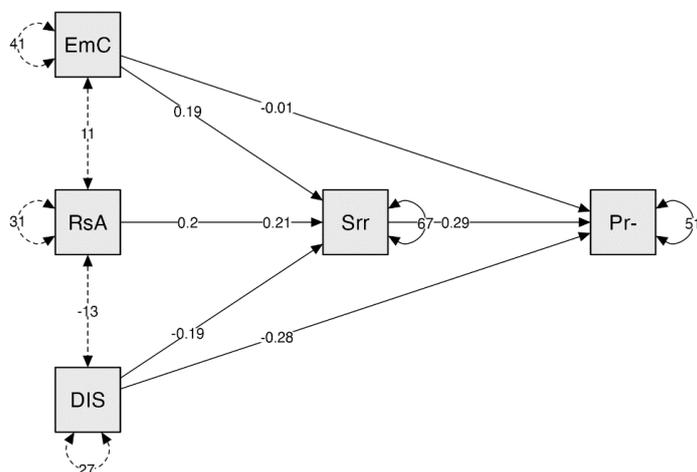


Tabela 6*Matriz de correlação dos dados*

Fatores	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Pró-sociabilidade	0.223 ***	0.178 ***	0.412 ***	0.307
Empatia Cognitiva	0.121 **	0.182 ***	0.144 ***	0.141
Ressonância Afetiva	0.185 ***	0.199 ***	0.194 ***	0.187
Dissonância Afetiva	0.128 **	0.137 **	0.164 ***	0.125

Nota. * $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Discussão

O objetivo do estudo foi entender o quanto a Autoeficácia para a Sororidade pode mediar a relação de empatia entre as mulheres, aumentando a sua pro-sociabilidade. Para isso, foi realizada a análise de mediação. A hipótese se baseou na premissa de que a empatia mediada pela autoeficácia para a Sororidade, a crença de ser capaz de contribuir com outras mulheres aumenta os comportamentos pro-sociais (Lagarde, 2012). Os resultados confirmaram a hipótese descrita nas análises.

A capacidade do indivíduo em tomar a perspectiva do outro e não focar em si é chamada empatia (Falcone, 1999), bastante pesquisada na área social, como exemplo (Eisenberg & Strayer, 1992), sendo que sua relação com a pró-sociabilidade já foi discutida (Falcone, 2018; Morelli et al., 2012). Neste estudo problematizamos em que medida essa relação entre empatia e pró-sociabilidade pode ser mediada pela autoeficácia para a Sororidade, entendida como a crença de que é a mulher é capaz de estabelecer alianças com outras mulheres, firmando parcerias de irmandade (Leal, 2018) e, portanto, um domínio de eficácia social (Bandura, 2008).

Em relação aos achados, a dimensão afetiva da empatia (Vachon & Lynam, 2015) teve impacto na Autoeficácia para a Sororidade, por ser uma importante habilidade nas relações

estabelecidas entre as mulheres (Leal, 2018; Kamas & Preston, 2020). Os dados apresentaram efeitos diretos em pró-sociabilidade (Eisenberg & Strayer, 1992) por ser uma habilidade que promove maiores relações empática. Relações empáticas entre mulheres aumenta a rede apoio e troca, fortalece vínculos (Leal, 2018; Kamas & Preston, 2020) e, conseqüentemente, melhoram a saúde mental das envolvidas (Falcone et al., 2013).

A possibilidade de alterar comportamentos a partir de intervenções na percepção sobre as crenças das pessoas proposto pela autoeficácia (Bandura, 1977) ficou evidente, ao nos depararmos com os resultados de que a Autoeficácia para a Sororidade apresentou efeitos diretos na empatia afetiva e na pró-sociabilidade. Embora não exista consenso na literatura, nos estudos de autorrelato as mulheres se descrevem como mais empáticas (Sampaio et al., 2009).

A Autoeficácia para a Sororidade aparece nos resultados como um domínio único, como descrito na literatura, por considerar que o construto seja a autoeficácia, expressos na análise de segunda ordem (Bandura, 1977). A crença em contribuir com outras amplia as possibilidades de troca, neste estudo foi considerado a maternidade, mas podemos considerar outras variáveis como apoio nas situações de violência, como o ambiente de trabalho (Lagarde, 2012).

Foi possível observar que, no que se refere a empatia cognitiva, não houve impacto significativos. Os dados apresentaram efeitos diretos em Pró-sociabilidade, sendo possível observar que a Autoeficácia para a Sororidade explicou 23% da ressonância afetiva e 16% da dissonância Afetiva da relação com a pró-sociabilidade (Vachon & Lynam, 2015).

Hooks (2018) ressalta que a Sororidade deve ser adotada como uma decisão de atuar em prol da justiça e da equidade para esse gênero nas mais diversas posições de existência, indo além do compartilhamento das vivências comum entre mulheres. Como a exemplo da maternidade, muitas são as formas de vivenciá-la (Lagarde, 2012).

O estudo ainda é inicial e segue como uma possibilidade de ampliá-lo para novas fases e considerando outras características das relações das mulheres não pesquisadas. Em futuras pesquisas com esta escala, sugere-se a revisão e possíveis adaptações para outras fases do desenvolvimento, como para as adolescentes.

Considerações Finais

O presente estudo poderá contribuir para o mundo acadêmico, bem como para demandas sociais, considerando a lacuna teórica. No espaço acadêmico, a Sororidade é um tema de pesquisa recente e, como parte dos estudos mais sociais, não tem avaliações em grande escala. A pesquisa vem somar com possibilidades de fornecer elementos que possam fundamentar propostas de políticas públicas, emancipação, autonomia e, conseqüentemente, contribuir com a melhora da qualidade das relações entre as mulheres. Uma possibilidade para fortalecer a crença da possibilidade em promover igualdade de gênero e fomentar maior discussão sobre relações empáticas entre mulheres. A pesquisa quanti-qualitativa faz uso de conceitos dos movimentos sociais expressos na psicologia social e poderá subsidiar a realização de programas de intervenção voltados para a promoção de Autoeficácia para a Sororidade. Uma possibilidade de gerar indicadores e modelos de trabalho mais eficazes na promoção de relações empáticas e pro-sociais pode estabelecer mais rede de apoio numa perspectiva de resistência a cultura estrutural e, estruturante, de manutenção do lugar da mulher como inferior. Contrapondo a nossa história de misoginia, machismo e nas relações patriarcais existentes.

Referências

- Alexandre, M. (2002). Breve descrição sobre processos grupais. *Comum*, 7(19), 209-19. https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/56101841/Breve_descricao_sobre_os_processos_grupais_-_Marcos_Alexandre-libre.pdf?1521484093=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DBREVE_DESCRICA0_SOBRE_PROCESSOS_GRUPAIS.pdf&Expires=1705691234&Signature=
- Azevedo, S. M. L. D., Mota, M. M. P. E. D., & Mettrau, M. B. (2018). Empatia: perfil da produção científica e medidas mais utilizadas em pesquisa. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 03-23. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000300002&lng=pt&tlng=pt.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 191-215. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. In A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro, S. (Orgs.). *Teoria Social Cognitiva, Conceitos Básicos*. (p.15 – 42). Artmed.
- Batson, C. D., Lishner, D. A., & Stocks, E. L. (2015). 13 The Empathy–Altruism Hypothesis. In *The Oxford handbook of prosocial behavior* (pp. 259-268). Oxford library of psychology. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195399813.013.023>
- Becker, M. R., & Barbosa, C. M. (2016) Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e Experiências de Vida e Formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas Ciências Humanas. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 2(2), 243-256. <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883>
- Cavalcanti, M. M. D. S. G., & de Souza Ribeiro, M. S. (2014). Cultura do Cuidado Integral: Autonomia E Altruísmo Na Promoção de Saúde e Educação. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, 4(6). <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/272>
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5, 71-93. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000100005>
- Davis, M. H. (1980). A Multidimensional approach to individual differences in empathy. *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, p. 85. http://www.ucp.pt/site/resources/documents/ICS/GNC/ArtigosGNC/AlexandreCastroCaldas/24_Da80.pdf
- Davis, M. H. (1983). The effects of dispositional empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(2), 167-184. doi:10.1111/j.1467-6494.1983.tb00860.x
- Eisenberg, N., (1982). *The Development of Prosocial Behavior*. Academic Press.

- Eisenberg, N., Lennon, R., & Roth, K. (1983). Prosocial development: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 19(6), 846–855. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.19.6.846>
- Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983). Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin*, 94(1), 100–131. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.94.1.100>
- Eisenberg, N. (1986). *Altruistic emotion, cognition, and behavior (PLE: Emotion)*. Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9781315746135>
- Eisenberg, N., & Miller, P. A. (1987). The relation of empathy to prosocial and related estouhaviors. *Psychological bulletin*, 101(1). <https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91>
- Eisenberg, N. (1992). *The Caring Child*. Cambridge. Harvard University Press.
- Eisenberg, N. & Strayer, J. (1992). Prefácio. Em: N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatia y su desarrollo* (pp. 9-10). Desclée de Brouwer.
- Eisenberg, N.; Murphy, B.C. & Shepard, S. (1997). *The development of empathic accuracy*. In. W. Ickes (Org.). *Empathic accuracy*. (pp. 73- 116). Guilford
- Eisenberg, N., Hofer, C., Sulik, M. J., & Liew, J. (2014). The development of prosocial moral reasoning and a prosocial orientation in young adulthood: Concurrent and longitudinal correlates. *Developmental Psychology*, 50(1), 58–70. <https://doi.org/10.1037/a0032990>
- Eisenberg, N., & Spinrad, T. L. (2014). Multidimensionality of prosocial behavior. *Prosocial development: A multidimensional approach*, 13, 17-39.
- Eisenberg, N., Spinrad, T. L., Taylor, Z. E., & Liew, J. (2017). Relations of inhibition and emotion-related parenting to young children's prosocial and vicariously induced distress behavior. *Child development*, 90(3), 846- 858. <https://doi.org/10.1111/cdev.12934>
- Falcone, Eliane. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Falcone, E. M., Ferreira, M. C., da Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., de Assis Faria, C., D'Augustin, J. F., ... & de Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (IE): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 7(3), 321-334.
- Falcone, E. M. D. O., Pinho, V. D. D., Ferreira, M. C., Fernandes, C. D. S., D'Augustin, J. F., Krieger, S., ... & Pinheiro, L. C. (2013). Validade convergente do Inventário de Empatia (IE). *Psico-USF*, 18, 203-209. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200004>
- Farias, M. A., & Oliveira, N. R. M. (2006). Reflexões sobre pró-socialidade, resiliência e psicologia positiva. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 39-46.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000200004&lng=pt&tlng=pt.

- Freud, S. (1987). Tratamento psíquico (ou anímico). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas: vol VII* (J. Salomon Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905)
- Gaspar, A. (2014). Neurobiologia e psicologia da empatia pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia. *Povos E Culturas*, (18), 159-174. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2014.8947>
- Gola, M. J. A., Santos, S. C., & Herrera, M. S. (2022). Formação da Competência Social das Relações Interpessoais nos Estudantes Universitários do Curso de Ensino Primário. *RICTS/ Revista Internacional de Ciências, Tecnologia e Sociedade*, 5(1). <https://doi.org/10.37334/ricts.v5i1.55>
- Goleman, Daniel. *Inteligência Emocional*. 18. Ed. Objetiva, 1995.
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rosa dos tempos.
- Kamas, L., & Preston, A. (2021). Empathy, gender, and prosocial behavior. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 92, 101654. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2020.101654>
- Klein, K. J. K., & Hodges, S. D. (2001). Gender differences, motivation, and empathic accuracy: When it pays to understand. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(6), 720–730. <https://doi.org/10.1177/0146167201276007>
- Koller, S. H., & Camino, C. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 18, 43-53. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300004>
- Leal, T. (2018) A Ética da Sororidade: Sentimentos Morais, Gênero e Mídia The Ethics of Sorority: Moral Ssentiments, Gender and Media. (*Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*) https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59019993/trabalhos_arquivo_05RVT9I2R4XKIE2Q1VY9_27_6556_26_02_2018_13_50_2920190424-29448-lydnhc-libre.pdf?1556183807=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_ETICA_DA_SORORIDADE_sentimentos_morais.pdf&Ex
- Leal, Tatiane. A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2019.
- Morelli S. A., Rameson L. T., & Lieberman M. D. (2014). The neural components of empathy: Predicting daily prosocial behavior. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 9(1), 39–47. <https://doi.org/10.1093/scan/nss088>

- Noronha, A. P. P., Dias-Viana, J. L., Batista, H. H. V., Souza, M. H., Campos, A. M. B., Theotonio, M., Pio, J. L. S., Vanni, P., Queiroz, L. G. Q. & Corbett, J. S. (2020). Construção e evidências de validade com base na estrutura interna da escala de pro-Sociabilidade (EPS) [manuscrito submetido para publicação]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco, Universidade São Francisco.
- Ramos, M. D. F. D. S. (2018). *Comportamento Pró-Social, Empatia e Crenças de Confiança Interpessoal nos Pares durante a Adolescência: Estudo da sua relação numa amostra de Adolescentes do 3º Ciclo* [Doctoral dissertation] Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/85592>
- Rotenberg, K. J., Fox, C., Green, S., Ruderman, L., Slater, K., Stevens, K., & Carlo, G. (2005). Construction and validation of a children's interpersonal trust belief scale. *British Journal of Developmental Psychology*, 23(2), 271-293. <https://doi.org/10.1348/026151005X26192>
- Rogers, C. R. (2001). *Tornar-se pessoa* (5a ed., M. J. C Ferreira & A. Lamparelli, trads.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1985)
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. S, & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 212-227. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200002>
- Silva, P. H. D., & Panciera, S. D. P. (2023). Teoria da Mente e Empatia em Adultos Típicos: Uma Revisão de Escopo. *Psico-usf*, 28(3), 533–546. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280309>
- Vachon, D. D., & Lynam, D. R. (2016). Fixing the Problem With Empathy: Development and Validation of the Affective and Cognitive Measure of Empathy. *Assessment*, 23(2), 135-149. <https://doi.org/10.1177/1073191114567941>
- Wolff, T. C. (2020). A luta por sororidade. *Arte da Cena (Art on Stage)*, V.6 (1). <https://doi.org/10.5216/ac.v6i1.61179>
- Zimerman, D.E. (1993). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Artes Médicas.

Considerações Finais

Diante da lacuna de instrumentos com qualificação e adequação psicométricas em relação a sororidade e considerando a importância das fontes de autoeficácia nos processos de compreensão das crenças entre as mulheres para promover relações mais empáticas, esta tese buscou responder ao seguinte problema de pesquisa inicialmente levantado: A autoeficácia para a Sororidade é impactada pela empatia entre as mulheres e impacta na pró-sociabilidade? Este problema guiou o delineamento teórico e a construção da escala de autoeficácia para a sororidade.

Para tanto, a tese foi sistematizada em dois artigos. O primeiro “Escala de Autoeficácia para Sororidade (ES-SOROR): Construção e evidências de validade” e se dividiu em dois estudos, a saber: 1. Elaborar itens, buscar evidência de validade com base no conteúdo e realizar estudo de piloto; e 2. Buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna da Escala de Autoeficácia para a Sororidade (ES-SOROR) e estimativa da precisão. A crescente demanda por desenvolver instrumentos de avaliação com qualidades psicométricas apropriadas torna-se cada vez mais evidente no âmbito da avaliação psicológica e, principalmente, na relação com o campo social. O primeiro artigo buscou atender a essas demandas com a construção de uma ferramenta que possa ser disponibilizada para o uso de profissionais psicólogos que atuam com grupos e coletivos de mulheres. Foi possível construir uma escala com evidências de validade de conteúdo e de estrutura interna. Além disso, este trabalho também contribuiu para a disseminação da autoeficácia para a sororidade com mulheres adultas, algo que ainda é pouco explorado por pesquisadores psicólogos.

Já o segundo artigo “Estudos de mediação da Escala de Autoeficácia para Sororidade” teve como objetivo entender o quanto a Autoeficácia para a Sororidade pode mediar a relação de empatia entre as mulheres, aumentando a sua pró-sociabilidade. Foi possível constatar que a empatia cognitiva não teve alteração em relação a mediação da autoeficácia para a sororidade

em relação ao comportamento pró-social. Mas a empatia afetiva foi impactada pela mesma mediação e ficou evidente a relação dos afetos impactando a empatia e o comportamento pró-social. Sabemos que, no que se refere a mudanças de crenças, as pessoas promovem mudanças com as relações com mais sentido pessoal, logo as demandas mais afetivas.

Uma abordagem para criar indicadores e modelos de trabalho mais eficazes na promoção de relações empáticas e pró-sociais é ampliar as redes de apoio. Adotando uma perspectiva de resistência à cultura estrutural que perpetua a manutenção da mulher em uma posição inferior. Isso representa uma contraposição à nossa história marcada por misoginia, machismo e relações patriarcais, buscando superar essas dinâmicas prejudiciais.

Os estudos foram realizados em grande parte de forma online. A coleta se deu nesta modalidade pois, no período designado para esta etapa, vivíamos a pandemia da Covid-19. Porém, esta forma de coleta tem ampliado a possibilidade de participação de forma mais plural das participantes. Podemos compreender que o mesmo limitador segue sendo um grande aliado para as pesquisas científicas. Uma continuidade para os estudos seria investigar outras fases do desenvolvimento, especialmente na adolescência, por ser uma idade fértil para mudanças de comportamento.

Com este trabalho, espera-se ter contribuído com a comunidade científica, especialmente na relação da psicométrica com a psicologia social, além de impactar as políticas públicas direcionadas às ações com coletivos de mulheres. Que possa ser um início para novos estudos em relação a sororidade, empatia e pró-sociabilidade, pois fomenta relações de apoio entre as mulheres.

Referências

- ABL (2021). A Academia Brasileira de Letras disponibiliza a 6.^a edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Academia Brasileira. <https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letas-disponibiliza-6a-edicao-do-vocabulario-ortografico-da-lingua>
- Azzi, R. G.; Polydoro, S. A. J. (2006) *Auto-eficácia proposta por Albert Bandura: algumas discussões*. In: Azzi, R. G.; Polydoro, S. A. J. (orgs). *Auto-eficácia em diversos contextos*. pp. 9-24. Editora Alínea.
- Azzi, R. G., Ferreira, L. C. M., Basqueira, A. P., Guedes, M. D. C., & Gianfaldoni, M. H. T. A. (2019). Citações de Obras de Bandura em Artigos de Periódicos de Psicologia Brasileiros: Uma Análise Preliminar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187551>
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 191-215. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Bandura, A. (1986) *Social foundations of thought and action*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1989) *Social cognitive theory*. p. 1-85.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy, the exercise of control*. Freeman and Company: New York.
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. In. A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro, S. (Orgs.). *Teoria Social Cognitiva, Conceitos Básicos*. (p.15 – 42). Artmed.
- Barros, M. A., de Oliveira, J. A., & Spyrides, M. H. C. (2012). Um estudo sobre autoeficácia no trabalho e características sociodemográficas de servidores de uma universidade federal. *REGE-Revista de Gestão*, 19(4), 571-587. <https://doi.org/10.5700/rege479>
- Becker, M. R., & Barbosa, C. M. (2016) Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e Experiências de Vida e Formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas Ciências Humanas. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 2(2), 243-256. <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883>
- Bezerra, P. T. T. (2018) Sororidade nas Redes Sociais: Elas de mãos dadas numa ciranda contra a violência sobre as mulheres? [Dissertação de mestrado] Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116736/2/298864.pdf>
- Cámara, J. (2020). Sororidad y conciencia femenina: qué hermandad de mujeres para qué propuesta política. *Viento Sur*. <https://vientosur.info/sororidad-y-conciencia-femenina-que-hermandad-de-mujeres-para-que-propuesta/>
- Conselho Federal de Psicologia (2003). Resolução para regulamentação dos testes psicológicos. Resolução 02/2003. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf>

- Costa, S. G. (2009). Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 6(2), 1-29. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5175555>
- Faleiros, E. (2007) Violência de Gênero. In: Taquete, S. R. *Violência contra a mulher adolescente/jovem*. UERJ. (61-67).
- Firmino, F. H., & Porchat, P. (2017). Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19 (1), 51–61. <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819>
- Foucault, M. (1971). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária (Trabalho original publicado em 1969)
- Garcia, D. A. & Sousa, L. M. A. (2016) A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. *Estudos Linguísticos*, 44(3), 991–1008. <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032>
- Ickes, W., Gesn, P. R., & Graham, T. (2000). Gender differences in empathic accuracy: Differential ability or differential motivation? *Personal Relationships*, 7(1), 95-109. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2000.tb00006.x>
- Lagarde y de los Rios, M. (2012). El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías. *Livro eletrônico*. <https://repositorio.ciem.ucr.ac.cr/handle/123456789/121>
- Leal, T. (2018) A Ética da Sororidade: Sentimentos Morais, Gênero e Mídia The Ethics of Sorority: Moral Ssentiments, Gender and Media. (*Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*) https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/59019993/trabalhos_arquivo_05RVT9I2R4XKIE2Q1VY9_27_6556_26_02_2018_13_50_2920190424-29448-lydnhc-libre.pdf?1556183807=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_ETICA_DA_SORORIDADE_sentimentos_morais.pdf&Ex
- Leal, Tatiane. A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2019.
- Leal, T. (2020). O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. *Revista ECO-Pós*, 23(3), 139–164. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27601>
- Lima, L. G. de & Nassif, V. M. J., (2017). Similitudes Entre Teoria Social Cognitiva, Capital Psicológico e Comportamento Empreendedor: *Uma Reflexão Teórica. Gestão & Planejamento-G&P*. [10.21714/2178-8030gep.v18.4517](https://doi.org/10.21714/2178-8030gep.v18.4517)

- Martins, A. P. A. (2015). O Sujeito " nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, 4(1), 231-245. <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>
- Martínez, I. M. & Salanova, M., (2006). Autoeficácia en el trabajo: el poder de creer que tú puedes. *Estudios financieros*, [s.l.], n. 45. <https://doi.org/10.51302/rtss.2006.5863>
- Olivio, M. C., & Calado, J. N. (2015). *Apontamentos sobre Patriarcado e Capitalismo*. [Dissertação de mestrado] Universidade Estadual de Londrina.
- Pajares, F.; & Olaz, F (2008). Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro (Eds.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. (97-114). Artmed.
- Penkala, A. P. (2014). A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black. *Paralelo 31*, 2(3). <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10216>
- Piedade, V. (2017) *Dororidade*. Editora Nós.
- Tiburi, M., (2016). Prefácio. In Souza, B., *Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas*. (pp 7-10) Galeria Record.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Artmed Editora.
- Vergès, F. (2020). *Um feminismo decolonial*. Ubu Editora.
- Wolff, T. C. (2020). A luta por sororidade. *Arte da Cena (Art on Stage)*, V.6 (1). <https://doi.org/10.5216/ac.v6i1.61179>

Apêndice e Anexos

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Eletrônico

Mulheres militantes

Gostaria de convidá-la a participar de um estudo chamado: “**Escala de Autoeficácia para Sororidade (ES-SOROR): Desenvolvimento, evidências de validade e intervenção grupal**”. Trata-se de um estudo com o objetivo de construir um instrumento de autoeficácia para a sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas.

Esta pesquisa é importante porque irá permitir que possamos entender e criar indicadores do quanto as mulheres sentem que podem contribuir e apoiar outras mulheres. Compreendendo esses comportamentos, será possível criar projetos de intervenção, contribuindo com autonomia, empatia e melhores relações e construção de redes de apoio entre as mulheres.

Você responderá a questões abertas e fechadas em uma entrevista no ambiente digital, com a pesquisadora Juliana dos Santos Corbett. Essa entrevista será áudio gravada para fins de pesquisa. O tempo gasto para a entrevista será de aproximadamente 20 minutos.

Este projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, bairro: Cidade Universitária, Cep: 12916-900, Bragança Paulista/SP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981 ou e-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco poderá ser consultado a qualquer momento por você.

Os procedimentos deste estudo serão realizados da seguinte maneira: para avançar para a próxima página com as perguntas você deverá clicar no botão “Declaro que li e concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” logo ao final deste texto. Em seguida, você preencherá os dados em uma plataforma segura, de modo que eles serão utilizados somente para fins de pesquisa. Você preencherá os questionários somente uma vez. Os dados desta pesquisa serão mantidos de forma sigilosa pela pesquisadora e sua orientadora por 5 anos antes de serem destruídos, conforme as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS nº 466/12 e 510/16).

Em nenhum momento você precisará se identificar inserindo seu nome ou dados que possam comprometer seu anonimato. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outras participantes e em todas as etapas do estudo está garantido o sigilo e privacidade das informações inseridas. Um dos benefícios de sua participação em nossa pesquisa é que você poderá compreender melhor como você avalia sua eficácia em relação a outras mulheres.

O presente estudo possui risco mínimo para as participantes, mas é possível que você sinta algum desconforto emocional ao responder algumas das questões. Caso isto aconteça, você poderá entrar imediatamente em contato com a pesquisadora responsável (Juliana dos Santos Corbett) por e-mail: julianasantoscobbett@gmail.com e/ou telefone (19) 99714-8656, em que você receberá um suporte emocional, já que a profissional é psicóloga e está habilitada para apoiar algum desconforto que possa sentir.

Reforço que sua disposição para responder a essa pesquisa é voluntária, e a qualquer momento você poderá desistir da sua participação ou mesmo se retirar em qualquer etapa, sem qualquer tipo de penalização ou prejuízo. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a pesquisadora responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Apêndice B – Questionário Sociodemográfico para as entrevistas iniciais (síncronas e áudio-gravadas)

Idade ()

Região onde reside:

() Centro-Oeste

() Norte

() Nordeste

() Sul

() Sudeste

Escolaridade:

() Ensino Fundamental Incompleto / Completo

() Ensino Médio Incompleto/ Completo / Técnico

() Ensino Superior Incompleto

() Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação

Profissão: _____

Renda familiar mensal:

() Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00)

() De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 1.045,00 - 3.135,00)

() De 3 a 5 salários mínimos (R\$ 3.135,00 – 5.225,00)

() De 5 a 15 salários mínimos (R\$ 5.225,00 – 15.765,00)

() Acima de 15 salários mínimos (maior que R\$ 15.765,00)

Tem filhos:

() Sim () Não

Caso a opção anterior tenha sido sim, quantos filhos você tem: _____

Participação de algum grupo, projeto, instituição, movimento social ou de mulheres?

() Sim () Não

Tem alguma experiência ou atua com o público feminino?

() Sim () Não

Se sim na questão anterior qual seu trabalho? Descreva como é seu trabalho e como exerce essa ação. (questão aberta)

Apêndice C – Entrevista semiestruturada (síncronas e áudio-gravadas)

- 1) Já ouviu falar em sororidade?
- 2) O que entende por sororidade?
- 3) Como você percebe que existe sororidade?
- 4) Que comportamentos acredita que facilita uma relação de sororidade?
- 5) Que comportamentos acredita que dificulta uma relação de sororidade?
- 6) Como definiria sororidade?
- 7) Dê exemplos do que observa ser uma relação de sororidade.
- 8) O que mais teria a falar sobre sororidade?

Apêndice D – TCLE dos Juízes Especialistas

Prezado(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem como objetivo construir um instrumento de autoeficácia para a sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas. Para tanto, é solicitada sua colaboração para avaliar os itens da escala quanto à clareza da linguagem, pertinência prática, relevância teórica e dimensão teórica de seu conteúdo. Para a clareza, pertinência e relevância utilizaremos uma escala composta por cinco graus, variando de pouquíssimo a muitíssimo. Para a dimensão, você deverá informar em qual dimensão você acredita que o item pertença. Sugestões de alterações dos termos e frases são bem-vindas.

Ressalta-se que, em conformidade com o Comitê de Ética Local, os dados serão tratados de forma confidencial e identificados por códigos, garantindo assim seu anonimato. Se o(a) senhor(a) aceitar participar, por favor, assine o termo que se encontra abaixo e nos envie junto do documento com suas avaliações no prazo de 30 dias. Esperamos contar com sua colaboração.

Se o(a) senhor(a) tiver dúvidas durante a participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter ocorrido, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a pesquisadora Juliana dos Santos Corbett, pelo e-mail (julianasantoscobbett@gmail.com) ou telefone (19) 9.9714.8656. Questões éticas poderão ser esclarecidas com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, localizado no endereço Rua São Francisco de Assis, 218 – Jardim São José, CEP: 12916-900 – Bragança Paulista - SP, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa ou pelo telefone (11) 2454-8981.

Agradeço desde já pela sua colaboração.

Eu, _____, portador do
CPF _____, na condição de juiz especialista, declaro
estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo a minha participação.

Data: ___/___/202___,

Assinatura

Apêndice E - TCLE – Mulheres Juízas

Prezada,

A senhora está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem como objetivo construir um instrumento de autoeficácia para a sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas. Para tanto, é solicitada sua colaboração para avaliar os itens da escala quanto à clareza da linguagem, pertinência prática, relevância teórica e dimensão teórica de seu conteúdo. Para a clareza, pertinência e relevância utilizaremos uma escala composta por cinco graus, variando de pouquíssimo a muitíssimo. Para a dimensão, você deverá informar em qual dimensão você acredita que o item pertença. Sugestões de alterações dos termos e frases são bem-vindas.

Ressalta-se que, em conformidade com o Comitê de Ética Local, os dados serão tratados de forma confidencial e identificados por códigos, garantindo assim seu anonimato. Se o(a) senhor(a) aceitar participar, por favor, assine o termo que se encontra abaixo e nos envie junto do documento com suas avaliações no prazo de 30 dias. Esperamos contar com sua colaboração.

Se a senhora tiver dúvidas durante a participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter ocorrido, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a pesquisadora Juliana dos Santos Corbett, pelo e-mail (julianasantoscobbett@gmail.com) ou telefone (19) 9.9714.8656. Questões éticas poderão ser esclarecidas com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, localizado no endereço Rua São Francisco de Assis, 218 – Jardim São José, CEP: 12916-900 – Bragança Paulista - SP, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa ou pelo telefone (11) 2454-8981.

Agradeço desde já pela sua colaboração.

Eu, _____, portadora do CPF _____, na condição de mulher juíza, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e autorizo a minha participação.

Data: ___/___/202___,

Assinatura

Apêndice F- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Eletrônico

Mulheres estudo piloto

Gostaria de convidá-la a participar de um estudo chamado: “**Escala de Autoeficácia para Sororidade (ES-SOROR): Desenvolvimento, evidências de validade e intervenção grupal**”. Trata-se de um estudo com o objetivo de construir um instrumento de autoeficácia para a sororidade e buscar evidências de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas.

Esta pesquisa é importante porque irá permitir que possamos entender e criar indicadores do quanto as mulheres sentem que podem contribuir e apoiar outras mulheres. Compreendendo esses comportamentos, será possível criar projetos de intervenção, contribuindo com autonomia, empatia e melhores relações e construção de redes de apoio entre as mulheres.

Você responderá a dois instrumentos (questionários) de forma online. Serão: 1. Informações sociodemográficas; e 4. Escala de Autoeficácia para Sororidade (ES-SOROR). O tempo gasto para responder os instrumentos será de aproximadamente 20 minutos.

Este projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, bairro: Cidade Universitária, Cep: 12916-900, Bragança Paulista/SP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981 ou e-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br. O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco poderá ser consultado a qualquer momento por você.

Os procedimentos deste estudo serão realizados da seguinte maneira: para avançar para a próxima página com as perguntas você deverá clicar no botão “Declaro que li e concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” logo ao final deste texto. Em seguida, você preencherá os dados em uma plataforma segura, de modo que eles serão utilizados somente para fins de pesquisa. Você preencherá os questionários somente uma vez. Os dados desta pesquisa serão mantidos de forma sigilosa pela pesquisadora e sua orientadora por 5 anos antes de serem destruídos, conforme as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS nº 466/12 e 510/16).

Em nenhum momento você precisará se identificar inserindo seu nome ou dados que possam comprometer seu anonimato. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outras participantes e em todas as etapas do estudo está garantido o sigilo e privacidade das informações inseridas. Um dos benefícios de sua participação em nossa pesquisa é que você poderá compreender melhor como você avalia sua eficácia em relação a outras mulheres.

O presente estudo possui risco mínimo para as participantes, mas é possível que você sinta algum desconforto emocional ao responder algumas das questões. Caso isto aconteça, você poderá entrar imediatamente em contato com a pesquisadora responsável (Juliana dos Santos Corbett) por e-mail: julianasantoscobbett@gmail.com e/ou telefone (19) 99714-8656, em que você receberá um suporte emocional, já que a profissional é psicóloga e está habilitada para apoiar algum desconforto que possa sentir.

Reforço que sua disposição para responder a essa pesquisa é voluntária, e a qualquer momento você poderá desistir da sua participação ou mesmo se retirar em qualquer etapa, sem qualquer tipo de penalização ou prejuízo. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a pesquisadora responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Apêndice G – Questionário Sociodemográfico - Estudo Piloto

1. Idade em números		
2. Identidade Gênero	Mulher Cis	
	Mulher Trans	
	Mulher Travesti	
	Pessoa Não Binária	
	Não informar	
3. Você se considera (IBGE)	Amarela	
	Branca	
	Indígena	
	Parda	
	Preta	
	Prefiro não responder	
4. Escolaridade	Ensino Fund. Incompleto	
	Ensino Fund. Completo	
	Ensino Médio/Tec. Incompleto	
	Ensino Médio/Tec. Completo	
	Ensino Superior Incompleto	
	Ensino Superior Completo	
	Pós-graduação	
5. Renda Familiar Mensal	Até 1 salário-mínimo R\$ 1.380,60	
	De 1 a 3 salário-mínimo R\$ 1.380,60 à 4414,80	
	De 3 a 5 salário-mínimo R\$ 4414,80 à 6.903,00	
	De 5 a 15 salário-mínimo R\$ 6.903,00 à 20.703,00	
	mais de 15 salário-mínimo R\$20.703,00	
6. Tem filhos?		

Apêndice H - Termo de Consentimento Livre (TCLE) – coleta online

Gostaria de convidá-la a participar de um estudo chamado: **“Escala de Autoeficácia para Sororidade (ES_SOROR): desenvolvimento, evidências de validade e intervenção grupal”**. Trata-se de um estudo com o objetivo de construir um instrumento de autoeficácia para a sororidade e buscar evidência de validade baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com as variáveis externas.

Esta pesquisa é importante pois permitirá que possamos entender e criar indicadores do quanto as mulheres sentem que podem contribuir e apoiar outras mulheres. Compreendendo esses comportamentos, será possível criar projetos de intervenção contribuindo com autonomia, empatia e melhores relações e construção de redes de apoio entre as mulheres.

Você responderá a quatro questionários de forma online, estes estão separados por seções e serão: 1. Informações sociodemográficas; 2. Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia (ACME); 3. Escala de Pró-Sociabilidade (EPS); e 4. Escala de Autoeficácia para Sororidade (ES-SOROR).

O tempo médio gasto para responder os instrumentos será de aproximadamente 30 minutos.

Este projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assim, nº 218, Cidade Universitária, CEP: 1216-900, Bragança Paulista/SP. Para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, você pode fazer contato pelo telefone (11)2454-8981 ou E-mail: comite.etica@saofrancisco.ed.br. O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco poderá ser consultado a qualquer momento por você.

Os procedimentos deste estudo serão realizados da seguinte maneira: para avançar para a próxima página com as perguntas você deverá clicar no botão “Declaro que li e concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” logo ao final deste texto. Em seguida, você preencherá os dados em uma plataforma segura, de modo que eles serão utilizados somente para fins de pesquisa. Você preencherá os questionários somente uma vez. Os dados desta pesquisa serão mantidos de forma sigilosa pela pesquisadora e sua orientadora por 5 anos antes de serem destruídos, conforme as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS nº 466/12 e 510/16).

Em nenhum momento você precisará se identificar inserindo seu nome ou dados que possam comprometer seu anonimato. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outras participantes e em todas as etapas do estudo está garantido o sigilo e privacidade das informações inseridas. Um dos benefícios de sua participação em nossa pesquisa é que você poderá compreender melhor como você avalia sua percepção empática e de eficácia em relação a outras mulheres.

O presente estudo possui risco mínimo para as participantes, mas é possível que você sinta algum desconforto emocional ao responder algumas das questões. Caso isto aconteça, você poderá entrar imediatamente em contato com a pesquisadora responsável (Juliana dos Santos Corbett) por e-mail: julianasantoscobbett@gmail.com e/ou telefone (19) 99714-8656, em que você receberá um suporte emocional, já que a profissional é psicóloga e está habilitada para apoiar algum desconforto que possa sentir.

Reforço que sua disposição para responder a essa pesquisa é voluntária, e a qualquer momento você poderá desistir da sua participação ou mesmo se retirar em qualquer etapa, sem qualquer tipo de penalização ou prejuízo. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a pesquisadora responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Diante do exposto, você se sente esclarecida e aceita participar da pesquisa de forma voluntária?

Apêndice I – Questionário Sociodemográfico para a coleta online - ES-SOROR

1. Idade em números		
2. Identidade Gênero	Mulher CISGÊNERA (nasci num corpo lido socialmente como de mulher e me reconheço como mulher)	
	Mulher CISGÊNERA (nasci num corpo lido socialmente como de mulher e me reconheço como mulher)	
	TRAVESTI (nasci num corpo lido socialmente como de homem, mas me reconheço e me reconheço com a figura feminina)	
	Pessoas NÃO BINÁRIE (não me reconheço nem como mulher nem como homem)	
	Prefiro não informar	
3. Você se considera (IBGE)	Amarela	
	Branca	
	Indígena	
	Parda	
	Preta	
	Prefiro não responder	
4. Escolaridade	Ensino Fund. Incompleto	
	Ensino Fund. Completo	
	Ensino Médio/Tec. Incompleto	
	Ensino Médio/Tec. Completo	
	Ensino Superior Incompleto	
	Ensino Superior Completo	
	Pós-graduação	
5. Renda Familiar Mensal	Até 1 salário-mínimo R\$ 1.380,60	
	De 1 a 3 salário-mínimo R\$ 1.380,60 à 4414,80	
	De 3 a 5 salário-mínimo R\$ 4414,80 à 6.903,00	
	De 5 a 15 salário-mínimo R\$ 6.903,00 à 20.703,00	
	mais de 15 salário-mínimo R\$20.703,00	
6. Região do Brasil onde você reside	Norte	
	Nordeste	
	Centro-Oeste	
	Sudeste	
	Sul	
7. Tem filhos?		

Apêndice J – Escala de Autoeficácia para Sororidade – ES-SOROR (Corbett & Noronha, 2022)

Instruções: Neste bloco você vai preencher o formulário considerando **o quanto você se sente capaz de** desempenhar cada situação. Sem juízo de valor, sem certo ou errado, para cada item assinale a alternativa que mais se aproxima do que você entende ser capaz de realizar em cada ação. Sendo:

- 1 - Discordo totalmente
- 2 - Discordo parcialmente
- 3 - Indiferente
- 4 - Concordo parcialmente
- 5 - Concordo totalmente

	Eu me sinto capaz de...	1	2	3	4	5
1	Apoiar outras mulheres em situações de fragilidade					
2	Confrontar um homem que esteja assediando uma mulher publicamente					
3	Me imaginar no lugar de outras mulheres com vivências diferente das minhas					
4	Interferir na relação de um casal quando presenciar violência física					
5	Estar à disposição de outras mulheres em momentos que elas necessitam de apoio					
6	Criticar piadas que rebaixem as mulheres nas rodas de amigos					
7	Ser capaz de dar acolhimento emocional a outras mulheres					
8	Respeitar quando meninos brincam com brinquedos ditos femininos					
9	Apoiar mulheres que foram julgadas no ambiente de trabalho					
10	Encorajar mulheres a não se sentirem inferiores aos homens					
11	Ser acolhedora com mulheres fora do padrão de beleza					
12	Apoiar mulheres que escolhem sair e se distrair ao invés de ficar arrumando a casa					
13	Qualificar outras mulheres sem competir por vaidade					
14	Apoiar uma mulher que opta por não ter filhos					
15	Apoiar mulheres nos enfrentamentos diferentes dos meus					
16	Cozinhar para outra mulher diante da necessidade dela					
17	Defender direitos das mulheres					
18	Segurar uma criança chorando em local público para ajudar uma mulher sozinha					

19	Iniciar um movimento no trabalho para apoiar mulheres					
20	Organizar a casa de outra mulher diante da necessidade dela					
21	Mobilizar mães para apoiar professoras na escola					
22	Mobilizar a escola para defender uma criança que sofre discriminação em relação a características					
23	Apoiar uma trabalhadora, independente de seu cargo					
24	Rever minha postura para apoiar mulheres com ideias diferentes					
25	Valorizar o trabalho de uma trabalhadora doméstica					
26	Me posicionar e interromper uma situação em que uma mulher está sofrendo violência verbal					
27	Apoiar mulheres que tenham realidades socioeconômicas diferente da minha					
28	Interferir numa situação em espaço público para defender uma mulher					
29	Defender uma trabalhadora sofrendo ofensas					
30	Não criticar uma mulher que esteja fora do padrão de beleza					
31	Sair de onde estou e ir ao encontro de uma mulher que precisa de ajuda independente da cor de sua pele					
32	Abrir mão de privilégios na defesa de mulheres independente da cor da pele					
33	Apoiar mulheres que são desqualificadas pela sua etnia					
34	Ouvir e dar atenção as dificuldades de outras mulheres					
35	Relacionar socialmente com mulheres trans em espaços públicos					
36	Ouvir sem julgar uma mulher					
37	Defender uma mulher trans que está sendo discriminada					
38	Ouvir desabafos de outras mulheres					
39	Defender uma mulher que esteja sofrendo racismo					
40	Acolher dores de outras mulheres sem julgar					
41	Defender uma mulher negra que está sendo discriminada					
42	Ficar em silêncio caso a outra mulher não queira saber minha opinião					
43	Organizar ações sociais para apoiar mulheres					
44	Apoiar uma mulher que está fora do padrão de corpo esperado socialmente					
45	Esperar uma mulher para seguir juntas por uma rua escura					
46	Apoiar uma mulher que escolhe ter ou manter seu cabelo independente do estereótipo					

47	Me aproximar de uma mulher para protegê-la de assédio no ônibus					
48	Estar perto de mulheres com vestimentas que me causam desconforto					
49	Mobilizar colegas no trabalho para diminuir o assédio					
50	Respeitar emoções e dores de outras mulheres					
51	Me envolver em ações coletivas para apoiar mulheres					
52	Respeitar a decisão de mulheres que voltem para o convívio do autor de violência					
53	Me envolver em conselhos de direitos (controle social) para garantir direitos das mulheres					
54	Respeitar o comportamento de uma mulher que é muito diferente do meu					
55	Agir em prol de causas femininas					
56	Respeitar quando outra mulher estiver triste					
57	Criar estratégias de ações para apoiar desconhecidas					
58	Entender que as mulheres têm o direito de fazer o que quiserem com seus corpos					
59	Apoiar a ideia de outra mulher no trabalho					
60	Aceitar uma mulher que é extravagante nas roupas que veste					
61	Compreender que, em alguns momentos, os cuidados maternos e os cuidados individuais são igualmente importantes					

Apêndice K – Categorização da análise de conteúdo

Categorização 1- Transcrição, compreensão e análise dos termos, temas, práticas e percepções comuns das narrativas. Foram organizadas as categorias (linhas) encontradas descritas inicialmente por questão (colunas).

	Questão 2. O que você ouviu, ou o que você entende por sororidade?	Questão 3. O que você ouviu, ou o que você entende por sororidade?	Questão 4. Você acha que existem comportamentos que facilitam a sororidade?	Questão 5. Você acha que existem comportamentos que dificultam a sororidade?	Questão 6. Como você definiria sororidade?
1	Patriarcado	Se colocar no lugar da outra (empatia)	Se colocar no lugar da outra (empatia)	Se colocar no lugar da outra (empatia)	Estar ao lado/Suporte/Dar as mãos
2	Poder dos homens sobre as mulheres	Defender a outra/mobilizar	Defender a outra/acolher	Enfrentar o patriarcado	Sem julgar
3	Compreensão entre as mulheres	Enfrentar o patriarcado	Na Prática	Rivalidade entre as mulheres	Educar
4	Sentir a dor	Na Prática	Entender lutas de classe	Comportamento de arrogância/prepotência	Empatia/capacidade de ter empatia
5	Se colocar no lugar da outra (empatia)	Preconceito	Exercício de desconstrução	Falta de abertura para o novo	Humanidade/Respeito
6	Garantir direitos (luta)	Compartilhar experiências/rede/apoio	Compreensão entre as mulheres	Falta de Escuta	Diferença entre os corpos/singularidade/Aceitação
7	Fortalecimento entre as mulheres	Escuta	Sentir a dor	Questões de classe/pensamento elitista/privilégio	Amor entre mulheres
8	Rede solidária		Escuta	Sentir a dor	Rede de mulheres/Coletiva
9			Integração entre mulheres	Cobrança da internet	Ação/prática
10			Preconceito	Dar opinião sem pedir	
11			Confiança em si e nas outras	Ficar se justificando	
12			Se sentir capaz	Diferença de raça	
13				Falta de educação	
14				Falta de Cultura	

15				Falta de humanidade	
16				Consciência de si/sua força	
17				Machismo estrutural	
18				Na prática	
19				Excessiva atenção a casa e ao núcleo familiar	
20				Vida virtual/internet	
21				Preconceito	
22				Micropoder	
23				Quebra de confiança	

Categorização 2 – Novas leituras, compreensão e análise dos termos, temas, práticas e percepções comuns das narrativas. Foram aglutinadas e organizadas as categorias (linhas) encontradas descritas ainda por questão (colunas).

	Questão 2. O que você ouve, ou o que você entende por sororidade?	Questão 3. O que você ouve, ou o que você entende por sororidade?	Questão 4. Você acha que existem comportamentos que facilita a sororidade?	Questão 5. Você acha que existem comportamentos que dificulta a sororidade?	Questão 6. Como você definiria sororidade?
1	Patriarcado/Poder dos homens sobre as mulheres (Patriarcado)	Se colocar no lugar da outra (empatia)	Se colocar no lugar da outra/Compreensão entre as mulheres/Sentir a dor/Se sentir capaz(empatia)	Se colocar no lugar da outra/Sentir a dor/Falta de humanidade (empatia)	Empatia/capacidade de ter empatia/Estar ao lado/Suporte/Dar as mãos/Amor entre mulheres (empatia)
2	Se colocar no lugar da outra/Sentir a dor/Compreensão entre as mulheres (empatia)	Defender a outra/mobilizar (luta)	Defender a outra/acolher (luta)	Enfrentar o patriarcado/Machismo estrutural/Micropoder (patriarcado)	Sem julgar
3	Fortalecimento entre as mulheres/Garantir direitos/Rede solidária (luta)	Enfrentar o patriarcado (patriarcado)	Na Prática (Atitude)	Rivalidade entre as mulheres/Comportamento de arrogância/prepotência/Quebra de	Educar/Diferença entre os corpos/singularidade/Aceitação (singularidade)

				confiança (rivalidade)	
4		Na Prática (Atitude)	Entender lutas de classe (luta de classe)	Falta de abertura para o novo/Falta de Escuta (falta de abertura e escuta)	Humanidade/Respeito/Rede de mulheres/Coletiva (rede)
5		Preconceito	Exercício de desconstrução (desconstrução)	Questões de classe/pensamento elitista/privilégio (classes)	Ação/prática (atitude)
6		Compartilhar experiências/rede/apoio (rede)	Escuta	Cobrança da internet/Vida virtual/internet (internet)	
7		Escuta	Integração entre mulheres/Confiança em si e nas outras (união)	Dar opinião sem pedir	
8			Preconceito	Ficar se justificando	
9				Diferença de raça (raça)	
10				Falta de educação e cultura	
11				Consciência de si/sua força	
12				Na prática (atitude)	
13				Excessiva atenção a casa e ao núcleo familiar	

Categorização 3 – Novas leituras, compreensão e análise dos termos, temas, práticas e percepções comuns das narrativas. Foram aglutinadas e organizadas a partir destas análises por temas gerais e não mais separadas em questões.

	Temas primeira categorização	Temas categorização final para a construção dos itens
1	Enfrentamento ao Patriarcado	Empatia
2	Empatia	Patriarcado
3	Luta	Lutas
4	Atitude	Atitudes

5	Preconceito	Preconceito
6	Rede	Escuta
7	Escuta	Desconstrução
8	Luta de Classe	União
9	Desconstrução	Singularidade
10	União	
11	Coletivo	
12	Singularidade	
13	Sem julgamento	
14	Falta de Empatia	
15	Foco no Patriarcado	
16	Rivalidade	
17	Falta de Abertura e escuta	
18	Privilégios de Classes	
19	Cobrança do mundo virtual	
20	Dar opinião sem pedir	
21	Necessidade em ficar se justificando	
22	Diferença entre raças	
23	Falta de educação e cultura	
24	Falta de consciência de si, sua força	
25	Não ter atitudes com as outras	
26	Excesso de atenção com a casa e com a família	

Anexo I - Versão Brasileira Medida Afetiva e Cognitiva de Empatia – ACME (Vachon & Lynam, 2015)

Instruções: A seguir, você lerá uma série de afirmativas, devendo avaliar o quanto elas descrevem você, ou o quanto você concorda ou discorda delas. Para isso, escolha um número de 1 a 5, de acordo com a seguinte legenda:

1 = Discordo totalmente

2 = Discordo

3 = Não concordo nem discordo

4 = Concordo

5 = Concordo totalmente

Lembre-se de que não há respostas corretas! O importante é que você seja totalmente sincero em relação a como pensa ou como se sente.

Itens	1	2	3	4	5
1. Tenho dificuldade para ler as emoções dos outros					
2. Acho divertido intimidar as pessoas de vez em quando					
3. Eu consigo perceber quando alguém está com medo					
4. É óbvio para mim quando as pessoas fingem que estão felizes					
5. Adoro ver as pessoas ficarem com raiva					
6. Sinto prazer em ver pessoas que não conheço se assustarem					
7. Ajudar alguém que está passando necessidade faz com que eu me sinta bem					
8. Eu fico empolgado(a) ao dar para alguém um presente que penso que irá gostar					
9. Normalmente, eu compreendo por que as pessoas se sentem de determinada maneira					
10. Frequentemente me sinto irritado(a) quando meus amigos estão se divertindo					
11. Sinto desprezo por pessoas “alegrinhas”					
12. Eu não me preocupo muito em ferir os sentimentos dos outros					
13. Não me importo se outras pessoas estão felizes					
14. Tenho dificuldade para compreender o que outra pessoa está sentindo					
15. Eu consigo perceber quando as pessoas estão prestes a perder a calma					
16. Geralmente, eu consigo prever como alguém irá se sentir					
17. Não me importo se outras pessoas estão deprimidas					
18. Gosto de deixar os outros desconfortáveis					
19. Sinto prazer em fazer com que os outros se sintam bobos					
20. Quando meus amigos ficam com raiva, muitas vezes sinto vontade de rir					
21. Às vezes, sinto prazer em ver pessoas chorando					

22. Os sentimentos das outras pessoas não me incomodam nem um pouco					
23. Sinto-me péssimo(a) quando firo os sentimentos de alguém					
24. As desgraças dos outros não me incomodam muito					
25. Normalmente, eu consigo perceber como as pessoas estão se sentindo					
26. Às vezes, é engraçado ver pessoas sendo humilhadas					
27. Se eu pudesse sair impune, há algumas pessoas que eu sentiria prazer em machucar					
28. Se eu percebo que estou fazendo algo que machuca alguém, eu paro na mesma hora					
29. Frequentemente, tento ajudar as pessoas a se sentirem melhor quando estão chateadas					
30. Eu sinto prazer em fazer os outros felizes					
31. Eu não sou bom em compreender as emoções dos outros					
32. Já me disseram que sou insensível					
33. Normalmente, eu consigo adivinhar o que está deixando alguém com raiva					
34. As pessoas não precisam me dizer quando estão tristes, eu consigo ver em seus rostos					
35. É difícil para mim perceber quando alguém está triste					
36. Admito que sinto prazer em irritar outras pessoas					

Anexo II - Escala de Pró-Sociabilidade - EPS (Noronha et al., 2020).

Instruções: Abaixo são descritas 18 ações. Após a leitura de cada uma, você deverá responder com “Sim” ou “Não” às perguntas se você já fez a ação e se tem intenção de fazê-la. Em seguida deverá avaliar a importância da ação de 1 a 4. Em que 1 = nada importante; pouco importante; 3 = importante e 4 = muito importante.

1. Maria conscientizou seus vizinhos a não jogarem lixo na rua.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Maria:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

2. Pedro faz visitas a crianças e adolescentes de instituições de acolhimento.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Pedro:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

3. Adriana é doadora de órgãos.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Adriana:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

4. Juliana participa de uma campanha que troca lacres de latas de alumínio por cadeiras de rodas.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Juliana:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

5. Lucas participa de ações de plantio de árvores porque se preocupa com o futuro do planeta.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Lucas:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

6. Ana é doadora de sangue.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Ana:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

7. Camila participa de um projeto voluntário que visita crianças hospitalizadas.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Camila:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

8. Alice e seus familiares distribuem sopa e agasalhos a moradores em situação de rua.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Alice:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

9. Jéssica doa presentes para crianças institucionalizadas.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Jéssica:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

10. Eva é doadora de medula óssea.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Eva:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

11. Luiz arrecadou itens de higiene pessoal para doar a moradores em situação de rua.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Luiz:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

12. Silvio alimenta animais abandonados.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Silvio:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

13. Caio trocou sua festa de aniversário por um jantar comunitário para famílias carentes.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Caio:

1 = nada importante

2 = pouco importante

3 = importante

4 = muito importante

14. Lúcia ajuda os colegas que precisam finalizar trabalhos escolares.

A) Você já fez isso?

Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

Sim Não

C) Você considera a ação de Lúcia:

1 = nada importante

- 2 = pouco importante
- 3 = importante
- 4 = muito importante

15. Bento dedicou duas semanas de suas férias para ajudar uma ONG que cuida de animais resgatados

A) Você já fez isso?

- Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

- Sim Não

C) Você considera a ação de Bento:

- 1 = nada importante
- 2 = pouco importante
- 3 = importante
- 4 = muito importante

16. Davi cuida da preservação de uma praça no seu bairro.

A) Você já fez isso?

- Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

- Sim Não

C) Você considera a ação de Davi:

- 1 = nada importante
- 2 = pouco importante
- 3 = importante
- 4 = muito importante

17. Andréia lê histórias para idosos.

A) Você já fez isso?

- Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

- Sim Não

C) Você considera a ação de Andreia:

- 1 = nada importante
- 2 = pouco importante
- 3 = importante
- 4 = muito importante

18. Alexandre ajuda os amigos ouvindo seus problemas.

A) Você já fez isso?

- Sim Não

B) Você tem vontade de fazer isso?

- Sim Não

C) Você considera a ação de Alexandre:

- 1 = nada importante
- 2 = pouco importante
- 3 = importante
- 4 = muito importante